

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

PEDRO HENRIQUE ALMEIDA SANTOS

**ESTUDO DA HIDRONÍMIA DOS PRINCIPAIS AFLUENTES DO
RIO SÃO FRANCISCO**

BELO HORIZONTE

2025

PEDRO HENRIQUE ALMEIDA SANTOS

**ESTUDO DA HIDRONÍMIA DOS PRINCIPAIS AFLUENTES DO
RIO SÃO FRANCISCO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística (1A)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

BELO HORIZONTE

2025

S237e Santos, Pedro Henrique Almeida.
Estudo da hidronímia dos principais afluentes do Rio São Francisco [manuscrito]
/ Pedro Henrique Almeida Santos. – 2025. 1 recurso online (150 f. : il., maps.,
grafs., color.) : pdf.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 144-150.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa –
Regionalismos – São Francisco, Rio, Vale (MG) – Teses. 3. Toponímia – Teses.
4. Onomástica – Teses. 5. Linguagem e cultura – Teses. 6. Lexicologia – Teses.
7. Sociolinguística – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ESTUDO DA HIDRONÍMIA DOS PRINCIPAIS AFLUENTES DO RIO SÃO FRANCISCO

PEDRO HENRIQUE ALMEIDA SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra - Orientadora

UFMG

Prof(a). Maria do Socorro Vieira Coelho

Unimontes

Prof(a). Ros elles Magalhães Felício

Unimontes

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2025, às 20:10, conforme horário oficial

de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ros'elles Magalhães Felício, Usuário Externo**, em 20/02/2025, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria do Socorro Vieira Coelho, Usuário Externo**, em 20/02/2025, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3979989** e o código CRC **5E55344B**.

A ti, minha avó, para que saibas, ainda que morta, da minha infinita tristeza.

AGRADECIMENTOS

Minha jornada, desde as lembranças mais ternas, foi acolhida pela generosidade e apoio daqueles que acreditaram nos meus sonhos. Sei que minha trajetória começou muito antes de mim; o sonho que hoje se realiza é também fruto dos esforços e aspirações de muitos dos meus. Meu profundo agradecimento é, antes de tudo, para meus ancestrais, cuja fé e aspiração por um futuro melhor abriram o caminho que hoje trilho. São eles que, em essência, sustentam essa conquista.

Agradeço com carinho à Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, por me mostrar o caminho da pesquisa toponímica, por sua orientação exemplar, pela cumplicidade ao longo desta jornada acadêmica, pelas conversas e amizade que cultivamos.

Ao ATEMIG (Atlas Toponímico de Minas Gerais), pela base de dados, fundamental para a elaboração deste trabalho.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro que foi essencial durante o Mestrado, e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, por viabilizar este trabalho;

Aos membros da banca, pela leitura e apontamentos.

À Profa. Dra. Ros'elles Magalhães Felício, por sua generosidade no ensino e pela amizade que sempre me inspirou.

À minha mãe, Dozinha, sonhadora do (im)possível, cuja força e amor sempre foram minha inspiração. Aos familiares queridos, pelo apoio. A Daniel, meu companheiro, pela cumplicidade. Aos amigos que estiveram ao meu lado, minha gratidão.

RESUMO

Desde os tempos antigos, os cursos d'água têm desempenhado um papel fundamental como rotas de navegação, migração e assentamento, além de fornecerem recursos essenciais para o sustento e o desenvolvimento humano. Nesse processo de convivência e adaptação, foram estabelecidos os topônimos, que servem como referências dessas rotas, refletindo a interação entre o ser humano e o ambiente, bem como a construção das identidades culturais locais. Diante dessa importância, este estudo teve como objetivo sistematizar, descrever e analisar os nomes dos 46 principais afluentes do rio São Francisco, investigando os fatores que motivaram a constituição desses topônimos. Para tanto, adotou-se uma abordagem teórica baseada nas ciências do léxico, que examinam a relação entre língua, cultura e sociedade, com base nas contribuições de Sapir (1969), Saussure (2006), Biderman (1987, 2006, 2014) e Isquerdo (1997, 2014). No campo da toponímia, o estudo aprofundou-se nas teorias de Dauzat (1926), pioneiro dos estudos toponomásticos, e Dick (1990, 1990a), referência no Brasil pelos modelos taxonômicos, além da perspectiva diacrônica de Seabra (2004), que analisou a evolução histórica dos nomes de lugares. A pesquisa confirmou a hipótese de que os topônimos refletem processos de nomeação relacionados às rotas migratórias históricas e ao contexto de colonização do Brasil. Os dados linguísticos foram analisados para compreender as motivações, os contextos culturais e a relação com as identidades indígena, africana e de outros imigrantes. Além disso, realizou-se a classificação taxonômica dos topônimos, com a quantificação dos dados e sua apresentação em gráficos, quadros e tabelas. A análise revelou que os topônimos atuam como marcas históricas, projetadas pela consciência humana no ambiente, perdurando e se expandindo ao longo do tempo. Observou-se também que os topônimos funcionam como uma memória coletiva, preservando as vivências e identidades humanas, mesmo diante das transformações no espaço geográfico.

Palavras-chave: Léxico. Hidronímia. Onomástica. Rio São Francisco. Toponímia.

ABSTRACT

Since ancient times, watercourses have played a pivotal role as routes for navigation, migration, and settlement, in addition to providing essential resources for human sustenance and development. Throughout this process of coexistence and adaptation, toponyms have been established, serving as references for these routes and reflecting the interaction between humans and their environment, as well as the construction of local cultural identities. Given their significance, this study aimed to systematize, describe, and analyze the names of the 46 main tributaries of the São Francisco River, investigating the factors that motivated the creation of these toponyms. A theoretical approach rooted in lexical studies was adopted, examining the relationship between language, culture, and society based on contributions from Sapir (1969), Saussure (2006), Biderman (1987, 2006, 2014), and Isquerdo (1997, 2014). In the field of toponymy, the study delved into the theories of Dauzat (1926), a pioneer in toponomastic studies, and Dick (1990, 1990a), a Brazilian authority known for her taxonomic models, alongside Seabra's (2004) diachronic perspective, which analyzed the historical evolution of place names. The research confirmed the hypothesis that toponyms reflect naming processes tied to historical migratory routes and Brazil's colonization context. Linguistic data were analyzed to understand the motivations, cultural contexts, and their relationship with Indigenous, African, and other immigrant identities. Furthermore, the toponyms were classified taxonomically, with data quantified and presented through graphs, charts, and tables. The analysis revealed that toponyms act as historical markers, projected by human consciousness onto the environment, persisting and expanding over time. It was also observed that toponyms function as collective memory, preserving human experiences and identities despite transformations in geographic space.

Keywords: Lexicon. Hydronymy. Onomastics. São Francisco River. Toponymy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Intersecção Onomástica	29
Figura 2 - Culturas da bacia hidrográfica do São Francisco.....	45

MAPAS

Mapa 1 - Bacia do São Francisco	44
Mapa 2 - Regiões fisiográficas da bacia hidrográfica do São Francisco.....	46
Mapa 3 - Presença do topônimo São Francisco em Minas Gerais	127

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual dos topônimos quanto à natureza.	129
Gráfico 2 - Quantitativo dos topônimos de natureza física	130
Gráfico 3 - Quantitativo dos topônimos de natureza antropocultural	131
Gráfico 4 - Origem etmológica.....	132
Gráfico 5 - Classificação dos topônimos por natureza e origem.....	134
Gráfico 6 - Natureza e Região fisiográfica do topônimo	137
Gráfico 7 - Gênero do topônimo	138
Gráfico 8 - Classificação morfológica.....	139

QUADROS

Quadro 1 - Principais afluentes da bacia do São Francisco (por região).....	49
Quadro 2 - Principais afluentes da bacia do São Francisco (por ordem alfabética).....	51
Quadro 3 - Modelo de Ficha Toponímica	52
Quadro 4 - Relação dos topônimos quanto à origem	133
Quadro 5 - Predominâncias taxionômicas nas Regiões Fisiográficas	136
Quadro 6 - Estrutura morfológica do topônimo (Simples)	139
Quadro 7 - Estrutura morfológica do topônimo (Composto).....	140

LISTA DE ABREVIATURAS

A – Antroponímia
ADJ – Adjetivo
ADJpl – Adjetivo plural
ADJsing – Adjetivo singular
ADV – Advérbio
ANA – Agência Nacional das Águas
Apl – Artigo plural
Asing – Artigo singular
ATB – Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
CBHSF – Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
N – Nome simples
NA – Natureza antropocultural
NC – Nome composto
NCf – Nome Composto feminino
NCm – Nome Composto masculino
NF – Natureza física
Nf – Nome feminino
Nm – Nome masculino
Nº – Número
p. – página
Prep – Preposição
Pron – Pronome
Spl – Substantivo plural
Ssing – Substantivo singular
T – Toponímia
T – Toponímia
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
USP – Universidade de São Paulo
V – Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E NOMEAÇÃO.....	17
1.1 Língua e sociedade.....	17
1.1.2 Cultura	20
1.2 O ato de nomear.....	22
1.3 Léxico.....	24
1.4 Onomástica.....	28
1.5 Toponímia	31
1.6 – Breve histórico dos estudos toponímicos	39
1.6.1 Projeto ATEMIG	41
CAPÍTULO 2 - O RIO SÃO FRANCISCO	44
2.1 A bacia hidrográfica do São Francisco.....	45
2.2 Hidrônimos principais do Rio São Francisco	47
2.2.1 Seleção dos principais afluentes	48
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
3.1 Apresentação do <i>corpus</i>	50
3.2 Ficha Toponímica	52
4 APRESENTAÇÃO e DESCRIÇÃO DOS CORPORA.....	55
5. ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	127
5.1 Análise quantitativa dos dados.....	128
5.2 Quanto a origem dos topônimos.....	131
5.2.1 Quanto a origem dos topônimos e suas naturezas	134
5.3 Quanto as predominâncias das <i>taxes</i> nas regiões fisiográficas	135
5.4 Quanto ao gênero do topônimo	138
5.5 Quanto a morfologia do topônimo	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

Os cursos d'água, sejam rios ou mares, desde os tempos mais antigos, têm sido rotas de descobrimentos e intensos fluxos migratórios, além de fontes de sustento e desenvolvimento econômico para as populações que, em suas margens, construíram suas vidas. Essa interação, no âmbito dos estudos das águas, pode ser interpretada historicamente e analisada numa dupla relação: o homem e o ambiente, o nome e o designador, o topônimo e os fatos históricos (Correia, 2013).

A toponímia, conforme Dick (1990a), se dedica ao estudo dos nomes de lugares, investigando sua origem, significado e as mudanças linguísticas que ocorrem ao longo do tempo. Essa área também analisa a distribuição dos topônimos em uma região específica, o que a torna relevante para disciplinas como a História, a Geografia e a Linguística, que é a área de concentração deste estudo. À vista disso, nosso plano de estudo foi descrever e analisar a hidronímia dos 46 principais afluentes do Rio São Francisco, localizados na margem direita e esquerda ao longo da sua bacia e regiões fisiográficas.

O presente estudo contou com os pressupostos teóricos das chamadas ciências do léxico, fundamentados na relação entre língua, cultura e sociedade. Dessa maneira, seguimos as orientações teóricas de Sapir (1961), uma vez que o autor entende essas relações como fatores indissociáveis e organiza os estudos do léxico nas relações acima descritas. Em se tratando das teorias toponímicas, seguimos as postulações teóricas de Dauzat (1926), pioneiro dos estudos toponomásticos; Dick (1990; 1990a), referência dos estudos toponímicos no Brasil, principalmente pelos princípios e modelos taxonômicos; Seabra (2004), que trata da vertente diacrônica dos nomes de lugares.

Considerando que o presente estudo realiza uma investigação da hidronímia dos principais afluentes do rio São Francisco, nosso estudo propôs demonstrar a veracidade da hipótese inicial de que os principais afluentes do Rio São Francisco revelam circunstâncias diversas nos processos de nomeação das suas bacias. Ainda, que esses processos estão historicamente associados às rotas migratórias das águas do São Francisco desde, ou antes, do período de colonização do Brasil.

À vista dessas informações, este estudo definiu como objetivos geral: sistematizar, descrever e analisar os nomes dos principais afluentes (hidrônimos) do rio São Francisco. Dessa forma, buscaríamos registrar os fatores contidos nas constituições desses nomes a fim de revelar os fatores motivadores para que o denominador optasse por esta e não por outra denominação. Nas delimitações específicas, definiram-se:

- Levantar os hidrônimos dos principais afluentes da região do Rio São Francisco e organizá-los em fichas toponímicas (Seabra, 2004), observando as sessões fisiográficas: Baixa, Média, Submédia e Alta da sua bacia;
- Proceder à descrição e análise linguística dos dados com foco a entender suas motivações, assim como o contexto em que estão inseridos e se correspondem à identidade do indígena, africano e imigrantes diversos;
- Classificar os hidrônimos em suas respectivas taxonomias;
- Observar a origem dos nomes;
- Construir fichas toponímicas;
- Verificar a presença de topônimos indígenas.

Dados os tópicos norteadores deste trabalho, apresenta-se a organização dos capítulos.

No Capítulo 1: *A Relação entre Língua, Cultura e Nomeação*, são apresentadas as principais construções teóricas sobre a relação entre língua, cultura e sociedade, considerando que esses elementos são essenciais para facilitar as interações sociais, especialmente no que diz respeito ao ato de nomear. A nomeação, enquanto prática cultural, constitui um dos mecanismos pelos quais a sociedade organiza a realidade, estabelece relações e atribui significados a objetos e lugares. Para fundamentar essa discussão, o capítulo explora estudos sobre o léxico, que analisa o vocabulário e a organização das palavras, em correlação com a onomástica, voltada ao estudo dos nomes próprios, e, dentro desta investigação, com a toponímia, que examina os nomes de lugares e suas implicações culturais.

No Capítulo 2: *O Rio São Francisco*, são descritos os fundamentos que sustentam o interesse pelo *corpus* desta pesquisa, focado nos principais afluentes da bacia hidrográfica do rio São Francisco. Este capítulo contextualiza a história e a geografia da região, destacando as peculiaridades que influenciam a nomeação dos afluentes. Além disso, o capítulo explica os critérios de seleção dos dados.

No Capítulo 3: *Procedimentos Metodológicos*, apresenta-se a metodologia adotada, detalhando os critérios de seleção e organização dos dados para análise posterior. A estrutura da pesquisa é descrita, abordando as características e formas de organização, assim como as fichas lexicográfico-toponímicas utilizadas para o registro sistemático das informações toponímicas deste estudo.

No Capítulo 4: *Apresentação e Descrição dos Corpora*, são organizados e apresentados os dados toponímicos dos 46 afluentes analisados nesta pesquisa. Cada afluente é descrito em

termos de estrutura morfológica, expansão toponímica, abonações e ocorrências no banco de dados do Projeto Atlas Toponímico de Minas Gerais (ATEMIG), bem como sua origem.

No Capítulo 5: *Análises e Discussões*, os resultados são quantificados e apresentados em gráficos, quadros e tabelas, permitindo uma análise detalhada dos aspectos quantitativos e qualitativos dos topônimos. São interpretados fatores como a natureza física e antropocultural dos nomes, sua origem e predominância nas regiões fisiográficas, composição por gênero e estruturas morfológicas.

Nas *Considerações Finais*, retoma-se a análise realizada ao longo do trabalho, interpretando a relevância dos achados para a compreensão das relações socioculturais na região estudada. Também, discute-se a importância deste estudo para conhecimentos e discussão das relações entre o homem e o ambiente, ressaltando a importância do nome na preservação identitária e histórica dos lugares.

Por meio deste trabalho, buscamos destacar e valorizar a identidade toponímica dos principais afluentes da bacia hidrográfica do Rio São Francisco, entendendo que os nomes desses afluentes são marcos históricos que contribuem para o entendimento da vida humana ao longo desses hidroterritórios.

CAPÍTULO 1 – A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E NOMEAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos as bases teóricas que fundamentam o estudo da Toponímia, ramificação da Onomástica que trata dos nomes de lugar, “refletindo de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe” (Dick, 1990, p. 19). Dessa forma, construímos um referencial a partir da inter-relação entre língua, cultura e sociedade, que nos possibilita dissertar as implicações teóricas que emergem da nomeação como atividade social e cultural.

1.1 Língua e sociedade

As relações sociais, moldadas pelas evoluções linguísticas desde períodos imemoriais, são intrinsicamente influenciadas pela dinâmica da língua. Socialmente, a língua atravessa os indivíduos e se desenvolve na troca – o sujeito a partir do outro –, contribuindo significativamente para o avanço dos espaços (Saussure, 2006). Dá-se por esse viés que a língua também modifica o ambiente e através dela podemos “acompanhar a evolução da sociedade, dos costumes, das normas de comportamento, do vocabulário de um povo ou de uma região ao longo do tempo e do espaço” (Mendes, 2009, p. 22). Essa relação, contudo, faz-se num movimento contínuo, em que a simbiose da língua e da sociedade é indiscutível.

Fator constitutivo de cada indivíduo e que se concretiza coletivamente, revelando as interações dos sujeitos com o mundo, a língua, como observou Saussure (2006), é uma ampla instituição social que reflete os comportamentos de uma comunidade. Para esse linguista, fundador da Linguística Moderna¹, a língua é um sistema de valores puros, haja vista que ela existe em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade. Essa visão, ainda que sem o devido aprofundamento, revela que a língua é o espelho pelo qual se pode observar o desenho da sociedade, pois retrata as marcas do uso e a impressão das identidades dos sujeitos (Silva; Souza, 2017).

Redesenhada por um sistema dinâmico de influências sociais e culturais, inferimos também que a língua “nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana e também se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência” (Lima; Freitag, 2010, p. 14). Esse fato, até onde percebemos, assiste aplicações teóricas que sugerem o potencial exploratório da língua através dos tempos, uma vez que essa

¹ Ferdinand de Saussure (1857 -1913) foi um linguista e filósofo que observou a língua como um objeto autônomo. Para esse estudioso, a língua está em constante movimento e pode ser estudada nesse movimento diacrônico. A Linguística Comparada corresponde, pois, esse estudo que busca comparar sistematicamente as línguas, observando suas similaridades e diferenças.

é percebida como um conjunto de unidades que refletem as transformações históricas da sociedade. Nesse contexto, a língua também passa a ser observada sob a perspectiva da cultura, que materializa e perpetua as práticas sociais, perpetuando conhecimentos dentro das estruturas civilizadas.

Historicamente, as línguas humanas manifestam consciências que traduzem maneiras de viver e ser no mundo, revelando-se importantes para a transmissão da cultura e perenização da vida humana em sociedade (Isquierdo, 2019) – o homem faz uso da língua para se relacionar socialmente e esse processo é permeado pela influência cultural circundante. Dessa forma, as marcas distintivas que se observam em uma língua também são reflexos das cosmovivências humanas. Portanto, a língua assim delineada seria uma instituição que não apenas carrega referências do passado, ecoando seus significados no presente, mas um instrumento que carrega e compartilha matizes culturais que a envolvem. Frente ao exposto, Furtado *et al.* (2006, p. 92) observam que:

É lugar comum na história da humanidade a existência das línguas naturais como resposta às necessidades de o homem viver em sociedade, compartilhando e transmitindo experiências, práticas e pensamentos aos seus pares. Essa experiência compartilhada e configurada no seu sistema vocabular unifica-os e singulariza-os, distinguindo-os dos outros. Assim, à medida que a língua institui-se forma específica de intercomunicação, entre os indivíduos de uma determinada sociedade, fortalece os laços internos de tal grupo e torna-se patrimônio coletivo de seus membros, embora, cada indivíduo use essa língua de modo peculiar.

A dinâmica cultural da também língua evidencia repertórios de grupos linguísticos construídos ao longo dos tempos. Assim, por ser um componente vital do acervo social, a língua se consolida organicamente na estrutura da sociedade, sendo fundamental e necessária para o seu desenvolvimento. Costa (2012) dispõe que a história da humanidade e as transformações da língua se confundem historicamente desde o princípio, pois o homem é um ser social e, para se comunicar, sempre recorreu a algum sistema da comunicação oral. Essa pesquisadora também enfatiza a relação bilateral entre língua e sociedade, destacando que se por um lado a comunicação de uma sociedade é facilitada pela língua; por outro, para que a língua exista, é necessário que uma determinada comunidade a utilize.

Nesse percurso, Mendes (2009) enfatiza que mesmo seus falantes não percebiam a língua como um produto social e cultural, ela se mostra dinâmica e instável, sendo constantemente influenciada pela sociedade. Nesse processo, a língua possibilita que a sociedade crie e invista em ideias e ideais, tornando-se fundamental para a disseminação de conceitos e conhecimentos. Por esse ângulo, percebe-se que língua e sociedade são

intrinsecamente relacionadas, ou seja, elas se completam, sendo impossível falar de uma sem mencionar a outra.

Resumidamente, essas relações remetem a identidade da língua enquanto objeto determinado pelas mudanças sociais através do tempo. Nessa circunstância, a cultura é vista como um fenômeno intrinsecamente ligado a essas mudanças, diretamente relacionado à história social de um povo. Como Sapir (1969, p. 205) afirmou: “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas”. Um exemplo prático dessa interação é que palavras como “peão” podem constituir significados únicos em diferentes culturas, revelando os valores construídos em torno da palavra e as singularidades culturais que essa sociedade experimenta.

Câmara Jr. (1955) afirmou que a língua decorre do exercício humano de articulação e simbolização, desprovida de uma finalidade intrínseca, mas desempenhando um papel crucial ao expressar a cultura e viabilizar a comunicação social. Em outras palavras, ela é uma ferramenta que o homem, dotado de inteligência, criou para compartilhar ideias e conhecimentos com o mundo. No entanto, ao reconhecer que a língua também assume uma autonomia substancial, haja vista que ela tem uma estrutura própria, o autor propõe que ela seja compreendida como uma parte da cultura, embora distinta e destacada do contexto geral, estabelecendo, assim, uma dicotomia. Diante dessas considerações, ao desenvolver essas reflexões, esse autor estabelece relações fundamentais entre esses dois temas:

- 1) A língua é parte da cultura; 2) É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura; 3) Explica-se até certo ponto pela cultura e até certo ponto explica a cultura; 4) Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si; 5) Apresenta um progresso que é o seu reajustamento incessante com a cultura; 6) É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura (Câmara Jr, 1955, p. 58-59).

Portanto, ressalta-se que a língua é fundamental para o desenvolvimento da cultura, uma vez que envolve a relação do homem e sociedade (Lima, 2012). Da mesma forma, a sociedade desempenha um papel crucial nesses dois aspectos, sendo responsável por promover os padrões de comunicação por meio da língua e fomentar a cultura, que estabelece uma ponte entre o passado e o presente. No âmbito específico da cultura, reconhecemos que seus conceitos englobam valores, tradições e debates que são mantidos e preservados pela sociedade. Por isso mesmo, discorrer sobre suas definições nos permitirá esclarecer sua relação e influências como a língua e a sociedade.

1.1.2 Cultura

O termo cultura, bastante amplo, pode ser empregado em diversas acepções. Do ponto de vista social, isto é, um conceito que atende a maioria, cultura é o conhecimento sobre determinado assunto ou prática, resultante do ato de compartilhar o conhecimento ao outro; em outras palavras, “a aquisição cultural que acontece a partir do meio social do homem” (Lima, 2012, p. 20). Do ponto de vista teórico não há, pois, um conceito exato para o termo, as perspectivas intelectuais que buscam conceituá-la entendem que o termo é versátil e se desprende uma definição exata:

Definir o que é cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, a palavra “cultura” também tem sido utilizada em diferentes campos semânticos em substituição a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (Canedo, 2009, p. 1).

É correto afirmar que todo grupo social implica cultura, uma vez que as relações são formadas a partir das comunicações linguísticas entre os indivíduos. Além disso, são essas comunicações que transmitem e perpetuam o conhecimento, constituindo a própria cultura. Conforme Bosi (2006), a cultura abrange práticas, técnicas, símbolos e valores que precisam ser transmitidos às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A língua, assim, apresenta-se como um instrumento fundamental para a difusão da cultura e da ideologia de um povo. Dessa forma, não é possível dissociar língua e cultura, uma vez que qualquer alteração nos sistemas sociais e culturais se reflete na estrutura linguística.

Para Eagleton (2005) estamos, desde os momentos mais remotos de nossas vidas, imersos em uma complexa rede cultural, onde aprendemos e vivenciamos a cultura de maneira direta e indireta. A cultura social revela-se como um processo dinâmico que transmite de geração em geração os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Dessa forma, é possível conceber a cultura como um fenômeno livre e ativo, em constante surgimento. Se a cultura é aprendida, ela também está relacionada ao conhecimento de mundo, uma vez que o exercício de conhecer envolve explorar o que o meio conserva em si.

Para tornar mais clara a apresentação desse termo, encontramos em Duranti (2000, p. 48, *apud* Carvalho, 2014, p. 30) seis definições que nos ajudam a refletir a dimensão dos conceitos de cultura:

1. Cultura como algo distinto da natureza, aprendida na convivência das pessoas e transmitida de geração em geração através da linguagem;
2. Cultura como conhecimento livre, aprendida no conhecimento de mundo das pessoas e partilhada socialmente;
3. Cultura como comunicação, isto é, a cultura como algo que relaciona os indivíduos, grupos, situações, objetos e demais instrumentos;
4. Cultura como sistema de mediação, em que os objetos materiais, como as ferramentas de trabalho e também os sistemas de crenças e códigos linguísticos são mediadores entre o homem e seu entorno;
5. Cultura como sistema de práticas, em que a cultura é vista como algo não apenas externo ao homem (rituais ou símbolos herdados socialmente), nem algo interno (como a mente individual). Neste quesito específico, a cultura existe, pois, como uma prática rotineira que inclui as condições materiais e, também, pela experiência dos homens em seu seio familiar;
6. Cultura como um sistema de participação em que os indivíduos de uma comunidade compartilham os recursos existentes como as crenças, a linguagem, os costumes e etc.

Substancialmente, esses conceitos revelam a cultura como uma ferramenta social, ao mesmo tempo em que destacam a língua como um fenômeno social e cultural. Isso ocorre porque as experiências e saberes praticados em uma sociedade são possíveis graças ao uso linguístico. Nesse contexto específico, a língua também se configura como um canal importante para a preservação da cultura de uma sociedade, sendo o meio utilizado para a divulgação dos saberes. Nessa comparação, a cultura consiste nas práticas do indivíduo, seja de forma individual ou coletiva, por meio da linguagem, desdobrando-se em práticas, conhecimentos e sistemas de participação que moldam identidades.

A partir desse fato, compreendemos que as relações sociais e culturais em torno da língua são abundantes e apresentam interseções substanciais no campo da linguística, englobando disciplinas como Sociolinguística, Etnolinguística, Antropologia Linguística, Dialetoлогия e outras ciências correlatas. Não muito distante dessas disciplinas, ao explorarmos, com o intuito de aprimorar a fluidez deste referencial teórico, consideramos a reflexão sobre o ato de nomear realizado pelo ser humano. Entendemos, pois, que esse ato se revela como uma prática linguística e cultural, desempenhando um papel significativo na construção e transmissão de significados dentro de uma sociedade.

1.2 O ato de nomear

Colonizador de um mundo vazio, sem nome, pois é por meio da linguagem que se estabelece a comunicação e as formas nomeadas, o homem sempre desempenhou o papel de desbravador do (des)conhecido e, intencionalmente, nomeou as coisas e os seres ao seu redor. Essa categorização, como apontado por Pimentel (2022), configura-se como um processo criativo, dinâmico e variado, ligado diretamente à cognição humana e que se subordina a semântica da língua. Por isso mesmo, dotado de inteligência e intencionalidade, o homem tem a capacidade de construir um universo simbólico que reflete sua interação com o meio:

O ato de nomear é uma atividade essencial ao homem desde que se têm notícias de vida social, uma vez que, por meio da ação denominativa, objetos, espaços, sentimentos são categorizados, classificados e apropriados pelo nomeador. Nesse sentido, léxico, cultura, sociedade e ambiente formam um amálgama indissolúvel e revelador da visão de mundo e do conhecimento de alguém. Assim, todo universo tem um nome a lhe singularizar, diferenciar e definir (Souza; Dargel, 2017, p. 7).

O nome é a colaboração que o homem faz com o meio a partir de suas relações, uma referência à própria experimentação e uma ação inspirada nas próprias experiências, seja pelo contato direto ou pela troca de conhecimentos. “A efetiva capacidade do ser humano para a linguagem, permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em “formas significativas” ou traduzir em “palavras”, os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando em um todo orgânico” (Dick, 1990a, p. 32). Dessa forma, o processo de nomeação é um edifício de muitas camadas, elaborado por fatores inexplicáveis e que podem ser interpretados a partir de um estudo panorâmico.

É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem. A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos (Biderman, 2006, p. 35).

Nesse contexto, a nomeação pode ser interpretada como uma externalização da cultura social do homem, que utiliza da linguagem para organizar o ambiente. Carvalho (2014, p. 19) entende que “o ato de nomear reflete a cultura e a visão de mundo do dominador que são evidenciadas mediante escolhas dos nomes que identificam os referentes relacionados à realidade de cada grupo”. Ao dar um nome às coisas o homem organiza o mundo, categorizando sua realidade social. Conseqüentemente, esse exercício acaba sendo visto como uma

necessidade particular do indivíduo em termos de localização espacial, do domínio do território, referência, conhecimento e manifestação de poder (Isquierdo; Dargel, 2014).

Para Moreira (2010), o nome é a fundação para a formação da identidade, pois é por meio dele que as coisas no mundo são determinadas e diferenciadas. Dessa forma, compreendemos que a nomeação pode ser abordada como um estudo antropológico, revelando como as sociedades humanas se desenvolveram linguisticamente. Além disso, pode ser considerado um estudo linguístico, explorando os fatores que justificam a atribuição de nomes e sua evolução ao longo do tempo. Ao discorrer sobre a nomeação, Isquierdo (1997, p. 29) comenta que essa é uma questão atemporal e relaciona-se a elementos da natureza, para ela:

As pessoas ocupam, obrigatoriamente, um determinado espaço físico e necessitam dispor-se geograficamente nesse meio, inclusive pela própria necessidade de sobrevivência. Pensando-se essa questão da localização numa perspectiva mais ampla, constata-se que existem espaços maiores como continente, país, estado, município, distrito, zona rural, zona urbana que, por sua vez, situam-se num certo espaço físico com características específicas de acordo com as peculiaridades locais: hidrografia, orografia, vegetação... Assim, anteriormente a uma geografia humana existiu uma geografia física. Além desses elementos de natureza física há, ainda, fatores de ordem sócio-cultural influenciando e/ou determinando a vida do homem inserido nesse meio. Por isso mesmo, o ser humano, para situar-se no espaço que ocupa e para conviver com esse ambiente físico-social que o circunda, necessita nomeá-lo.

Contudo, a análise do nome é complexa, uma vez que não necessariamente concorda com a presunção de que o nome é uma criação destinada diretamente à significação de um objeto ou evento específico. Além disso, se partimos do pressuposto de que o desenvolvimento do nome é gradual, ele também pode resultar de diversos acontecimentos. Não obstante, essa questão encontra respostas inalcançáveis quando relacionamos a nomeação aos fatos da linguagem e a realidade dos indivíduos, haja vista que esses relacionamentos decorrem de contribuições e atravessamentos constantes.

Ao apontar esses pressupostos, Dick (1990a, p. 5) comenta que “a nomeação sempre foi uma atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana”. O homem sempre buscou se registrar no ambiente, tomando-o para si, ao seu modo. Da mesma forma, a nomeação é um marcador importante da identidade, determinando a distinção entre um lugar e outro. Nesse particular, a nomeação é uma ação singular inspirada na cosmovisão que experimenta o homem em suas culturas, em diferentes espaços históricos. Assim, esse exercício também representa um acervo cultural que resguarda a memória transmitida por gerações.

Dessa forma, cabe ressaltar que os estudos dos nomes próprios se concentram em avaliar os desígnios socioculturais e históricos, a fim de evidenciar suas motivações desde a sua origem. Além disso, por se desdobrarem em fatores diversos e muitas vezes distintos, esses estudos promovem o conhecimento da história dos meios a partir das relações dos indivíduos, permitindo “constituir um acervo de palavras que correspondem à realidade de quem as utiliza” (Gomes, 2019, p. 22). Essas pesquisas também recuperam fatos perdidos ou fragmentados, revelando os acontecimentos históricos de determinado local que, por diversas circunstâncias, perderam-se ou foram (re)significados ao longo do tempo.

Para Seabra (2006, p. 1957), os nomes dos lugares são identificadores únicos do ambiente e “designam de uma maneira única um espaço físico que corresponde a um conjunto de descrições ou, se quisermos, que é identificável por um determinado conjunto de propriedades que só a ele dizem respeito”, revelando sua geografia, características ou acontecimento histórico. Um topônimo, nesse caso, pode conservar a referência exata de algo marcante em uma região. Por exemplo, uma cidade próxima a um rio pode receber um nome que faça referência a esse curso d’água. Nesse contexto, a designação do nome torna-se uma marca histórica, não sugerindo apenas um rótulo, mas estabelecendo uma conexão com a história e as características específicas do local.

Ao revelar a formação dos sistemas linguísticos, destacamos as relações entre língua, cultura, sociedade com vistas a esclarecer os fatores que colaboram o ato de nomear. Nesse percurso, observamos que essas relações não apenas revelam fatos linguísticos, mas ainda operam como um reflexo do conjunto de valores, tradições e dinâmicas sociais, entrelaçando a língua ao contexto sociocultural. Essas relações também realçam a língua como uma ferramenta fundamental para compreender a profundidade das experiências humanas. A partir deste ponto, nossa discussão se voltará para o Léxico, uma área que, em parte, se dedica ao estudo do vocábulo em relação ao seu significado.

1.3 Léxico

O emprego e o significado das palavras, assim como o “nome de coisas”, têm sido objetos de estudo dos humanos ao longo dos séculos. Cada palavra carrega consigo a sua própria história, enraizada nos eventos que contextualizam sua identidade e colaboram para a definição do seu significado. Dessa forma, quando uma comunidade adota termos que espelham a sua visão de mundo, ela cria um documento vivo que registra não apenas a sua história, mas também os valores e a cultura que a guiam (Souza, 2008, p. 18).

Nesse particular, se considerarmos que a transmissão do conhecimento também se dá por intermédio do emprego de palavras, torna-se patente a importância de um exame metucioso acerca das utilizações específicas desses termos, notadamente aqueles que são característicos de grupos distintos. Essa análise aprofundada, consagrada como ciência do léxico, objetiva discernir a semântica subjacente e os contextos nos quais tais palavras são empregadas, proporcionando, assim, esclarecimentos perspicazes acerca da identidade, valores e cultura inerentes a uma determinada sociedade.

O léxico é a área de estudo da linguagem que melhor aborda a realidade linguística cultural e social de uma comunidade. É através da palavra que todo conhecimento adquirido em várias áreas do saber e acumulado ao longo da história de um povo é transmitido às gerações seguintes. Sendo assim, quando uma comunidade serve de vocábulos que expressam ou tentam expressar sua maneira de ver e sentir o mundo, ela passa a constituir uma espécie de documento vivo de sua própria história como, também, de toda a sociedade e cultura que a regem (Ribeiro, 2019, p. 171).

As definições que delimitam o léxico atribuem seu acontecimento a dinâmica social. Nas palavras de Biderman (1987), o léxico é aquilo que se relaciona com a cognição da realidade e com o processo de nomeação que se cristaliza em palavras e termos. Em outros termos, o léxico é bem mais que um conjunto de palavras; é aquilo que o ser tem por experiência; é a forma como entendemos a realidade em que vivemos. Dessa forma, colabora dizer que o léxico está intimamente ligado ao processo de nomeação, no qual atribuímos palavras a lugares, objetos e pessoas.

Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como uma etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e entidades em objetos diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (Biderman, 2006, p. 13).

No campo da linguística, as ciências que se interessam pela relação do homem com o mundo são compativelmente fundamentadas em suas buscas, dentre essas, na visão de Souza (2014), o léxico seria a que melhor retrata essa realidade linguística, cultural e social do homem. Para esse pesquisador, o léxico de uma língua tem a capacidade de revelar características mínimas, como o local onde se vive, bem como os costumes e crenças sociais. Em outros termos, o léxico nada mais é que o patrimônio linguístico de um povo, haja vista que “armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e

experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época” (Seabra, 2004, p. 29).

Ainda esse contexto, Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) formulam a seguinte definição acerca do léxico:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas de conhecimento (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 9).

Em termos gerais, o léxico desempenha um papel crucial ao revelar aspectos presentes nas tradições e identidades culturais de determinados povos. O uso específico de palavras pode oferecer percepções sobre seus costumes e modos de vida de um povo, resguardando identidades e formas de descrever o mundo. Nesse contexto, Silva e Paula (2016, p. 60) destacam que “através do léxico, são registradas memórias coletivas ou individuais dos componentes de uma sociedade.” Essas, quase sempre, estão carregadas de ideologias, de crenças, de valores sociais e culturais que nos fazem conhecer a identidade de um grupo.

Ao contribuir para esse entendimento, Freitas (2012) comenta que léxico se apresenta como um vasto repertório da sociedade. Ademais, enfatiza que assim como a sociedade vai se recriando ao longo dos tempos, o léxico também assimila essa condição variável e, dessa forma, expande o inventário vocabular de uma língua. No entanto, essa dinâmica da língua nos faz observar que o uso, desuso e substituição de palavras é um marcador importante das mudanças lexicais. A humanidade está em constante interação e, nesse contexto, é incompatível a neutralidade sobre as influências linguísticas de outros grupos.

Diante disso, Siqueira e Aguiar (2015) contribuem com a discussão afirmando que a língua se transforma no fluxo do tempo e que, apesar das transformações sofridas, continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários que garantem uma comunicação eficaz, pois as mudanças ocorrem em partes e não no todo da língua, num processo de *mutação* e *permanência*. Nesse sentido, faz-se importante enfatizar que as mudanças nem sempre significam uma alteração, eles podem representar uma simples variação, o resultado semântico de outras cosmovivências e percursos da língua. Daí dizer que “nem toda variação acarreta mudança, mas que toda mudança pressupõe variação” (Faraco, 2005, p.23).

Sob essa perspectiva, o léxico também pode ser estudado considerando as variações regionais e sociais. As regiões habitáveis, em qualquer lugar do mundo, determinam usos específicos de uma língua, contemplando identidades que exemplificam modos singulares de vida. Dessa forma, toda comunidade falante preserva sua identidade linguística, variando similaridades e discrepâncias em relação às demais comunidades linguísticas. Nessa ótica, essas características regionais e sociais não apenas atestam a diversidade linguística, mas também determinam as singularidades culturais que influenciam a manifestação lexical de uma comunidade.

Portanto, recorremos que o léxico é um sistema aberto em constante transformação que perpetua a experiência humana por meio do conjunto de palavras, pois o homem, à medida que fabrica novas realidades, cria novas palavras em um processo incessante (Biderman, 2006). Outrossim, vale ressaltar que “estudar o léxico de uma língua é estudar a cultura e a história de quem a utiliza” (Carvalho, 2014, p. 38), pois as palavras e seus usos são marcas históricas de uma sociedade e reflete a identidade de um povo. Além disso, se for pertinente acrescentar mais informações sobre essa ciência, observamos que ela engloba outros ramos científicos essenciais para a análise e compreensão da palavra: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

Para um melhor entendimento dessas ciências, Lima (2012) e Carvalho (2014) as descrevem da seguinte maneira: Lexicologia – ciência que tem como objeto de estudo as palavras nos seus diferentes subsistemas da língua, focalizando a análise da estrutura interna do léxico nas suas relações e inter-relações, apresentando aspectos teóricos e práticos; Lexicografia – ciência dos dicionários, que se ocupa da significação dos vocábulos, analisando o sentido das palavras de uma língua, o que querem dizer ou representar, busca dar ao léxico um tratamento sistêmico e formalizado em regras; Terminologia – ciência que se ocupa de um subconjunto do léxico geral que se constitui de cada área específica do conhecimento humano.

Como ciências do Léxico, esses ramos de estudo são significativos para a compreensão estrutural e simbólica da palavra, proporcionando uma análise detalhada dos materiais indispensáveis da linguagem. O Léxico, nesse contexto, manifesta-se como a ciência maior e detentora da articulação entre essas distintas esferas científicas, proporcionando uma apreensão mais abrangente do fenômeno linguístico. Em síntese, o Léxico interage com buscas científicas importantes para a demonstração da palavra e, dessa forma, apresenta-as não apenas sob uma análise teórica, mas também aplicada. Essa interação, no entanto, não se restringe apenas às ciências acima mencionadas; o Léxico também serve como objeto de estudo para a Onomástica, disciplina linguística que abordaremos a seguir.

1.4 Onomástica

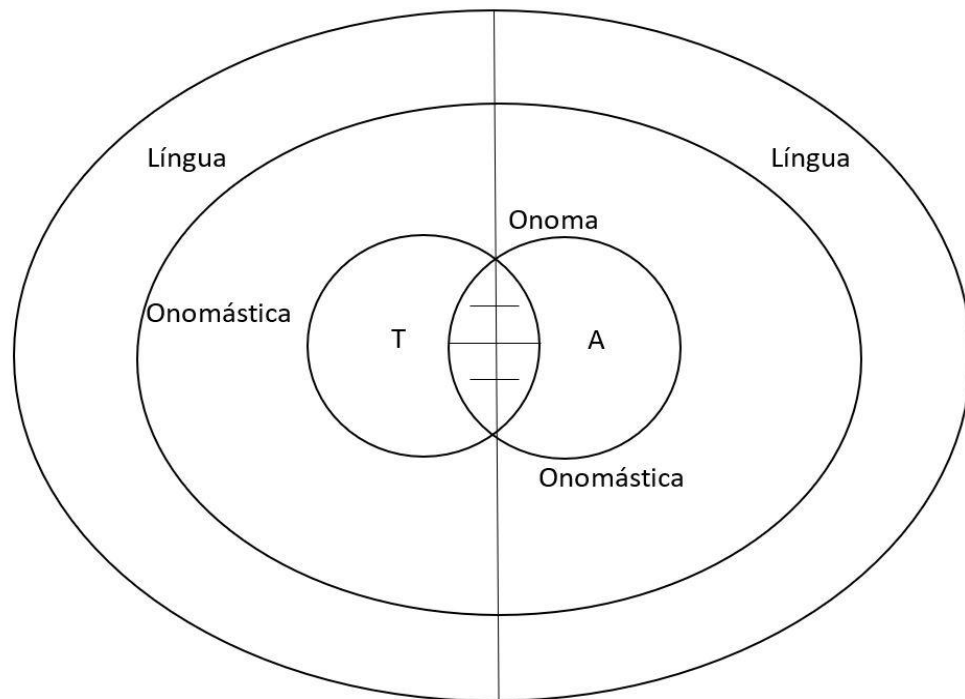
A Onomástica, disciplina linguística dedicada ao estudo dos nomes próprios, trata das condições sócio-históricas, culturais, geográficas, antropológicas e gramaticais associadas aos nomes. As discussões sobre essa disciplina remontam a períodos antigos. Ramos *et al.* (2010), informa que a origem da Onomástica está nas primeiras especulações filosóficas sobre o nome, especialmente no Ocidente, onde está vinculada às tradições gramaticais greco-latinas. As distinções entre o nome comum e o nome próprio começam a ser elaborado por Dionísio de Trácia, o primeiro gramático grego. Para esses pesquisadores, a Onomástica só recebeu um tratamento científico nas viradas dos séculos XIX – XX, momento em que se impulsionou a ciência dos signos linguísticos.

A Onomástica, inserida nos estudos do Léxico, dedica-se à pesquisa de nomes historicamente constituídos, que refletem as relações de um povo. Nesse contexto, é fundamental salientar que essa disciplina vai além de uma análise lexical, revelando-se crucial para compreender a sociedade ao conectar identidade, cultura e história através da análise dos nomes. No que tange aos fatores constituintes das nomenclaturas, tanto numa perspectiva sincrônica (referente a uma época específica), quanto diacrônica (ao longo do tempo) da linguagem, os estudos onomásticos exploram o conhecimento social e intencionalmente percorrem duas vias de estudo:

A Onomástica se integra à Lexicologia, caracterizando-se como uma disciplina da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia e a Toponímia. Ambas têm como objeto de pesquisa o nome próprio: a primeira, a Antroponímia, trata dos nomes das pessoas – os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos. Já a segunda, a Toponímia, se integra à Onomástica como a área que investiga o léxico toponímico, por meio do estudo da motivação e origem dos nomes próprios de lugares (Seabra; Isquerdo, 2018, p. 993).

Neste contexto, Antroponímia e Toponímia retratam abordagens que se destacam como investigações linguísticas e socioculturais. Ainda, conforme Dick (1990), em relação à Onomástica, esses dois ramos de estudo estão essencialmente ligados, uma vez que compartilham o interesse pelo mesmo signo. Essas interações são observadas em uma relação de intersecção, na qual “o vocábulo, ao abandonar seu uso pleno na língua e transitar para o uso onomástico, adquire caráter denominativo - seja em uso dêitico ou anafórico - e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo” (Seabra, 2004, p. 37). Ademais, embora sigam direções opostas, esses enfoques se complementam, conforme ilustrado:

Figura 1 - Intersecção Onomástica



$$T \cap A$$

$$T = \text{Toponímia}$$

$$A = \text{Antroponímia}$$

$$T \cap A = \text{Intersecção}$$

Fonte: Seabra, 2004, p. 38, *apud* Dick, 1999.

As camadas onomásticas revelam feições características do local, sejam elas de ordem física, social ou cultural (Dick, 1990). Nesse caso, topônimos e antropônimos – os nomes dos lugares e de pessoas – seriam as entidades que vão além da expressão linguística dos nomes próprios e envolvem, obrigatoriamente, os referentes que destacam, ou seja, as coisas a que esses nomes se referem, justificando, dessa forma, a importância dos estudos onomásticos (Carvalho, 2014). Nessa continuidade, valendo-se de um esclarecimento maior sobre a Onomástica, Seabra (2004, p. 38) dispõe que:

À Onomástica interessa o nome - distinto da palavra - pois pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: "o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceituais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)". Nesta transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação).

A Onomástica remete a investigações sobre o passado da humanidade, visto que os sistemas de nomeação estão intrinsecamente vinculados às culturas. Conforme mencionamos, a humanidade inicialmente ocupa um espaço teoricamente e desprovido de qualquer designação ou registro. Entretanto, os seres humanos passam a se identificar a partir da necessidade de se situar no ambiente, diferenciando-se dos demais, fenômeno que também se estende aos lugares e, nesse contexto, “a nomeação dos seres orgânicos e inorgânicos inscreve-se como atividade bastante significativa ao homem para perfeito entendimento da sua realidade circundante” (Dick, 1990, p. 29).

Sob outra perspectiva, a Onomástica também mantém um diálogo incontestável com a função referencial dos nomes, de modo que cada nome é imbuído de significado, e toda denominação necessita de uma entidade representativa, seja real ou imaginária.² Sobre isso, Zamarino (2010, p. 141) sugere que “na Onomástica, mais especificamente no nome do lugar, a função simbólica ou representativa do topônimo indica, necessariamente, que se pergunte o que esse nome simboliza e o que esse nome denomina ou representa”, pois é crucial o entendimento sobre as suas raízes, seja de pessoas ou de lugares, interrogando principalmente suas combinações de sentido e referência.

Seabra (2006) adota uma análise triangular em seu trabalho que elabora que os nomes próprios e os nomes de lugares mantêm uma relação na qual o nome não estaria ligado diretamente para o sentido e esse para o referente, mas que o nome estaria ligado diretamente para o referente. Ao realizar análises sobre o nome, recupera-se o sentido. De maneira sucinta, essa questão nos leva a pensar que ao explorar a formação de topônimos, lidamos com nomes históricos, em que os sentidos reais muitas vezes foram esquecidos ao longo das gerações, pelo simples fato da significação não prevalecer na compreensão das gerações futuras; ao contrário da referência, que permanece clara no entendimento das diferentes gerações devido à sua observabilidade, constituindo-se como uma referência exata. Nesse particular, Seabra (2006, p. 1956) contribui afirmando que:

Por se tratar de nomes que permanecem, às vezes, intactos, outras vezes, levemente modificados, o nome de lugar é provido da função referencial; já o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem atravessando gerações. Tal fato não compromete a comunicação lingüística, já que no caso da onomástica, para a referência ser bem sucedida, não é imprescindível. Na maioria das vezes, o sucesso de uma referência ocorre quando o ouvinte consegue identificar o referente.

² A discussão sobre sentido e referência é ampla e desenvolve outras relações no campo lingüístico. Por não se concentrar o objetivo deste trabalho, não aprofundaremos seus desdobramentos.

Os estudos onomásticos têm potencial para ultrapassar as fronteiras básicas do nome, conduzindo investigações que buscam reconhecer suas identidades e discorrer como essas refletem a realidade circundante do nome. A Toponímia, como parte essencial dessa disciplina, destaca-se pela profundidade que alcança na busca pelos fatores designativos da nomeação, adotando critérios de pesquisa que buscam compreender o topônimo como um elemento que incorpora história, geografia regional, linguística e relações sociais.

Tendo em vista que os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa referem-se a nomes de lugares, mais especificamente aos nomes dos principais afluentes do São Francisco, caracterizando-se, assim, como um estudo de hidronímia (nomeação das águas), trataremos a partir daqui da Toponímia.

1.5 Toponímia

Os conceitos teóricos da Toponímia minuciam essa área como uma “ciência que se dedica ao estudo da origem e significado dos nomes dos lugares ou dos designativos geográficos, abrangendo os de natureza física e os de natureza antropocultural” (Pereira, 2008, p. 7). Relativamente à sua importância, a Toponímia é compreendida como um complexo linguístico-cultural, onde os nomes dos lugares oferecem informações valiosas sobre a história e os modos de vida das pessoas que habitam ou habitaram determinado espaço. Além disso, ela estabelece conexões com diversas áreas do conhecimento humano, tais como linguística, história, geografia, antropologia e ciências afins (Dick, 1990).

Na visão de Dauzat (1947, *apud* Castiglioni, 2008), pesquisador que influenciou os estudos sobre a Onomástica, a Toponímia, conjugada à história, revela os movimentos percorridos pelos povos antigos em uma sociedade, evidenciando os processos migratórios e colonizações de um ou outro grupo linguístico que deixou seus vestígios no ambiente. Por esse motivo, a Toponímia é um estudo que se inicia primariamente sob o enfoque histórico das vivências sociais de um grupo e de uma região, expandindo-se posteriormente para outras áreas de estudo que podem contribuir para a revelação do topônimo.

Conforme Dick (1990a, p. 119), na busca pela identificação dos nomes dos lugares, enquanto disciplina científica, a Toponímia considera investigações mais aprofundadas para ampliar as dimensões de compreensão do topônimo. Dessa forma, ela se propõe a alcançar um entendimento mais abrangente “na medida em que se delinea a sua função conservadora da tradição de um povo ou do registro das características mais evidentes desses lugares.” Expandindo a discussão sobre a atuação da Toponímia, essa pesquisadora ainda discorre sobre

as vantagens de estudar um topônimo e, conseqüentemente, sobre o caráter científico da toponímia:

No topônimo (ou nome de lugar propriamente dito), de fato, pode-se perceber a marca de sua inscrição em um contínuo tempo-espacial delimitado; por isso mesmo, a Toponímia reserva-se o direito de se apresentar também como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento de gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes dos lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes (Dick, 1990, p. 119).

A Toponímia encontra suas raízes nas palavras gregas “topos” (lugar) e “onoma” (nome), assim, “nome dos lugares”. Na perspectiva de Isquierdo (2019, p. 10), os nomes dos lugares preservam em sua origem um item lexical comum que corresponde ao léxico falado no espaço geográfico na época em que o denominador selecionou o topônimo. Para ela, isso explica o fato de a Toponímia registrar as camadas étnicas da população e, conseqüentemente, “imortalizar o vocabulário utilizado pelos falantes das etnias antigas. Essa característica permite à Toponímia perpetuar a etimologia de línguas não mais faladas na área geográfica em que o topônimo se inscreve, desempenhando, assim, o papel de um *fóssil linguístico*”.

A partir dessas definições, compreendemos a Toponímia como uma disciplina cujo propósito é investigar o léxico toponímico de uma região específica, recuperando fatos históricos e revelando identidades culturais que o homem considera ao nomear o ambiente. Por esse motivo, enquanto pesquisador toponimista, assumimos a função de arqueólogo linguístico para “investigar o nome do lugar e sua relação com a terra e o homem, priorizando o antecedente e não a consequência” (Isquierdo, 2019, p. 15). Conseqüentemente, ao enfatizar as origens e significados dos nomes dos lugares, nos envolvemos com a história da região, assim como nas tradições locais e demais fatores relacionados ao topônimo.

Nesse enquadramento de pesquisa, o topônimo é analisado em seu contexto de uso, estabelecendo conexões com a cultura e os fatores geográficos que constituem sua identidade. Ao estudar as bases do nome, entendemos que sua formação contém marcas culturais que o homem construiu através da língua. Dessa forma, podemos inferir que a Toponímia também se utiliza da inter-relação entre o homem, a língua e o ambiente, de modo que os topônimos são estudados considerando os fatores físicos, sociais e culturais. Sobre essas relações, que se resumem basicamente à influência da língua pelo ambiente, Sapir (1969, p. 44) fundamenta que:

[...] tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que acha situado um grupo humano, convém compreender no termo “ambiente” tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem os aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que pode se chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.

Posto isso, ressaltamos que os estudos toponímicos se mostram bastante complexos. A exploração de fatores físicos (rios, córregos, riachos, solos, relevo, vegetação, etc.) e fatores socioculturais (história de uma região, colonização, etnicidade, religião, mitologia, folclore, etc.) não é uma tarefa simples, uma vez que demanda uma observação que recorta uma linha temporal de acontecimentos. Além disso, vale destacar que os fatores acima mencionados são dinâmicos e, em razão dos eventos indetermináveis, mudam constantemente. Nesse contexto desafiador, o signo toponímico “situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras. Tornando-se, assim, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fosse a sua presença dinâmica” (Dick, 1990a, p. 22).

A pesquisa pelas raízes do signo toponímico, o topônimo, revela o caráter científico e metodológico da Toponímia, que incorpora ações próprias de estudo para desvendar sua formação. Nesse contexto, a motivação toponímica surge como um componente importante, delineando uma investigação das substâncias definidoras do nome e dos motivos que o homem considera no processo de seleção. Dick (1990) comenta que ao nomear, o indivíduo pode estar reagindo ao seu ambiente, e, por isso mesmo, a nomeação pode ser percebida a partir de diversos ângulos, em especial, sob dois pontos de vista principais: do denominador e dos motivos que, dentro de um universo de possibilidades, adota a que mais se assemelha às suas necessidades; e da natureza do produto dessa escolha, isto é, da substância mesma do topônimo, aquilo que ele representa.

A peculiaridade do processo denominativo é exatamente a constituição dessa cadeia gerativa de enunciação, que revela contornos peculiares; um denominador isolado, construtor de uma mensagem (doador de um único nome ou de vários nomes, em situação de abrangência areal), interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do(s) designativos(s), sem que se restringisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise do linguista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar (Dick, 1998, p. 103).

Sintetizando esta discussão, a Toponímia busca revelar os fatores que envolvem a motivação dos topônimos e, nesse exercício, considera estudar os fatores condicionantes que

influenciaram o indivíduo na escolha do nome. A importância desse estudo, conforme Dick (1990a) mostra-se na revelação dos topônimos como verdadeiros testemunhos históricos dos fatos ocorridos na vida da população. Igualmente, os topônimos seriam um importante bem para qualquer sociedade, visto que é por meio dos designativos de lugares que se apresentam sua identidade geográfica e fatos que contextualizam sua história (Carvalho, 2014).

Ainda sobre a importância do estudo toponímico, encontramos em Salazar-Quijada (1985, *apud* Carvalho, 2014, p. 69-70) passagens que fomentam sua contribuição e importância em diversos níveis:

- **Importância linguística:** o processo de nomeação parte do homem que, pela sua fala, designa nomes e diferencia espaços geográficos e culturais ao seu redor. Dessa forma, o linguista, ao estudar nomes de lugares pode recuperar fatos históricos perdidos no tempo, toma posse de materiais importantes para entender o homem em sociedade e sua relação com a língua;
- **Importância social:** um topônimo pode ter um significado afetivo essencial para uma pessoa e não se fazer inteiramente compreendido por outra. Os nomes de determinadas localidades carregam consigo memórias e fatos importantes que dizem respeito à identidade social e, portanto, devem ser preservadas.
- **Importância histórica:** o topônimo é um dado histórico e serve fatos importantes para que os historiadores possam reconstruir a história de um povo: economia, movimentos migratórios, aspectos linguísticos, vida social e espiritual de pessoas que habitam ou habitaram uma região.
- **Importância folclórica:** são muitas as influências toponímicas feitas pelos povos em suas manifestações folclóricas e, dessa forma, podem-se reconhecer expressões culturais como nome de acidentes geográficos, estados e cidades que se fazem presentes em poemas e músicas;
- **Importância geográfica:** para tomar conhecimento acerca de um lugar, pesquisadores geógrafos precisam conhecer detalhes da geografia humana, física, ambiental, regional e urbana. Os topônimos, que são capazes de revelar fatos importantes de um lugar, constituem pontos importantes para essa pesquisa geográfica;
- **Importância patrimonial:** uma vez que reflete acerca do patrimônio cultural do país, a Toponímia deve ser vista como um patrimônio nacional. Os topônimos que ressaltam essa importância são produtos históricos que descrevem as conquistas e distinguem a história do país de outras nações;

- Importância viária: nas estradas é por meio da Toponímia nos mapas, além das placas, que os viajantes se orientam determinando a origem e o destino de sua viagem.

Na sequência desta sessão, trataremos das estruturas, formas e funções dos topônimos (nomes dos lugares).

1.5.1 Topônimo

Unidade com forma lexical que contextualiza semanticamente a história de um espaço geográfico particular, o topônimo – nome de lugar – reflete as condições sociais, culturais e históricas consideradas pelo nomeador no registro de um ambiente. Dessa forma, ele é o “resultado da ação do homem que, ao realizar um recorte no plano das significações, por meio da designação de determinado acidente geográfico, registra o momento vivido pela comunidade” (Carvalho, 2014, p. 68). Portanto, a identidade do topônimo ganha formas a partir das atividades linguísticas que o homem exerce sobre o meio e dos fatores que condicionam uma referência predominante no seu ambiente.

Frente ao exposto, acrescentamos que a nomeação é um exercício democrático e complexo, aberto à participação integral da comunidade. Nesse processo, a inclusão e representatividade dos sujeitos são importantes para o registro do lugar, que expressam sua cultura e valores através do nome escolhido. Conforme Castiglioni (2008), esse momento de associação entre o signo toponímico baseado nas convenções sociais e culturais e um novo referente é o que transforma o signo em topônimo. Nessa interação que o topônimo ganha não só um rótulo, mas também um significado e uma identidade únicos em relação ao lugar que foi nomeado. Dessa maneira, refletimos o topônimo como uma ferramenta útil para o entendimento da dinâmica social.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto-político da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais (Dick, 1990, p. 48).

Essencialmente ligado à história, um topônimo preserva em si qualidades que traduzem eventos importantes de um determinado espaço geográfico. Por esse motivo, esse importante signo linguístico não deve ser analisado apenas como um ponto observável no mapa, mas também como um acervo que comporta interações sociais, costumes, crenças e experiências compartilhadas por uma comunidade; pois, como observaram Faggion, Misturinni e Pizzol

(2013), “o topônimo é um pequeno texto, é um pequeno discurso, depositário de toda uma situação de fala e das complexas relações que a sustentam, e depositário também do momento histórico, e do pensamento que configura esse momento histórico e/ou é por ele configurado”.

Concebido como um “verdadeiro testemunho histórico” (Dick, 1990, p. 22), o topônimo é capaz de fomentar a história social e revelar fatos importantes das cosmovivências humanas. Sob essa perspectiva, Santos e Seabra (2012, p. 246) refletem a importância de topônimo como um registro histórico, destacando que através do seu estudo pode-se levantar fatos linguísticos e ideologias presentes no ato denominativo, bem como sua permanência ou não permanência em uma comunidade. Essas pesquisadoras também sugerem que o topônimo seja “iconicamente simbólico”; transmitindo valores, culturais e práticas coletivas; não existindo apenas como uma etiqueta funcional. Assim, o topônimo fornece informações valiosas do tipo:

i) aponta a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão, de sítios desaparecidos; ii) oferece descrições precisas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indica a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) aponta um amplo corpus de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) indica um vasto repertório popular que designa espécies vegetais; vi) fornece conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados (Santos; Seabra, 2012, p. 246).

Em relação à estrutura do topônimo, conforme Dick (1990a), o nome próprio do lugar situa-se a partir do acidente geográfico que o identifica e, dessa forma, pode ser compreendido a partir de dois dados básicos: o genérico e o específico. Para essa pesquisadora, o termo ou elemento genérico refere-se à entidade geográfica que receberá o nome (rio, córrego, riacho, montanha); por sua vez, o termo ou elemento específico – o próprio topônimo – identifica e particulariza a entidade denominada. Ademais, esses dados “atuam no sintagma toponímico, ou seja, no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo acidente identificado, de forma justaposta (rio das amazonas) ou aglutinada (*Parauna*, Rio Negro)” (Dick, 1990a, p. 10).

No contexto dos aglutinados, Dick (1990a) enfatiza que eles formam algo único, indissociável, tornando-se desafiador distinguir onde termina o termo genérico e onde começa o termo específico. Tomemos como exemplo a aglutinação “Panauna”, que significa “Rio Negro”. Essa fusão resulta na criação de um nome que desenvolve uma particularidade própria. No entanto, em situações em que a língua não utiliza mais o termo genérico de maneira independente, como é o caso de “Rio”, este passa a integrar-se ao topônimo, como em “Rio Panauna”. Essa incorporação desempenha um papel fundamental ao complementar o termo específico, tornando-se crucial para narrar a história e a geografia do lugar em consideração.

As implicações linguísticas decorrentes da aglutinação podem ser variadas e apresentar dados importantes sobre a dinâmica e a evolução linguística de determinada região, dentre essas citemos as composições morfológicas, que, segundo Dick (1990a, p. 13-14) apresentam três classificações:

1. Topônimo simples: designação definida por apenas um vocábulo: Baixadão (AH MT), podendo também se apresentar ou não acompanhado de sufixações e acrescido de terminações, por exemplo: Analândia (AH SP);
2. Topônimo composto: designação que se apresenta com mais de um elemento em sua formação, contando com influências diversas que só poderá entendida com um estudo minucioso do lugar, por exemplo: Duas e Dois (AH BA);
3. Topônimo híbrido: designação influenciada por elementos linguísticos de diferentes procedências, por exemplo: Lajinha do Mutum (AH MG).

Conforme observado, essas estruturas proporcionam suporte à busca pelas causas motivadoras do topônimo. Na próxima seção, destacam-se os modelos taxonômicos elaborados por Dick (1990), adotados neste estudo.

1.5.2 Classificações taxonômicas

Como método para os estudos toponímicos, adotam-se modelos de classificação taxonômica que buscam organizar os topônimos em categorias específicas. Seguindo orientações do Projeto ATEMIG³, seguimos os ordenamentos sistemáticos dos topônimos em categorias classificatórias propostos por Dick (1990). A metodologia desenvolvida por essa pesquisadora envolveu uma investigação objetiva dos fatos relacionados à motivação toponímica que contempla a realidade brasileira. Para desvendar os enredos que constituem a significação do topônimo, Dick (1990, p. 24) conduziu essa busca em um “nível sincrônico de averiguação dos fatos, reservando a análise diacrônica dos dados concorrentes para o estudo descritivo das taxes, consideradas isoladamente”. Assim, a pesquisadora propôs vinte e sete taxonomias, sendo que onze são de natureza física (caracterizam e descrevem o ambiente em sua totalidade: rios, córregos, riachos, morros, árvores, plantas, solos e etc.); e dezesseis de natureza antropocultural (caracterizam as expressões psíquicas, sociais e culturais que o homem faz no ambiente: incorporando sentimentos, nomes próprios, nomes de ruas, cidades, estados, países e etc.).

Os modelos organizados por Dick (1990, p. 31-34) organizam-se das seguintes formas:

³ Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico de Minas Gerais. Coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (FALE/UFMG); SEABRA; SANTOS (2022).

a) Taxonomias de natureza física

1. Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: rio da Estrela (ES).
2. Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral: Ex.: ribeirão do Norte (MG).
3. Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: rio Branco (AM).
4. Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, profundidade, largura e etc. Ex.: ilha comprida (AM).
5. Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal. Ex.: Morro da Mata (MT).
6. Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Morro Azul (RS).
7. Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: serra das Águas (GO).
8. Litotopônimos: topônimos de origem mineral e relativos à constituição do solo. Ex.: lagoa do Barro (BA).
9. Meteorotopônimos: topônimos relativos aos fenômenos atmosféricos. Ex.: serra do Vento (PB).
10. Morfotopônimos: topônimos que revelam o sentido e a forma geométrica. Ex.: ilha Quadrada (RS).
11. Zootopônimos: topônimos de índole animal. Ex.: rio do Boi (MG).

b) Taxonomias de natureza antro-po-cultural

1. Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Ex.: cachoeira da Saudade (MT).
2. Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Antônio Amaral (MG).
3. Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Prudente (SP).
4. Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Uruguai (MG).
5. Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: rio Novo Mundo (GO).

6. Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa de telha (BA).
7. Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: córrego da Flecha (MT).
8. Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: ilha do Francês (RJ).
9. Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Deus me livre (BA).
10. Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados das diferentes crenças. Ex.: Cristo Rei (PR).
11. Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: Inconfidência (RJ).
12. Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Estradas (AM).
13. Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Duas Barras (BA).
14. Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: serra da Aldeia (PB).
15. Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade. Ex.: Pescador (MG).
16. Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Pé de Boi (SE).

No próximo tópico, faremos um breve relato sobre a base adotada para as pesquisas toponímicas realizadas no Brasil, em destaque o Projeto ATEMIG.

1.6 – Breve histórico dos estudos toponímicos

Nas linhas introdutórias do seu estudo sobre a Toponímia e Antroponímia no Brasil, Dick (1990a) contextualiza que o surgimento da Toponímia enquanto corpo disciplinar sistematizado se deu na França, em 1878, num curso regular ministrado por Auguste Lorgnon. Do curso então ministrado, seus alunos publicaram, postumamente, em 1912, o livro *Les noms de lieu de la France*, que estudava os nomes de lugares daquele país. Anos mais tarde, em 1922, Albert Dauzat retoma os estudos toponomásticos interrompidos após a morte de Longnon na École Pratique des Hautes-Études, mesma instituição em que atuou o referido precursor da toponímia. A partir desse momento, Dauzat fomenta os estudos toponímicos organizando

ensaios e congressos internacionais, o primeiro deles em 1938, reunindo mais de vinte e um países para discutir a realização periódica de congressos e o plano prático ou aplicado desse estudo.

Dauzat foi autor de normas e padrões estabelecidos para os estudos toponomásticos. Conforme Souza e Dargel (2020), no Brasil, os parâmetros estabelecidos pelo francês conduziram os estudos de Theodoro Sampaio (1901), *O Tupi na Geografia Nacional*, que estudou a etimologia e o caráter dos topônimos tupis; Posteriormente, Agenor Lopes de Oliveira (1957), *Toponímia Carioca*, um estudo dos topônimos indígenas de um modo geral; Armando Levy Cardoso (1961), *Toponímica Brasília*, estudo histórico-geográfico da toponímia que buscou relacionar movimentos migratórios e questões etnolinguísticas; Carlos Drumond (1965), *Contribuições do Bororó à toponímia brasileira*, que revela as heranças dessa língua indígena para a toponímia brasileira; Octaviano de Melo (1967), *Topônimos amazonenses: nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação*, apresentando a origem desses nomes; e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990) na tese: *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxonômicos*, que estudou a motivação toponímica e propôs um modelo taxonômico para aferição das causas motivadoras desses acidentes geográficos.

Orientada por Carlos Drumond, que já observava as lacunas dos estudos toponímicos, o trabalho de tese de Dick foi um divisor de águas para essa disciplina. Essa pesquisadora inovou ao estabelecer um plano de análise dos fatores que colaboravam a formação dos nomes, além de empreender o *modelo taxonômico*, uma estrutura análise e classificação dos topônimos classes dos seus respectivos acidentes:

A inexistência de trabalhos semelhantes no país, e a tentativa de suprir uma lacuna sensível na disciplina, [...] levou á formulação de uma terminologia técnica, em que o elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica, contivesse a suficiente explicitação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha, em uma linha de comando virtual. Assim, por exemplo, nomes cuja origem revelasse uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitopônimos e litopônimos, respectivamente (Dick, 1990, p. 24).

A partir dos resultados e reconhecimento do seu estudo, Dick organizou o Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil –, com o objetivo de reconhecer a toponímia do país; além do Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo –, ambos pela Universidade de São Paulo (USP). Além disso, com a divulgação do seu trabalho, a pesquisadora influenciou outros pesquisadores a se dedicarem “a análise estrutural e semântico-motivacional do topônimo, relacionando-o aos contornos de ordem geoambiental, antropocultural, socioeconômico que revestem o nome de lugar, a partir do nomeador” (Souza; Dargel, 2020, p.

11). São alguns exemplos: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG), coordenadora do ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais); Aparecida Negri Isquendo (UFMS), coordenadora do ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso); Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB), coordenadora do ATOBAH (Projeto Atlas Toponímico da Bahia).

1.6.1 Projeto ATEMIG

Desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG desde 2005, o Projeto ATEMIG – Atlas toponímico de Minas Gerais, coordenado pela Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, caracteriza-se pelo estudo de nomes de lugares, em especial os que pertencem ao território mineiro.

São onze os objetivos⁴ básicos que direcionaram o ATEMIG:

1. Constituir um Banco de Dados com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), correspondentes aos 853 municípios mineiros (já cumprido);
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos e indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praças, becos etc.) presentes em cidades mineiras;
11. Estudar a toponímia rural.

Para este estudo, lançamos mão do levantamento e da classificação toponímica que o Projeto ATEMIG⁵ realizou de todos os acidentes físicos e humanos dos 853 municípios do

⁴ Seabra, 2024, p. 62.

⁵ Seabra, 2024, p. 63.

estado, documentados em cartas geográficas, fontes do IBGE, perfazendo até o presente momento um total de 85.391 topônimos⁶.

Das contribuições desse Projeto, que inclui apresentações em Congressos, Seminários, Encontros, desdobramento de pesquisas, artigos publicados no Brasil e no exterior, livros publicados, destacamos os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFMG – Doutorado e Mestrado – além de trabalhos de Conclusão de Curso e Monografia.

A) Doutorado

1. Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas, 2012
2. Hagiotoponímia em Minas Gerais, 2014.
3. Tradição e Memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova - Minas Gerais, 2017.
4. A Zootoponímia em Minas Gerais, 2018.
5. Litotoponímia Mineira, 2018.
6. A Sociotoponímia em Minas Gerais, 2021.
7. A antropotoponímia da cidade de São João del-Rei, MG, 2021.
8. De Abgail Antônio P. da Silva a Zico Barbosa: língua, história e memória nos nomes de logradouros no município de Pedro Leopoldo/MG, 2022.
9. A presença indígena na toponímia mineira, 2022.
10. A Ergotoponímia mineira e seus cmpos lexicais, 2023.
11. Os nomes históricos dos municípios de Minas Gerais, 2023
12. Contribuição Indígena à Hidronímia Maranhense, 2023.
13. Os nomes históricos dos municípios de Minas Gerais. 2023.
14. Cromotopônimos de Minas Gerais. 2024.
15. Nomes de estabelecimentos comerciais em Belo Horizonte-MG (em andamento, defesa prevista para 2025).
16. Os cronotopônimos de Minas Gerais (em andamento, defesa prevista para 2025).
17. A antropotoponímia da cidade de Ouro Preto - Minas Gerais (em andamento, defesa prevista para 2026).
18. A Toponímia do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais (em andamento, defesa prevista para 2026).

⁶ Objetivo 10.

B) Mestrado

1. O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu, 2009.
2. Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro, 2009.
3. O léxico toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória, 2010.
4. Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros, 2010.
5. A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente, 2011.
6. A toponímia africana em Minas Gerais, 2012.
7. Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas. 2013.
8. O léxico rural de Sabinópolis, região do Rio Doce MG. 2013.
9. A Toponímia da região central de Minas Gerais, 2015.
9. História e Cultura do Centro-Oeste Mineiro retratadas na Antropotoponímia da Cidade de Bom Despacho, 2017.
11. Geomorfotopônimos Históricos, 2019.
12. Axiotopônimos: um estudo dos logradouros públicos da cidade de Betim (MG), 2021.
13. A toponímia rural no contexto cafeicultor da Serra do Caparaó, 2021.

C) Trabalho de Conclusão de Curso

1. Estudo toponímico no Vale do Mucuri, 2012
2. Toponímia de origem árabe em ruas de Belo Horizonte – MG, 2015.
3. Edição e inventário toponímico de um manuscrito oitocentista da capitania de Minas Gerais, 2016.

D) Monografia

Bravo Torres e Guardiã de Ibituruna: pesquisa toponímica em Batalhões da PM da cidade de Governador Valadares, 2016.

Nosso estudo sobre a Toponímia dos principais afluentes do Rio São Francisco se insere ao Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico de Minas Gerais), trazendo novas contribuições linguísticas e culturais.

CAPÍTULO 2 - O RIO SÃO FRANCISCO

Neste capítulo, descrevemos as razões que sustentam o interesse no *corpus* desta pesquisa, com foco nos principais afluentes da bacia hidrográfica do rio São Francisco. Por esse motivo, contextualizamos brevemente a história e geografia dessa região, sublinhando os critérios adotados para a escolha dos dados deste estudo, bem como nos fundamentos dessa escolha. Prontamente, enfatizamos que esta busca tem, mesmo que sem o devido propósito, uma ancoragem histórica significativa, pois, sendo a bacia do São Francisco uma das principais hidrovias do Brasil, o estudo hidrotponímico dos seus afluentes principais podem sugerir relações humanas que remontam a períodos pretéritos.

Além de sua importância histórica-geográfica-cultural, destaca-se que o Rio São Francisco é o maior rio inteiramente brasileiro, passando por cinco estados (MG, BA, PE, AL e SE), além do Distrito Federal, que integra afluentes à sua bacia.

Mapa 1 – Bacia do São Francisco



Fonte: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=1421&evento=5>

Acesso em 15/08/2024

2.1 A bacia hidrográfica do São Francisco

O Rio São Francisco, também conhecido como Rio Opará (rio-mar) na ancestralidade indígena e sertaneja que habita sua bacia, popularmente denominado “Velho Chico” ou “Rio da Integração Nacional”, destaca-se como uma das vias fluviais mais importantes do Brasil.

Conforme o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF), a Região desse rio possui aproximadamente 638.466 km² de área, correspondendo 7,5% do território nacional. Suas nascentes, localizadas no município de São Roque de Minas, dentro do Parque Nacional da Serra da Canastra (nascente histórica) e no município de Medeiros (nascente geográfica)⁷, em Minas Gerais, percorre 2.697km até desaguar no Oceano Atlântico, na divisa dos estados de Alagoas e Sergipe. Nesse trajeto, o São Francisco atravessa por 507 municípios, conectando a região Sudeste e Nordeste do Brasil, manifestando-se em culturas diversas. Além disso, o São Francisco comporta 6 usinas hidrelétricas com reservatório até a sua foz: UHEs de Três Marias, Sobradinho, Luiz Gonzaga, Moxotó, Paulo Afonso (1,2 e 3), e Xingó.

Figura 2 - Culturas da bacia hidrográfica do São Francisco

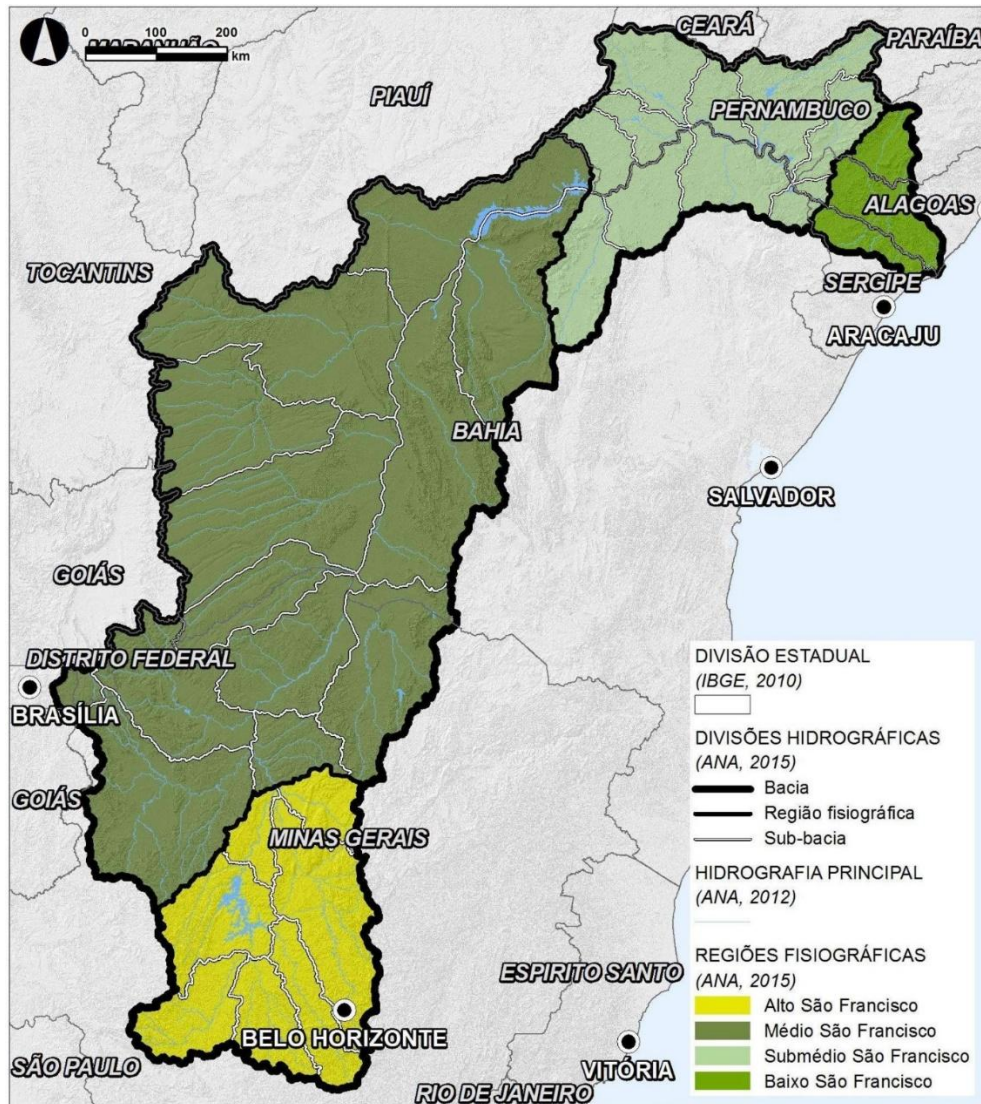


Fonte: <https://virecarranca.com.br/curiosidades/>
Acesso em 28/08/2024

⁷ Historicamente, a nascente do rio São Francisco está localizada em São Roque de Minas (MG), dentro do Parque Nacional Serra da Canastra. No entanto, em 2002, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) descobre a verdadeira nascente, o Rio Samburá, localizada no município de Medeiros (MG). Silva (2004, p. 393-400)

Constituindo uma das doze regiões hidrográficas brasileiras, a bacia do São Francisco está dividida em quatro unidades hidrográficas: Alto São Francisco, Médio São Francisco, Submédio São Francisco e Baixo São Francisco.

Mapa 2 - Regiões fisiográficas da bacia hidrográfica do São Francisco



Fonte: NEMUS (2015) – Acesso em 15/05/2024

Essa divisão é importante, pois cada trecho revela uma dinâmica e influência nas atividades desenvolvidas em torno do rio. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) informam que a habitação social em torno dessa bacia gira em torno dos 14,3 milhões, sendo que metade dessa quantidade está concentrada na região do Alto São Francisco, localizada próxima à região de Belo Horizonte, capital mineira. Ainda conforme o IBGE (2018), a bacia hidrográfica do São Francisco pertence a porções de três biomas: Mata Atlântica (Alto São Francisco, principalmente nas cabeceiras), Cerrado (Médio São Francisco, Minas Gerais ao oeste e sul da Bahia) e Caatinga.

2.2 Hidrônimos principais do Rio São Francisco

Dick e Seabra (2002, p. 65) no artigo “Caminho das águas, povos dos rios, uma visão etnolinguística da toponímia brasileira” afirmam que

O sistema hidrográfico brasileiro encerra uma riqueza pronunciada de cursos d'água, seja na distribuição quantitativa como em extensão e em volume. São tantos os rios notáveis, tanto os pequenos meandros interioranos opostos aos grandes desaguadouros costeiros, tantas as características potamográficas traduzidas em nomes, como os chamados rios de águas negras, brancas, claras e azuis, que a população generaliza o seu termo genérico, nem sempre distinguindo uns dos outros com facilidade, se córrego, riacho ou ribeirão; tudo é rio, existindo em qualquer lugar. Mas há aqueles que só pertencem a certos sítios, porque tipificados pelo meio ou pelos contatos linguísticos nas fronteiras, como ocorre com os igarapés, paranás, corixos ou arroios, cada um deles revelando, em suas formas de expressão, as marcas de um grupo étnico distinto, ou uma determinada referência fáctica. Os objetos assim simbolizados, linguisticamente, caracterizam variações vocabulares locais, com um raio diatópico mais ou menos preciso. De qualquer modo, são frutos do meio que os conformou e possibilitou a sua historiografia onomástica.

Sabemos que os rios, nas histórias de diferentes civilizações, têm servido de "caminhos" que possibilitam ao homem o acesso a novos territórios. Às suas margens, surgem aglomerações e povoados que se transformam em cidades no decorrer do tempo. Localizadas na bacia do São Francisco, são conhecidas, dentre outras, comunidades indígenas, quilombolas, fundo de pasto, pescadores artesanais, vazanteiros, ribeirinhos, sertanejos, catingueiros, geraizeiros.

As populações dessas comunidades correspondem a números importantes em relação aos mais de vinte milhões de habitantes que vivem na bacia do São Francisco. De acordo com a CBHSF (2015), até o ano de 2015, havia cerca de 487 comunidades de Fundo de Pasto, com aproximadamente 16 mil famílias; além de vazanteiros, lameiros e comunidades de pesca tradicional localizadas de forma difusa ao longo da bacia; também, cerca de 1.023 comunidades quilombolas vivendo na bacia do São Francisco, sendo que a maioria está localizada no território baiano. Ainda, existem mais de 60 comunidades indígenas em toda a região fisiográfica: 35 comunidades na região do Submédio do São Francisco, nos estados de Bahia, Pernambuco e Alagoas; 12 no Baixo São Francisco; 13 no Médio São Francisco e 4 no Alto São Francisco (todas localizadas em Minas Gerais).

Levando-se em conta o número acima, podemos inferir que esses “povos” dos rios, igarapés, riachos, ribeirões, córregos se destacam como autores no processo de nomeação, principalmente, expandindo o nome próprio dessas águas para outros referentes no território brasileiro, comportamento conhecido como “translação toponímica”.

Assim, em qualquer região hidrográfica estudada, é necessário observar que alguns nomes “representam variações vocabulares locais, com uma influência diatópica mais ou menos

definida” (Dick; Seabra, 2002, p. 65), ou seja, uma variação caracterizada pela ampla geografia, relacionada ao espaço físico onde se vive.

2.2.1 Seleção dos principais afluentes

A hidrografia brasileira encerra imensa riqueza através de seus cursos d’água, tanto em quantidade, extensão e volume d’água, comenta Mendes (2009). Essa pesquisadora enfatiza que esses territórios são realmente ricos em recursos hídricos, e tão variados são os nomes que refletem características relativas ao estudo dos rios, que as possibilidades de pesquisa se tornam muito extensas, pois revelam histórias e características próprias construídas através da singularidade da experiência humana.

Para a constituição do *corpus* de nosso estudo, verificamos nas agências⁸ responsáveis pelo “cuidado” com o Rio São Francisco que esse rio conta com 168 afluentes ao longo de sua bacia, dividida entre suas margens esquerda e direita. Dentre esses afluentes, 69 são intermitentes (rios cujos leitos secam em algum período do ano) e 99 são perenes (rios que nunca secam). Desses últimos, 46 se apresentam como principais afluentes do Rio São Francisco, uma vez que se caracterizam como as hidrovias de maior extensão dessa bacia⁹. São, também, considerados principais porque correspondem aos maiores fluxos de água, influenciando tanto na quantidade quanto na qualidade das águas do São Francisco.

Antes de passarmos para o Capítulo 3, em que trataremos dos procedimentos metodológicos adotados, apresentamos, no quadro seguinte, os 46 maiores afluentes da bacia do Rio São Francisco, destacando:

- a) Acidente – o termo geográfico que recebe o nome próprio – rio, vereda, riacho;
- b) Topônimo – nome próprio dado aos rios, riachos e vereda;
- c) Região – região fisiográfica¹⁰ em que os acidentes hídricos se encontram (Alto, Médio, Médio/Submédio, Submédio, Baixo);
- d) Estado – unidade territorial subnacional que faz parte da República Federativa do Brasil em que se encontram os topônimos de nossa pesquisa.

Essa organização proporciona uma visualização mais clara, facilitando a análise dos dados, pois delimita as regiões fisiográficas e os estados em que cada afluente se encontra.

⁸ Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco (CBHSF), Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), Agência Peixe Vivo e Agência Nacional das Águas (ANA)

⁹ Segundo a base de dados digital da Agência Nacional das Águas (ANA), através da Base Hidrográfica Ottocodificada (BHO), no Catálogo de Metadados.

¹⁰ São subdivisões de uma região que se baseiam em características em comum.

Quadro 1 - Principais afluentes da bacia do São Francisco (por região)

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO	ESTADO
Rio	Samburá	Alto	Minas Gerais
Rio	Pará	Alto	Minas Gerais
Rio	das Velhas	Alto	Minas Gerais
Rio	Paraopeba	Alto	Minas Gerais
Rio	Jequitaiá	Alto	Minas Gerais
Rio	Urucuia	Alto	Minas Gerais
Rio	Urucaia	Alto	Minas Gerais
Rio	Claro	Alto	Minas Gerais
Rio	Escuro	Alto	Minas Gerais
Rio	Preto	Alto	Distrito Federal
Rio	Paracatu	Alto	Minas Gerais
Rio	do Sítio	Médio	Minas Gerais
Rio	Verde Grande	Médio	Minas Gerais
Rio	Gorutuba ~ Gurotuba	Médio	Minas Gerais
Rio	Carinhanha	Médio	Bahia/Minas Gerais
Rio	Itaguari	Médio	Bahia
Rio	Formoso	Médio	Bahia
Rio	Correntina	Médio	Bahia
Rio	Pratudinho	Médio	Bahia
Rio	Pratudão	Médio	Bahia
Rio	Guará	Médio	Bahia
Rio	Carnaíba de Dentro	Médio	Bahia
Rio	Corrente	Médio	Bahia
Rio	das Rãs	Médio	Bahia
Riacho	Riachão	Médio	Bahia
Rio	Pará-Mirim ~ Paramirim	Médio	Bahia
Rio	Roda Velha	Médio	Bahia
Rio	das Fêmeas	Médio	Bahia
Rio	Rio de Janeiro	Médio	Bahia
Rio	Branco	Médio	Bahia
Rio	Sassafrás	Médio	Bahia
Rio	Sapão	Médio	Bahia
Rio	Preto	Médio	Bahia
Riachão	da Sôlta	Médio	Bahia
Rio	Grande	Médio	Bahia
Rio	Verde	Médio	Bahia
Rio	dos Milagres	Médio	Bahia
Vereda	Pimenteira	Médio	Bahia
Rio	Jacaré	Médio/Submédio	Bahia
Rio	do Salitre	Médio/Submédio	Bahia
Rio	Vereda da Tábua	Médio/Submédio	Bahia
Rio	Pajeú	Submédio	Pernambuco
Rio	Brígida	Submédio	Pernambuco/Paraíba
Riacho	da Volta	Submédio	Pernambuco/Paraíba
Rio	Moxotó	Baixo	Pernambuco
Rio	Ipanema	Baixo	Alagoas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É fato que a Toponímia, disciplina da Onomástica – área da ciência linguística que estuda os nomes próprios de lugares e as condições que envolvem esse processo de nomeação, possibilita a recuperação e o reconhecimento de fatores culturais, linguísticos, geográficos e históricos de uma sociedade de um modo geral. Podemos considerar que o objeto exploratório da Toponímia, o nome próprio de lugar, é um certame que relaciona o homem e suas projeções singulares no mundo. De acordo com Bynon (1995, p. 263):

[...] a análise linguística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico [...]. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a arqueologia e a linguística é, conseqüentemente, considerável.¹¹

Nessa perspectiva, consideramos a hipótese de que os principais afluentes do Rio São Francisco, nosso objeto de estudo, revelam circunstâncias diversas nos processos de nomeação. Estudar sua toponímia fomenta o acesso às motivações e à história desses ambientes; em especial, os povos originários (indígenas), sujeitos que consideramos, a partir de fatores históricos, responsáveis direta ou indiretamente por emprestar sua língua à nomeação do território brasileiro. Assim, o problema que se colocou neste estudo foi em que medida os afluentes do Rio São Francisco retratam as cosmovivências dos sujeitos autores das suas nomeações e como se organizam nas sessões fisiográficas: Baixa, Média, Submédia e Alta.

3.1 Apresentação do *corpus*

Os dados deste estudo, conforme apresentamos no capítulo 2, foram extraídos de um mapa oficial disponível no site da Agência Nacional das Águas (ANA), que determina 46 (quarenta e seis) principais afluentes da região hidrográfica do São Francisco, a partir da especificação que se coloca como os afluentes de maiores extensões e vazão.

Esses afluentes, resumidos no Quadro 2, apresentado a seguir, contemplam 4 regiões diferentes, a saber, Médio, Submédio, Alto que integram cinco estados distintos – Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Paraíba, Pernambuco; e o Distrito Federal, nomeando acidentes hídricos importantes para a hidrografia do Rio São Francisco, quais sejam: Rio, Vereda, Riacho.

¹¹ Bynon (1995: 263) “[...] namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable.”

Quadro 2 - Principais afluentes da bacia do São Francisco (por ordem alfabética)

ACIDENTE	Nº	TOPÔNIMO	REGIÃO	ESTADO
Rio	01	Branco	Médio	Bahia
Rio	02	Brígida	Submédio	Pernambuco/Paraíba
Rio	03	Carinhanha	Médio	Bahia/Minas Gerais
Rio	04	Carnaíba de Dentro	Médio	Bahia
Rio	05	Claro	Alto	Minas Gerais
Rio	06	Corrente	Médio	Bahia
Rio	07	Correntina	Médio	Bahia
Rio	08	Escuro	Alto	Minas Gerais
Rio	09	das Fêmeas	Médio	Bahia
Rio	10	Formoso	Médio	Bahia
Rio	11	Grande	Médio	Bahia
Rio	12	Guará	Médio	Bahia
Rio	13	Gorutuba ~ Gorotuba	Médio	Minas Gerais
Rio	14	Ipanema	Baixo	Alagoas
Rio	15	Itaguari	Médio	Bahia
Rio	16	Jacaré	Médio/Submédio	Bahia
Rio	17	Jequitaí	Alto	Minas Gerais
Rio	18	dos Milagres	Médio	Bahia
Rio	19	Moxotó	Baixo	Pernambuco
Rio	20	Pajeú	Submédio	Pernambuco
Rio	21	Pará	Alto	Minas Gerais
Rio	22	Pará-Mirim~ Paramirim	Médio	Bahia
Rio	23	Paraopeba	Alto	Minas Gerais
Rio	24	Paracatu	Alto	Minas Gerais
Vereda	25	Pimenteira	Médio	Bahia
Rio	26	Pratudão	Médio	Bahia
Rio	27	Pratudinho	Médio	Bahia
Rio	28	Preto	Alto	Distrito Federal
Rio	29	Preto	Médio	Bahia
Rio	30	das Rãs	Médio	Bahia
Riacho	31	Riachão	Médio	Bahia
Rio	32	Rio de Janeiro	Médio	Bahia
Rio	33	Roda Velha	Médio	Bahia
Rio	34	do Salitre	Médio/Submédio	Bahia
Rio	35	Samburá	Alto	Minas Gerais
Rio	36	Sapão	Médio	Bahia
Rio	37	Sassafrás	Médio	Bahia
Rio	38	do Sítio	Médio	Minas Gerais
Riacho	39	da Sôlta	Médio	Bahia
Rio	40	Urucaia	Alto	Minas Gerais
Rio	41	Urucuia	Alto	Minas Gerais
Rio	42	das Velhas	Alto	Minas Gerais
Rio	43	Verde	Médio	Bahia
Rio	44	Verde Grande	Médio	Minas Gerais
Rio	45	Vereda da Tábua	Médio/Submédio	Bahia
Riacho	46	da Volta	Submédio	Pernambuco/Paraíba

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

3.2 Ficha Toponímica

Selecionados os 46 topônimos, passemos à explicação detalhada sobre a elaboração das 46 fichas toponímicas.

A ficha toponímica se caracteriza por um conjunto estruturado de informações referentes a um topônimo e tem como objetivo explicitá-lo e classificá-lo, segundo mostra Seabra (2004, p. 47), citando Dick:

a anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas [...] constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subsequentes (quantificação dos topônimos e das taxinomias; estudo linguístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais. (Dick, 1990a, p. 20).

Organizadas com fins didáticos, sendo apresentadas em ordem alfabética, o modelo de ficha adotado compõe-se dos seguintes campos:

Quadro 3 - Modelo de Ficha Toponímica

Nº <i>TOPÔNIMO</i> (ACIDENTE HÍDRICO)			Taxonomia
ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO:			
EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO: nº de ocorrências Ocorrências encontradas			
BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: nº de ocorrências Ocorrências encontradas			
Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos Acidentes Físicos: Acidentes Humanos:			
ABONAÇÕES:			
ORIGEM:			

Fonte: adaptado de Seabra (2004)

Seguem esclarecimentos de cada campo:

- i) N^o: As fichas são enumeradas, seguindo a ordem alfabética dos topônimos.
- ii) TOPÔNIMO: Corresponde ao registro do nome próprio coletado.
- iii) ACIDENTE HÍDRICO: indica o acidente físico que foi nomeado (rio, vereda, riacho).
- iv) TAXONOMIA: Neste campo registra-se a taxa do topônimo, isto é, o nome de lugar inscrito na ficha recebe uma classificação ou uma taxa, de acordo com a classificação apresentada em 1.5.2.
- v) REGIÃO FISIAGRÁFICA: Mostra a região onde o topônimo se insere.
- vi) ESTADO: Indica em que estado se encontra o afluente.
- vii) ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO¹²: Indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, agrupados em esquemas ou estruturas morfossintáticas, relacionados abaixo:

A) Para nomes simples

a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular].

b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural].

c) Nm [ADJsing] = Nome masculino [Adjetivo singular].

d) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular].

e) Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural].

B) Para nomes compostos

a) NCm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular].

b) NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivosingular + {Preposição + Substantivo singular}].

c) NCm [Prep + Pron] = Nome Composto masculino [Preposição + Pronome]

d) NCm [ADJsing + ADJsing] Nome Composto masculino [Adjetivo + Adjetivo]

e) NCf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular].

f) NCf [Ssing + {Prep + Adv}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}].

g) NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}].

¹² Proposto por Seabra (2004, p. 51 a 54)

- viii) **EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** Apresenta a translação do topônimo nas regiões da Bacia do Rio São Francisco, isto é, mostra a produtividade do topônimo, que é tomada do nome do rio e nomeia outros lugares, principalmente de cunho antropocultural, como fazendas, sítios, empreendimentos.
- ix) **BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** Apresentam-se, com base nesse banco, todas as ocorrências do topônimo em território mineiro, nomeando outros lugares.
- x) **DISTRIBUIÇÃO DOS TOPÔNIMOS ENTRE ACIDENTES FÍSICOS E HUMANOS:** Apresenta quais são os acidentes físicos e humanos que receberam o topônimo.
- xi) **ABONAÇÕES:** a partir de consultas a dicionários, artigos científicos e *sites* registra-se comentários sobre o topônimo em destaque.
- xii) **ORIGEM:** registra-se a possível origem dos topônimos, de modo a informar se são de origem: portuguesa, indígena, controversa ou não encontrada.

A organização dos dados em fichas toponímicas possibilita uma análise mais segura, como, também, uma melhor visibilidade dos topônimos em estudo.

No próximo capítulo, encontram-se 45 fichas toponímicas com os 46 topônimos selecionados, agrupados pela mesma base lexical¹³

¹³ O topônimo Preto está agrupado em uma mesma ficha – 28 e 29 – correspondendo a uma mesma base léxica, uma vez que ocorrem em diferentes estados.

4 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS CORPORA

01 → <i>BRANCO</i> (RIO)		CROMOTOPÔNIMO	
ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIAGRÁFICA	ESTADO
Rio	Branco	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:
 13 ocorrências
 Padaria Rio Branco, CNPJ: 13.741.822/0001-75, Itajuípe (BA)
 Fazenda Café do Rio Branco, Barreiras (BA), inscrito no Cadastro Ambiental Rural de nº BA-2903201-9BCB5F2960F846EF8F40AE44CCFD0DAB;
 Fazenda Mimosa do Rio Branco, Barreiras (BA), inscrito no Cadastro Ambiental Rural de nº AC-1200609-0939EEDC50C0494DADE2A6F3D64E6D25.
 Rua Rio Branco - Tropical Ville - Luís Eduardo Magalhães, BA, CEP: 47861-718;
 Rua Rio Branco - Novo Horizonte - Alagoinhas, BA, CEP: 48010-276;
 Rua Rio Branco - Jardim Bahia - Paulo Afonso, BA, CEP: 48604-220;
 Rua Rio Branco - Santo Antônio - Barreiras, BA, CEP: 47813-638;
 Rua Rio Branco - Firenze - Barreiras, BA, CEP: 47804-338;
 Rua Barão do Rio Branco - Centro - Juazeiro, BA, CEP: 48903-400;
 Avenida Rio Branco - Centro - Jequié, BA, CEP: 45200-011;
 Rua Rio Branco - Jardim América - Eunápolis, BA, CEP: 45821-493;
 Agroflorestal Rio Branco LTDA, CNPJ: 13.185.012/0001-80, Barreiras (BA);
 Mineração Rio Branco, CNPJ: 14.330.313/0001-12, Barreiras (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 19 ocorrências
 Córrego Branco → município de Francisco Sá – Norte de Minas
 Córrego Branco → município de Dom Joaquim – Metropolitana
 Córrego Branco → município de Rio Vermelho – Metropolitana
 Córrego Branco → município de Caeté – Metropolitana
 Córrego dos Brancos → município de Mariana – Metropolitana
 Ribeirão Branco → município de Santo Antônio do Itambé – Metropolitana
 Morro Branco → município de Chapada do Norte – Jequitinhonha
 Córrego Branco → município de Pompéu – Central Mineira
 Córrego Branco → município de Bambuí – Oeste de Minas
 Córrego Branco → município de Galileia – Rio Doce
 Córrego Branco → município de Governador Valadares – Rio Doce
 Córrego Branco → município de São José do Baixo – Rio Doce
 Rio Branco → município de Iapu – Rio Doce
 Córrego Branco → município de Capetinga – Sul/Sudoeste de Minas

Fazenda do Branco → município de Ouro Fino – Sul/Sudoeste de Minas
 Sítio do Branco → município de Frutal – Alto Paranaíba/Triângulo
 Córrego Branco → município de Veríssimo – Alto Paranaíba/Triângulo
 Córrego dos Brancos → município de Aracitaba – Zona da Mata
 Córrego dos Brancos → município de Oliveira Fortes – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, ribeirão, morro, rio.

Acidentes Humanos: fazendas, sítio, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Branco – topônimo com função adjetiva: cabo... castelo... ilhéu...mar... monte... rio... etc. Comum em Portugal.
 Rio Branco – topônimo no Brasil, encontrado nos estados do Acre, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco. Denominação devida ao aspecto de alguns dos cursos de água, porque outros prestam homenagem ao barão de Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos (1845-1912) (Machado, 2003, p. 278 e p. 1264)
- ... consta para a base lexical branco características, como “Diz-se da impressão produzida no órgão visual pelos raios da luz não decomposta. 2. Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, decomposta. 3. Diz-se das coisas que, não sendo brancas, têm cor mais clara do que outras da mesma espécie (...) Claro, translúcido (...) Pálido, descorado (...) Prateado, argentado, argênteo (...) que tem cãs; encanecido (...) claro, vazio” (Pinheiro, 2024, p. 196).
- “Em muitas línguas, ‘branco’ e ‘preto’ são as primeiras palavras para as cores, como diferenciação entre claro e escuro, entre dia e noite. Essa é a mais fundamental diferenciação de todas as cores” (Heller, 2022, p. 156). De acordo com Heller (2022), seria a cor do início, quando da criação do mundo por Deus, a hóstia, cuja cor é branca, simboliza Cristo vivo. É a cor dos deuses e sacerdotes. Os anjos são pintados de branco. Na Índia, o gado branco é a corporificação da luz. Cor da clareza e exatidão. No sentido da física, o branco não é uma cor, mas sim uma luz. Para a simbologia das cores, o branco é, sim, uma cor. A cor branca, pelo significado lexicográfico, tem como referentes luz, neve, leite, claro, translúcido, prateado, vazio etc (Pinheiro, 2024, p. 199).

ORIGEM: ‘da cor da neve, do leite etc.’ XIII. Do germ. Blank (Cunha, 2017, p. 100).

02 → **BRÍGIDA** (RIO)

ANTROPOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Brígida	Submédio	Pernambuco/ Paraíba

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** 4 ocorrências

Fazenda Maria Brígida → município de Gameleiras – Norte de Minas

Córrego da Brígida → município de Congonhas do Norte – Metropolitana

Povoado Brígida → município de Congonhas do Norte – Metropolitana

Fazenda Santa Brígida → município de Novo Cruzeiro – Jequitinhonha

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego.

Acidentes Humanos: fazendas, povoado.

ABONAÇÕES:

- Brígida, topônimo em Celorico da Beira (*Quinta da Brígida*), Monchique (*Quinta de Santa Brígida*). Vulgarizou-se por ser o nome de uma santa irlandesa (+ 523) (Machado, 2003, p. 284).

ORIGEM: do Céltico antigo “a elevada, a grande, a sublime” (Guérios, 1994, p. 97).

03 → *CARINHANHA* (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Carinhanha	Médio	Bahia/Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

3 ocorrências

Carinhanha Distribuidora de Cereais LTDA, CNPJ:13.709.365/0001-31, Carinhanha (BA).

Magazine Carinhanha, CNPJ 16.370.918/0001-62, Carinhanha (BA).

Carinhanha Comércio de Alimentos LTDA, CNPJ:96.769.575/0001-42, Carinhanha (BA)

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- *Carinhanha* (cururu + nhanhã, por nheenga) = rumor ou ronco dos sapos; “Diogo de Vasconcelos grafa *carunhanha* e dá como alteração de *curunhanha* (esconderijo dos sapos), baseado numa versão antiga; Néelson de Senna, de certo modo endossa esta versão, apelando para o antigo antigo Rio Cururuanha, baliza natural entre Minas e Bahia, hoje Rio Carinhanha, afluente da margem esquerda do São Francisco, derivando-o de cururus ou “índios roncadores”, como os sapos, alusão ao seu linguajar laríngeo rouquenho” (Gregório, 1980, p. 654).
- *Carinhanha* = topônimo no Brasil, na Baía (vários casos). Do tupi *ka'rũka*, ‘corre’, e *anhê*, ‘bastante’, isto é, ‘rio bastante rápido’ (segundo Nascentes), ou ‘esconderijo’, ‘buraco dos sapos’ Machado (2003, p. 352).

ORIGEM: Indígena (cururu + nhanhã, por nheenga) = rumor ou ronco dos sapos (Gregório, 1980, p. 654).

04 → *CARNAÍBA DE DENTRO* (RIO)

FITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Carnaíba de Dentro	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Ncf [Ssing + {Prep + Adv}]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

1 ocorrência.

Fazenda Carnaíba de Dentro, Guanambi, BA, CEP: 46430-000.

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio

Acidentes Humanos: fazenda

ABONAÇÕES:

- *Carnaíba* = topônimo no Brasil. Do substantivo feminino *carnaíba* o mesmo que *carnaúba*, tipo de palmeira. Machado (2003, p. 355)
- Beurepaire-Rohan (2007, p. 77)

CARNAÚBA, s. m. (*Pern., Par., R. Gr. do N., Ceará, Piauí*) Palmeira do gênero *Copernicia* (*C. cerifera*). Nos sertões da Bahia chamam-lhe *Carnaíba*, e em Mato-Grosso *Carandá* (*Flor. Bras.*). || *Etim.* E' voc. de origem tupí, que se decompõe em *Caraná-igba*.

ORIGEM: *Carnahyba* variante de Carnahuba. *Caraná-yba*, a palmeira *Copernicia cerifera* vulgo *Carnaúba*. Nordeste do Brasil (Sampaio, 1987, p. 219).

05 → *CLARO* (RIO)

CROMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Claro	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** 21 ocorrências

Rio Claro → município de Arinos – Noroeste de Minas

Riacho Claro → município de Arinos – Noroeste de Minas

Córrego Claro → município de Unaí – Noroeste de Minas

Rio Claro → município de Guarda-Mor – Noroeste de Minas

Fazenda dos Claros → município de João Pinheiro – Noroeste de Minas

Córrego Claro → município de Paracatu – Noroeste de Minas

Ribeirão Claro → município de Vazante – Noroeste de Minas

Rio Claro → município de Vazante – Noroeste de Minas

Localidade Claro de Minas → município de Vazante – Noroeste de Minas

Rio Claro → município de São Francisco – Norte de Minas

Riacho Claro → município de Santa Fé de Minas – Norte de Minas

Cidade Claro dos Poções → município de Claro dos Poções – Norte de Minas

Rio Claro → município de Caratinga – Região do Rio Doce

Rio Claro → município de Santa Bárbara do Leste – Região do Rio Doce

Rio Claro → município de Uberlândia – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Rio Claro → município de Ibiá – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Rio Claro → município de Sacramento – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Localidade Claro → município de Chalé – Zona da Mata

Ribeirão Claro → município de Chalé – Zona da Mata

Ribeirão do Claro → município de Juiz de Fora – Zona da Mata

Fazenda Claro Torrões → município de Juiz de Fora – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, riacho, ribeirão, córrego, localidade.

Acidentes Humanos: fazenda

ABONAÇÕES:

- *Claro* = topônimo em Lisboa (Pátio do Claro), Nisa (Monte do Claro); frequente no Brasil (Machado, 2003, p. 423).

ORIGEM: claro *adj.* 'orig. luminoso, brilhante, iluminado' XIII. Do lat. *clarus* (Cunha, 2017, p. 155).

06 → *CORRENTE* (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Corrente	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

8 ocorrências

Rua Rio Corrente - Boa Vista - Luís Eduardo Magalhães, BA, CEP: 47853-066;

Rua Rio Corrente - Cachoeira do Vale - Timóteo, MG, CEP: 35184-002.

Rio Corrente Agrícola Ltda, CNPJ: 28.463.606/0001-82, Bom Jesus da Lapa (BA);

Fruticultura Rio Corrente Ltda, CNPJ: 44.826.275/0001-54, Licínio de Almeida (BA);

Radio Rio Corrente Ltda, CNPJ: 13.686.811/0001-30, Santa Maria da Vitória (BA);

Rio Corrente Diesel, CNPJ: 13.724.554/0001-83, Brumado (BA);

Areia Rio Corrente, CNPJ: 21.850.766/0001-35, Santana (BA);

Pousada Rio Corrente, CNPJ: 11.389.856/0001-17, São Félix do Coribe (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 23 ocorrências

Córrego Correntes → Município de Bela Vista de Minas – Metropolitana

Povoado Correntes → Município de Bela Vista de Minas – Metropolitana

Córrego Correntes → Município de Nova Era – Metropolitana

Fazenda Correntes → Município de Nova Era – Metropolitana

Ribeirão Corrente → Município de Santa Maria de Itabira – Metropolitana

Rio Corrente → Município de Formoso – Noroeste

Córrego Corrente → Município de Jequitaiá – Norte

Fazenda Corrente → Município de Várzea da Palma – Norte

Córrego Corrente → Município de Várzea da Palma – Norte

Ribeirão Corrente → Município de Várzea da Palma – Norte

Córrego Corrente → Município de Coração de Jesus – Norte

Córrego Corrente → Município de Josenópolis – Norte

Rio Corrente Grande → Município de Gonzaga – Rio Doce

Localidade Corrente → Município de Guanhões – Rio Doce

Córrego Corrente → Município de Sabinópolis – Rio Doce

Fazenda Corrente → Município de Sabinópolis – Rio Doce

Rio Corrente Grande → Município de Virginópolis – Rio Doce

Rio Corrente → Município de Governador Valadares – Rio Doce

Rio Corrente → Município de Açucena – Rio Doce

Rio Corrente → Município de Periquito – Rio Doce

Ribeirão Corrente → Município de Munhoz – Rio Doce

Córrego Corrente → Município de Iturama – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Córrego Corrente → Município de Água Comprida – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, povoado, fazendas, rios, localidade

Acidentes Humanos: ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Topônimo em Braga, Coimbra, Coruche. Frequente no Brasil. (Machado, 2003, p. 454).
- Corrente, s.f. Movimento, seguido das águas, curso de águas vivas. / Rio, ribeiro, regato. / Correnteza (Freire, 1957, p. 1600).

ORIGEM: corrente *adj.* 2g. ‘que corre’ XIV. Do lat. *currens* –entis XVIII (Cunha, 2017, p. 183).

07→ **CORRENTINA** (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Correntina	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

7 ocorrências

Município da unidade federativa do estado da Bahia; Cidade da Bahia

Rua Correntina - Santa Cruz - Luís Eduardo Magalhães, BA.

Construtora Correntina e Empreend., CNPJ: 03.077.524/0001-79, Correntina (BA);

Distribuidora Correntina, CNPJ: 05.274.037/0001-2, Correntina (BA);

Correntina Comércio de Utilidades Domésticas Ltda, CNPJ: 14.582.550/0001-70, Correntina (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: município, cidade, rua, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Correntina: topônimo no Brasil: Bahia. Derivado não registrado de corrente. Correntino: topônimo. No Brasil, cursos de água no Ceará, Paraíba, Rio Grande do Sul. De *corrente* (Machado, 2003, p. 455).

ORIGEM: corrente *adj.* 2g. ‘que corre’ XIV. Do lat. *currens* –entis // *correntio adj.* ‘corrediço’ ‘habitual’ XVIII. Cunha (2017, p. 183).

Correntio, de corrente. Que corre facilmente (Freire, 1957, p. 1601).

08 → *ESCURO* (RIO)

CROMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Escuro	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

3 ocorrências

Rio Escuro Mineração, CNPJ: 10.773.989/0001-20, Paracatu (MG);

Sociedade de Reflorestamento Rio Escuro, CNPJ 18.232.207/0003-19, Vazante (MG);

Agropecuária Fazenda Escuro Ltda, CNPJ 52.973.300/0001-50, Paracatu (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 16 ocorrências

Córrego Escuro → município de Morada Nova de Minas – Central Mineira

Córrego Escuro → município de Unaí – Noroeste

Fazenda do Escuro → município de Unaí – Noroeste

Córrego Escuro → município de Paracatu - Noroeste

Rio Escuro → município de Paracatu – Noroeste

Córrego Escuro → município de Vazante – Noroeste

Córrego Escuro → município de Itacambi – Norte

Córrego Escuro → município de Manga – Norte

Córrego Escuro → município de Santa Fé de Minas – Norte

Córrego Escuro → município de São Romão – Norte

Fazenda do Escuro → município de São Romão – Norte

Retiro Escuro → município de São Romão – Norte

Córrego Escuro → município de Verdelândia – Norte

Córrego Escuro → município de Belo Vale – Metropolitana de Belo Horizonte

Córrego Escuro → município de Tiro – Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba

Córrego Escuro → município de Rio Casca – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, córrego.

Acidentes Humanos: fazenda, retiro, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Escuro – topônimo derivado do adjetivo ‘escuro’, presente em Portugal e no Brasil, onde ocorre nos estados do Acre, Alagoas, Ceará, Goiás, Maranhã, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Sul (Machado, 2003, p. 582).

ORIGEM: escuro *adj.* ‘sombrio, tenebroso, pouco claro’ XIII. Do lat. *obscurus* (Cunha, 2017, p. 260).

09 → *das FÊMEAS* (RIO)

ZOOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	das Fêmeas	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Spl]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: rio

Acidentes Humanos: n/e

ABONAÇÕES:

- Fêmeas, topônimo no Brasil, nomeia riacho na Bahia (Machado, 2003, p. 638).
- “No Oeste baiano predomina a atividade agrícola, onde grandes áreas são utilizadas para o plantio de diversas culturas, destacando-se entre elas a cultura e grãos, abrangendo extensas áreas, a maioria distribuída nas zonas das nascentes e de recarga, onde há uma maior precipitação. [...] Este aumento da demanda de água para o uso agrícola, teve como consequência o esgotamento das vazões outorgáveis no rio das Fêmeas” (Aquino *et al*, 2003, p. 2).

ORIGEM: Do latim femina, século XIII (Cunha, 2017, p. 289).

10 → *FORMOSO* (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Formoso	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

6 ocorrências

Fazenda Jucurutu do Formoso, CNPJ: 05.682.342/0001-52, Jaborandi (BA).

Rua Rio Formoso - Boa Vista - Luís Eduardo Magalhães, BA, CEP: 47853-064.

Construtora Rio Formoso, CNPJ: 16.342.859/0001-19, Jaborandi (BA);

Rio Formoso Agropecuária, CNPJ: 17.005.074/0001-13, Jaborandi (BA);

Rio Formoso Locação de Equipamentos e Máquinas Ltda, CNPJ 17.406.336/0001-51, Jaborandi (BA);

Pousada Rio Formoso, CNPJ 11.905.302/0001-25, Coribe (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 55 ocorrências

Córrego Formoso → Município de Carrancas – Campo das Vertentes

Fazenda Formoso → Município de Carrancas – Campo das Vertentes

Córrego Formosa → Município de Curvelo – Central Mineira

Cidade Monte Formoso → Município de Monte Formoso – Jequitinhonha

Córrego Formosa → Município de Minas Nova – Jequitinhonha

Pedra Formosa → Município de Novo Cruzeiro – Jequitinhonha

Localidade Formoso → Município de Pedra Azul – Jequitinhonha

Fazenda Formosa → Município de Pedra Azul – Jequitinhonha

Córrego Formosa → Município de Divisópolis – Jequitinhonha

Córrego Formosa → Município de Mata Verde – Jequitinhonha

Localidade Formosa → Município de Mata Verde – Jequitinhonha

Fazenda Formoso → Município de Catuji – Mucuri

Lagoa Formoso → Município de Frei Gaspar – Mucuri

Córrego Formoso → Município de Frei Gaspar – Mucuri

Fazenda Formoso → Município de Itaipé – Mucuri

Fazenda Formosa → Município de Machacalis – Mucuri

Cidade Formoso → Município de Formoso – Noroeste

Vereda Formosa → Município de Arinos – Noroeste

Córrego Formoso → Município de Buritis – Noroeste

Córrego Formoso → Município de Formoso – Noroeste

Localidade Formoso → Município de Formoso – Noroeste

Vereda Formosa → Município de Unaí – Noroeste

Ribeirão Formoso → Município de Unaí – Noroeste

Ribeirão Formoso → Município de João Pinheiro – Noroeste

Serra do Formoso → Município de João Pinheiro – Noroeste

Rio do Formoso → Município de São Gonçalo do Abaeté – Noroeste

Lagoa Formosa → Município de Bonito de Minas – Norte

Fazenda Formoso → Município de Itacarambi – Norte
 Lagoa Formosa → Município de Januária – Norte
 Fazenda Formoso → Município de Salinas – Norte
 Fazenda do Formoso → Município de Buritizeiro – Norte
 Rio do Formoso → Município de Buritizeiro – Norte
 Fazenda Formosa → Município de Santa Fé de Minas – Norte
 Fazenda Formoso → Município de Varzelândia – Norte
 Lagoa Formosa de Baixo → Município de Grão Mogol – Norte
 Lagoa Formosa de Cima → Município de Grão Mogol – Norte
 Fazenda Formoso → Município de Formiga – Oeste de Minas
 Córrego Formoso → Município de Formiga – Oeste de Minas
 Morro do Formoso → Município de Formiga – Oeste de Minas
 Fazenda Formosa → Município de Frei Inocência – Rio Doce
 Fazenda Formoso da Serra → Município de Passos – Sul/Sudoeste
 Fazenda Formosa → Município de Passos – Sul/Sudoeste
 Serra Formoso → Município de Passos – Sul/Sudoeste
 Serra do Formoso → Município de Pratápolis – Sul/Sudoeste
 Ribeirão Formoso → Município de Baependi – Sul/Sudoeste
 Cidade Lagoa Formosa → Município de Lagoa Formosa – Triângulo Min./Alto Paranaíba
 Lagoa Formosa → Município de Araporã – Triângulo Min./Alto Paranaíba
 Córrego Formoso → Município de Iturama – Triângulo Min./Alto Paranaíba
 Ribeirão Formoso → Município de Ibiá – Triângulo Min./Alto Paranaíba
 Serra do Lagoa Formos → Município de Ibiá – Triângulo Min./Alto Paranaíba
 Rio Formoso → Município de Rio Pomba – Zona da Mata
 Rio Formoso → Município de Belmiro Braga – Zona da Mata
 Rio Formoso → Município de Oliveira Fortes – Zona da Mata
 Cachoeira Formoso → Município de Oliveira Fortes – Zona da Mata
 Rio Formoso → Município de Santos Dumont – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, localidade, vereda, serra, ribeirão, lagoa, morro, cahoeira.
 Acidentes Humanos: fazenda, rua, empreendimentos, cidade.

ABONAÇÕES:

- Em Portugal, têm-se o topônimo *Formoso* em Almeida (Vilar Formoso), Braga, Moura, Odemira, Vila Franca de Xira; frequente no Brasil (Machado, 2003, p. 660).

ORIGEM: formoso *adj.* ‘de bela aparência, bonito’ / XIV. Do lat. *formosus* (Cunha, 2017, p. 299).

11 → *GRANDE* (RIO)

DIMENSIOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Grande	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

4 ocorrências

Rua Rio Grande - Senhora de Fátima - Betim, MG, CEP: 32672-238;

Rua Rio Grande - Parque Riacho das Pedras - Contagem, MG, CEP: 32280-360.

Empreendimentos Rio Grande Ltda, CNPJ: 04.126.300/0001-72, Ijaci (MG);

Rio Grande MG Construções Ltda, CNPJ: 02.612.998/0001-00, Fronteira (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 255 ocorrências

Rio Grande → Município Ijaci – Campo das Vertentes

Capoeira Grande → Município Ingaí – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Itumirim – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Itutinga – Campo das Vertentes

Ribeirão Grande → Município – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Nepomuceno – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Ribeirão Vermelho – Campo das Vertentes

Morro Grande → Município Dolores do Campo – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município Lagoa Dourada – Campo das Vertentes

Ribeirão Grande → Município Madre de Deus de Minas – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Madre de Deus de Minas – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Nazareno – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município Piedade do Rio Grande – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município Prados – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município Resende Costa – Campo das Vertentes

Rio Grande → Município São João Del Rey – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município São João Del Rey – Campo das Vertentes

Morro Grande → Município São João Del Rey – Campo das Vertentes

Ribeirão Grande → Município São João Del Rey – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município São Tiago – Campo das Vertentes

Córrego Grande Danta → Município Carandaí – Campo das Vertentes

Córrego Grande → Município Abaeté – Central Mineira

Córrego do Mato Grande → Município Abaeté – Central Mineira

Córrego do Saco Grande → Município Abaeté – Central Mineira

Córrego Grande → Município Biquinhas – Central Mineira

Córrego Grande → Município Cedro do Abaeté – Central Mineira
Córrego Grande → Município Morada Nova de Minas – Central Mineira
Córrego Grande → Município Paineiras – Central Mineira
Açude Grande → Município Pompéu – Central Mineira
Cachoeira Grande → Município Três Marias – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Buenópolis – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Curvelo – Central Mineira
Morro Grande → Município Felixlândia – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Morro da Garça – Central Mineira
Morro Grande → Município Araújos – Central Mineira
Córrego Grande → Município Araújos – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Bom Despacho – Central Mineira
Morro Grande → Município Dolores do Indaiá – Central Mineira
Morro Grande → Município Luz – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Martinho Campos – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Moema – Central Mineira
Córrego Grande → Município Quartel Geral – Central Mineira
Córrego Grande → Município Serra da Saudade – Central Mineira
Ribeirão Grande → Município Carbonita – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Francisco Badaró – Central Mineira
Córrego Grande → Município Minas Novas – Central Mineira
Ribeirão Grande → Município Turmalina – Central Mineira
Córrego Grande → Município Araçuaí – Central Mineira
Córrego Grande → Município Caraí – Central Mineira
Ilha Grande → Município Coronel Murta – Central Mineira
Córrego Grande → Município Itinga – Central Mineira
Córrego Grande → Município Novo Cruzeiro – Central Mineira
Córrego Grande → Município Virgem da Lapa – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Comercinho – Central Mineira
Córrego Grande → Município Pedra Azul – Central Mineira
Córrego Grande → Município Divisópolis – Central Mineira
Pedra Grande → Município Jequitinhonha – Central Mineira
Córrego Grande → Município Jequitinhonha – Central Mineira
Lagoa Grande → Município Jequitinhonha – Central Mineira
Chapada Grande → Município Jequitinhonha – Central Mineira
Córrego Grande → Município Palmópolis – Central Mineira
Morro Grande → Município Salto da Divisa – Central Mineira
Córrego Grande → Município Santo Antônio do Jacinto – Central Mineira
Córrego Grande → Município Baldim – Metropolitana
Córrego Grande → Município Jaboticatubas – Metropolitana
Córrego Grande → Município Maravilhas – Metropolitana

Lagoa Grande → Município Papagaios – Metropolitana
Lagoa Grande → Município Santana do Pirapama – Metropolitana
Lagoa Grande → Município Sete Lagoas – Metropolitana
Lagoa Grande → Município Sete Lagoas – Metropolitana
Córrego Grande → Município Morro Vermelho – Metropolitana
Córrego Grande → Município Santo Antônio do Itambé – Metropolitana
Serra Grande → Município Onça do Pitangui – Metropolitana
Córrego Grande → Município Brumadinho – Metropolitana
Lagoa Grande → Município Esmeraldas – Metropolitana
Ribeirão Grande → Município Esmeraldas – Metropolitana
Córrego Grande → Município Mateus Leme – Metropolitana
Córrego Grande → Município Nova Lima – Metropolitana
Córrego Grande → Município Pedro Leopoldo – Metropolitana
Córrego Grande → Município Dionísio – Metropolitana
Córrego Grande → Município Ferros – Metropolitana
Córrego Grande → Município Nova União – Metropolitana
Córrego Grande → Município São Domingos do Prata – Metropolitana
Córrego Grande → Município Itatiaiuçu – Metropolitana
Córrego Grande → Município Rio Manso – Metropolitana
Fazenda Grande → Município Rio Manso – Metropolitana
Córrego Grande → Município Mariana – Metropolitana
Córrego Grande → Município Ouro Preto – Metropolitana
Rio Grande → Município Casa Grande – Metropolitana
Córrego Grande → Município Teófilo Otoni – Mucuri
Córrego Grande → Município Ataléia – Mucuri
Córrego Grande → Município Malacacheta – Mucuri
Lagoa Grande → Município Malacacheta – Mucuri
Ribeirão Grande → Município Malacacheta – Mucuri
Córrego Grande → Município Poté – Mucuri
Povoado Grande Sorte → Município Águas Formosas – Mucuri
Córrego Grande → Município Carlos Chagas – Mucuri
Córrego Grande → Município Nanuque – Mucuri
Lagoa Grande → Município Arinos – Noroeste
Vereda Grande → Município Bonfinópolis de Minas – Noroeste
Vereda Grande → Município Buritis – Noroeste
Cabeceira Grande → Município Cabeceira Grande – Noroeste
Lagoa Grande → Município Unaí – Noroeste
Vereda Grande → Município Unaí – Noroeste
Vereda Grande → Município Brasilândia de Minas – Noroeste
Cachoeira Grande → Município João Pinheiro – Noroeste
Vereda Grande → Município João Pinheiro – Noroeste

Vereda Grande → Município Paracatu – Noroeste
Córrego Grande → Município São Gonçalo do Abaeté – Noroeste
Ilha Grande → Município São Gonçalo do Abaeté – Noroeste
Lagoa Grande → Município Vazante – Noroeste
Riacho Grande → Município Icarai de Minas – Norte
Vereda Grande → Município Januária – Norte
Vereda Grande → Município Montalvânia – Norte
Vereda Grande → Município São Francisco – Norte
Lagoa Grande → Município São Francisco – Norte
Riacho Grande → Município São Francisco – Norte
Rio Grande → Município Espinosa – Norte
Córrego Grande → Município Monte Azul – Norte
Lagoa Grande → Município Pai Pedro – Norte
Lagoa Grande → Município Porteirinha – Norte
Lagoa Grande → Município Riacho dos Machados – Norte
Morro Grande → Município Riacho dos Machados – Norte
Lagoa Grande → Município Serranópolis de Minas – Norte
Córrego Grande → Município Serranópolis de Minas – Norte
Córrego Grande → Município Montezuma – Norte
Lagoa Grande → Município Rio Pardo de Minas – Norte
Lagoa Grande → Município Rubelita – Norte
Córrego Grande → Município Santo Antônio do Retiro – Norte
Baixa Grande → Município São João do Paraíso – Norte
Lagoa Grande → Município São João do Paraíso – Norte
Ilha Grande → Município Buritizeiro – Norte
Lagoa Grande → Município Buritizeiro – Norte
Lagoa Grande → Município São Romão – Norte
Riacho Grande → Município Ibiracatu – Norte
Lagoa Grande → Município Japonvar – Norte
Riacho Grande → Município São João da Ponte – Norte
Riacho Grande → Município Ubaí – Norte
Riacho Grande → Município Varzelândia – Norte
Córrego Grande → Município Cristália – Norte
Córrego Grande → Município Grão Mongol – Norte
Ribeirão Grande → Município Bocaiúva – Norte
Lagoa Grande → Município Guaraciama – Norte
Lagoa Grande → Município Bambuí – Oeste de Minas
Córrego Grande → Município Medeiros – Oeste de Minas
Lagoa Grande → Município Pinhuí – Oeste de Minas
Córrego Grande → Município Pinhuí – Oeste de Minas
Córrego Grande → Município São Roque de Minas – Oeste de Minas

Ribeirão Grande → Município São Roque de Minas – Oeste de Minas
 Córrego Grande → Município Tapiraí – Oeste de Minas
 Córrego Grande → Município Divinópolis – Oeste de Minas
 Córrego Grande → Município Nova Serrana – Oeste de Minas
 Lagoa Grande → Município Formiga – Oeste de Minas
 Morro Grande → Município Formiga – Oeste de Minas
 Brejo Grande → Município Formiga – Oeste de Minas
 Córrego Grande → Município Pimenta – Oeste de Minas
 Rio Grande → Município Cana Verde – Oeste de Minas
 Córrego Grande → Município Candeias – Oeste de Minas
 Rio Grande → Município Perdões – Oeste de Minas
 Rio Grande → Município Bom Sucesso – Oeste de Minas
 Rio Grande → Município Ibituruna – Oeste de Minas
 Lagoa Grande → Município Passatempo – Oeste de Minas
 Localidade Grande → Município Guanhães – Rio Doce
 Lagoa Grande → Município Guanhães – Rio Doce
 Fazenda Grande Esplanada → Município Materlândia – Rio Doce
 Córrego Grande → Município Senhora do Porto – Rio Doce
 Córrego Grande Jacaré → Município Senhora do Porto – Rio Doce
 Rio Grande → Município Senhora do Porto – Rio Doce
 Rio Grande → Município Peçanha – Rio Doce
 Córrego Grande → Município Governador Valadares – Rio Doce
 Ilha Grande → Município Governador Valadares – Rio Doce
 Lagoa Grande → Município Mathias Lobato – Rio Doce
 Localidade Grande → Município Belo Oriente – Rio Doce
 Córrego Grande → Município Bom Jesus do Galho – Rio Doce
 Córrego Grande → Município Córrego Novo – Rio Doce
 Córrego Grande → Município Mutum – Rio Doce
 Ribeirão Grande → Município Delfinópolis – Sul / Sudoeste
 Serra Grande → Município Delfinópolis – Sul / Sudoeste
 Rio Grande → Município Ibiraci – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Passos – Sul / Sudoeste
 Ribeirão Grande → Município São João Batista do Glória – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Jacuí – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Muzambinho – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Alterosa – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Carmo do Rio Claro – Sul / Sudoeste
 Cachoeira Grande → Município Poço Fundo – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Campos Gerais – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Inconfidentes – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Ouro Fino – Sul / Sudoeste

Córrego Grande → Município Borda da Mata – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Cambuí – Sul / Sudoeste
 Fazenda Grande → Município Pouso Alegre – Sul / Sudoeste
 Lagoa Grande → Município Senador Amaral – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Santa Rita do Sapucaí – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Baependi – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Andrelândia – Sul / Sudoeste
 Rio Grande → Município Andrelândia – Sul / Sudoeste
 Rio Grande → Município Bocaina de Minas – Sul / Sudoeste
 Fazenda Rio Grande → Município Bocaina de Minas – Sul / Sudoeste
 Rio Grande → Município Bom Jardim de Minas – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Bom jardim de Minas– Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Carvalhos – Sul / Sudoeste
 Rio Grande → Município Liberdade – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Serranos – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Itajubá – Sul / Sudoeste
 Morro Grande → Município Piranguinho – Sul / Sudoeste
 Córrego Grande → Município Gurinhatã – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Araguari – Triângulo /Alto Paranaíba
 Morro Grande → Município Gurinhatã – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande da Água → Município – Triângulo /Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Monte Alegre de Minas – Triângulo / Alto Paranaíba
 Ribeirão Grande → Município Monte Alegre de Minas – Triângulo /Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Tupaciguara – Triângulo / Alto Paranaíba
 Ribeirão Grande → Município Tupaciguara – Triângulo /Alto Paranaíba
 Ilha Grande → Município Uberlândia – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Uberlândia – Triângulo /Alto Paranaíba
 Ribeirão Grande → Município Uberlândia – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Tiros – Triângulo /Alto Paranaíba
 Ribeirão Grande → Município Tiros – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Campina Verde – Triângulo /Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Frutal – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Itapegipe – Triângulo /Alto Paranaíba
 Fazenda Grande → Município Itapegipe – Triângulo / Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Iturama – Triângulo /Alto Paranaíba
 Lagoa Grande → Município Água Comprida – Triângulo / Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Água Comprida – Triângulo /Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Conquista – Triângulo / Alto Paranaíba
 Ilha Grande → Município Conquista – Triângulo /Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Uberaba – Triângulo / Alto Paranaíba
 Fazenda Grande Capão → Município Uberaba – Triângulo /Alto Paranaíba

Córrego Grande → Município Campos Altos – Triângulo /Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Ibiá – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande Formoso → Município Ibiá – Triângulo /Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Pratinha – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Sacramento – Triângulo /Alto Paranaíba
 Rio Grande → Município Sacramento – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Santa Juliana – Triângulo /Alto Paranaíba
 Espigão Grande → Município Tapira – Triângulo / Alto Paranaíba
 Riacho Grande → Município Tapira – Triângulo /Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Tapira – Triângulo / Alto Paranaíba
 Córrego Grande → Município Barra Longa – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Raul Soares – Zona da Mata
 Lagoa Grande → Município Rio Casca – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Abre Campo – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Lajinha – Zona da Mata
 Ribeirão Grande → Município Simonésia – Zona da Mata
 Cachoeira Grande → Município Canaã – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Pedra do Anta – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Piranga – Zona da Mata
 Serra Grande → Município Bias Fortes – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município Lima Duarte – Zona da Mata
 Serra Grande → Município Lima Duarte – Zona da Mata
 Córrego Grande → Município São João Nepomuceno – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, capoeira, córrego, ribeirão, serra, lagoa, riacho, ilha, morro, cachoeira, vereda

Acidentes Humanos: ruas, empreendimentos, fazenda, localidade, povoado.

ABONAÇÕES:

- Machado registra *Grande* como topônimo em Portugal e no Brasil. Em Portugal: Ilhas da Madeira (ilhéu, picos, ribeira) e das Flores (ribeira); Alvito, Beja, Benavente, Cinfães, Évora, Lisboa, Montemor-o-Novo, Odemira, Tomar, Vila Viçosa. No Brasil: é muito frequente. Do adjetivo *grande* que entra em topônimos compostos nacionais e estrangeiros: *Aldeia Grande*, *Grande Oceano*, *Ilha Grande de Joane*, na foz do Amazonas, *Rio Grande*, *Rio Grande do Norte*, *Rio Grande do Sul*, *Vale Grande*, *Lago Grande dos Escravos*, *Lago Grande dos Ursos*, *Lago Grande Salgado* (Machado, 2003, p. 741).

ORIGEM: Do latim *grandis*, século XIII (Cunha, 2017, p. 322).

12 → **GUARÁ** (RIO)

ZOOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Guará	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

8 ocorrências

Rua Rio Guarά - Jardim Caetés - Abreu e Lima, PE, CEP: 53560-056;

Rua Guarά - Novo Eldorado - Contagem, MG, CEP: 32341-080;

Rua Guarά - Zabelê - Vitória da Conquista, BA, CEP: 45077-360;

Rua Guarά - Barreiras I - Barreiras, BA, CEP: 47813-246;

Rua Guarά - Lago Azul - 3ª Seção - Ibitité, MG, CEP: 32415-388;

Rua Guarά - Santa Filomena - Curvelo, MG, CEP: 35794-222;

Rua Guarά - Santo Antônio - Araxá, MG, CEP: 38182-058;

Mineração Rio Guarά Ltda, CNPJ: 34.079.160/0001-90, Santa Maria da Vitória (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 23 ocorrências

Ribeirão do Guarά → Município de Três Marias – Central Mineira

Córrego Guarά → Município de Monjolos – Central Mineira

Morro do Guarά → Município de Morro da Garça – Central Mineira

Fazenda do Guarά → Município de Estrela do Indaiá – Central Mineira

Córrego Guarά → Município de Diamantina – Jequitinhonha

Fazenda Guarά → Município de Três Marias – Central Mineira

Localidade Guarά → Município de Baldim – Metropolitana

Córrego Guarά → Município de Inhaúma – Metropolitana

Fazenda Guarά → Município de Inhaúma – Metropolitana

Córrego Guarά → Município de Papagaios – Metropolitana

Córrego do Guarά → Município de João pinheiro – Noroeste

Fazenda Guarά → Município de João Pinheiro – Noroeste

Lagoa Guarά → Município de João Pinheiro – Noroeste

Vereda Guarά → Município de São Francisco – Norte

Vereda Guarά → Município de Urucuaia – Norte

Córrego Guarά → Município de Fruta de Leite – Norte

Localidade Guarά → Município de Fruta de Leite – Norte

Córrego Guarά → Município de Montezuma – Norte

Córrego Guarά → Município de Santo Antônio do Retiro – Norte

Córrego Guarά → Município de Vargem Grande do Rio Pardo – Norte

Ribeirão do Guarά → Município de Lassance – Norte

Fazenda Guarά → Município de São João da Lagoa – Norte

Córrego Guarά → Município de São João da Lagoa – Norte

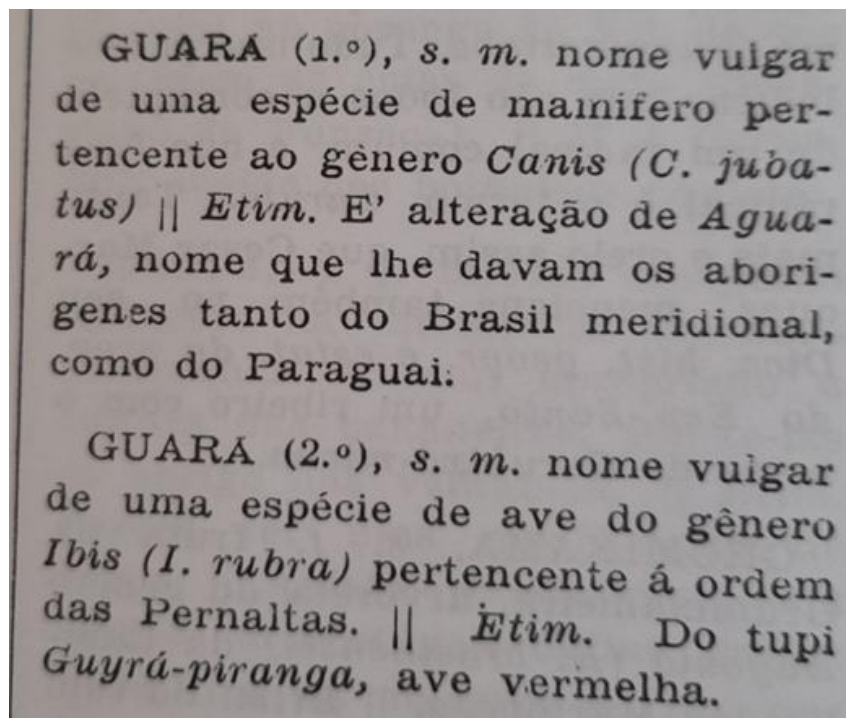
Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: Veredas, córregos, ribeirão, lagoa, morro, localidade

Acidentes Humanos: ruas, empreendimento.

ABONAÇÕES:

- Guará s.m. Bras. Zool. Ave ciconiiforme, tresquiornitídea (Guara rubra), dos mangues e estuários da América do Sul setentrional e oriental, de coloração vermelho-viva e pontas das rêmiges exteriores da mão pretas. Os jovens são mais ou menos brancos, pintados de pardo. || 2. [Do tupi gwa'rá.] Zool. Mamífero carnívoro, canídeo (*Chrysocyon brachyurus*), das regiões abertas do N. da Argentina, do Paraguai e do Brasil, especialmente nos cerrados, de coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com mancha branca na garganta. É um dos maiores e mais belos canídeos. [Var.: aguará; sin.: aguaracu] (Freitas, 2018, p. 225).
- ave, por guará (Sampaio, 1987, pág. 237).
- Como topônimo, Guará é registrado no Brasil nos estados: São Paulo, Amapá, Bahia, Ceará. Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina. Com este nome há uma ave e um mamífero canídeo (Machado, 2003, p. 750).
- Beaufort-Rohan (2007, p. 126):



ORIGEM: sm. 'ave da família dos tresquiornitídeos' / 1585, *goará* 1576, *guará* 1584/ Do tupi *üa'ra* (Cunha, 2017, p. 327).

13 → *GORUTUBA~GUROTUBA* (RIO)

LITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Gorutuba~Gorotuba	Médio	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

14 ocorrências

Gorutuba: distrito do município brasileiro de Porteirinha, na região norte de Minas Gerais. Escola Estadual José Gorutuba, Rua Cirilo Barbosa, 605, São Gonçalo, Janaúba – MG, Rua Rio Gurutuba - Planalto - Montes Claros, MG, CEP: 39404-675;

Rua Gorutuba - Nova Esperança - Janaúba, MG, CEP: 39442-135;

Rua Gorutuba - Gameleira - Janaúba, MG, CEP: 39442-198;

Rua Barão do Gorutuba - Novo Paraíso - Janaúba, MG, CEP: 39442-076;

Rua Barão do Gorutuba - Centro - Janaúba, MG, CEP: 39442-026;

Rua Gorutuba, s/n - Centro - Pai Pedro, MG, CEP: 39517-973;

Serraria Gorutuba Ltda, CNPJ: 05.536.165/0001-04, Janaúba (MG);

Café Gorutuba, CNPJ: 08.297.880/0001-11, Janaúba (MG);

Comercial Gorutuba Ltda, CNPJ: 03.032.850/0001-60, Janaúba (MG);

Cerâmica Gorutuba Ltda, CNPJ: 20.567.368/0008-10, Matias Cardoso (MG);

Gorutuba Park Hotel, CNPJ 21.151.998/0001-03, Janaúba (MG);

Gorutuba Comércio Gastronômico Ltda, CNPJ: 37.324.228/0001-47, Belo Horizonte

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 6 ocorrências

Fazenda Barra dos Gorutuba → Município de Gameleiras - Norte

Rio Gorutuba → Município de Gameleiras – Norte

Rio Gorutuba → Município de Jaíba – Norte

Rio Gorutuba → Município de Janaúba – Norte

Fazenda Gorutuba → Município de Janaúba – Norte

Localidade Gorutuba → Município de Gameleiras – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio.

Acidentes Humanos: distrito, escola ruas, empreendimentos, fazenda, localidade.

ABONAÇÕES:

- Gorutuba: topônimo no Brasil, Nomeia rio em Minas Gerais. Do tupi, talvez de *Gururutuba* (*cururu*, ‘sapo’, *tuba*, ‘muito’) (Machado, 2003, p. 733).
- Gurutubano: Este nome vem da zona de Gurutuba, (Grão Mogol), terra riquíssima em forrageiras, onde se distendem prados relvosos de grande riqueza (Souza, 2004, p. 167).

ORIGEM: Gorutuba – corr. Curú-tyba, seixal, pedregal; o sítio dos seixos ou calhaus (Sampaio, 1987, p. 233).

14 → IPANEMA (RIO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Ipanema	Baixo	Alagoas

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

11 ocorrências

Santana do Ipanema, município unidade federativa do estado do Alagoas (município banhado pelo Rio Ipanema);

Povoado de Ipanema, Rua Dom Jose Lopes, 90, Pesqueira - PE, CEP: 55.200-000;

Fazenda Ipanema, Zona Rural, Buíque, Pernambuco, Brasil. CEP: 56520000.

Rua Rio Ipanema - José e Maria - Petrolina, PE, CEP: 56320-185;

Rua Ipanema - Jardim Jordão - Jaboatão dos Guararapes, PE, CEP: 54320-160;

Rua Ipanema - Sapucaia - Olinda, PE, CEP: 53280-120;

Rua Ipanema - Morro da Conceição - Recife, PE, CEP: 52280-010;

Rua Ipanema - Bela Vista - Vitória de Santo Antão, PE, CEP: 55608-825;

Rua Ipanema - Dois Carneiros - Jaboatão dos Guararapes, PE, CEP: 54280-723;

Rua Rio Ipanema - Parque das Águas - Ipatinga, MG, CEP: 35164-410;

Edifício Rio Ipanema, CNPJ: 04.212.406/0001-99, Petrolina (PE).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 11 ocorrências

Fazenda Ipanema → Município de Medina – Jequitinhonha

Fazenda Ipanema → Município de Joáima – Jequitinhonha

Fazenda Ipanema → Município de Águas Formosas – Mucuri

Fazenda Ipanema → Município de Curral de Dentro – Norte

Cidade Ipanema → Município de Ipanema – Rio Doce

Cidade Conceição de Ipanema → Município de Conceição de Ipanema – Rio Doce

Fazenda Ipanema → Município de Ipatinga – Rio Doce

Cachoeira Ipanema → Município de Ipatinga – Rio Doce

Ribeirão Ipanema → Município de Ipatinga – Rio Doce

Fazenda Ipanema → Município de Carmo do Rio Claro –Sul/Sudoeste de Minas

Fazenda Ipanema → Município de Palma – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: cachoeira, ribeirão.

Acidentes Humanos: município, povoado, fazenda, ruas, empreendimento, cidade.

ABONAÇÕES:

- Ipanema – topônimo no Brasil: Alagoas (rio e *Santana de Ipanema*), Guanabara (rio e praia), Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco. Do tupi *ĩ panema*, ‘água ruim, imprestável, rio que não tem peixe’ (Machado, 2003, p. 805) .

ORIGEM: y-panema, a água ruim, imprestável, o rio sem peixe ou ruim para pesca (Sampaio, 1987, p. 251).

15 → *ITAGUARI* (RIO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Itaguari	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

5 ocorrências

Rua Itaguari - Santa Terezinha - Santo Antônio de Jesus, BA, CEP: 44445-586;

Itaguari Empreendimentos Imobiliários Ltda, CNPJ: 15.933.930/0001-75, Santo Antônio de Jesus (BA);

Pousada Itaguari, CNPJ 13.676.707/0001-64, Cocos (BA);

Condomínio Itaguari Shopping Center, CNPJ: 02.066.422/0001-95, Santo Antônio de Jesus (BA);

Cine Itaguari, Santo Antônio de Jesus (BA);**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: rua, empreendimentos

ABONAÇÕES:

- <https://pontadepedras.pa.gov.br/o-municipio/historia/>
Itaguari: nome de origem indígena, significa “rio do morador das pedras” ou “rio das barreiras”.
- *Itaguaí*: topônimo, no Brasil, nomeia serra e vila no Rio de Janeiro. Antigo *Taguai*. Há dúvidas quanto à origem deste nome, embora nele se reconheça geralmente a presença dos elementos *i'ta*, ‘pedra’, e *ü*, ‘rio’, ‘água’ (Machado, 2003, p. 813).

ORIGEM: *Itaguá-y*, o rio dos barreiros ou dos tauás. Variante *Itaguaba*. Antigamente, *Taguahy* (Sampaio, 1987, p. 255).

16 → JACARÉ (RIO)

ZOOTOPÔNIMO/FITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Jacaré	Médio/Submédio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

2 ocorrências

Rua Rio Jacaré - José e Maria - Petrolina, PE, CEP: 56320-040.

Associação Rio Jacaré, CNPJ: 47.402.857/0001-00, Barro Alto (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 92 ocorrências

Fazenda Jacaré → Município Madre de Deus de Minas – Campo das Vertentes

Rio Jacaré → Município São Tiago – Campo das Vertentes

Localidade Jacaré → Município Tiago – Campo das Vertentes

Fazenda Jacaré → Município Tiago – Campo das Vertentes

Fazenda Jacaré → Município Augusto de Lima – Central Mineira

Córrego Jacaré → Município Buenópolis – Central Mineira

Fazenda Jacaré → Município Buenópolis – Central Mineira

Fazenda Jacaré → Município Curvelo – Central Mineira

Córrego Jacaré → Município Curvelo – Central Mineira

Lagoa Jacaré → Município Curvelo – Central Mineira

Córrego Jacaré → Município Felixlândia – Central Mineira

Rio do Jacaré → Município Lagoa da Prata – Central Mineira

Fazenda Jacaré → Município Lagoa da Prata – Central Mineira

Córrego Jacaré → Município Diamantina – Jequitinhonha

Córrego Jacaré Velho → Município Itinga – Jequitinhonha

Vila Jacaré → Município Itinga – Jequitinhonha

Córrego Jacaré → Município Comercinho – Jequitinhonha

Fazenda Jacaré → Município Comercinho – Jequitinhonha

Córrego Jacaré → Município Salto da Divisa – Jequitinhonha

Fazenda Jacaré → Município Baldim – Metropolitana

Povoado Jacaré → Município Papagaios – Metropolitana

Lagoa Jacaré → Município Prudente de Moraes – Metropolitana

Córrego Jacaré → Município Conceição do Mato Dentro – Metropolitana

Córrego Jacaré → Município Serro – Metropolitana

Povoado Jacaré → Município São Domingos do Prata – Metropolitana

Povoado Jacaré → Município Pitangui – Metropolitana

Lagoa Jacaré → Município Dionísio – Metropolitana

Cachoeira Jacaré → Município Pavão – Mucuri

Córrego Jacaré → Município Teófilo Otoni – Mucuri

Lagoa do Jacaré → Município Unaí – Noroeste

Fazenda Jacaré → Município Logamar – Noroeste

Rio Jacaré → Município Logamar – Noroeste

Córrego Jacaré → Município Lagoa Grande – Noroeste
 Fazenda Jacaré → Município Lagoa Grande – Noroeste
 Fazenda Jacaré → Município Presidente Olegário – Noroeste
 Rio Jacaré → Município Presidente Olegário – Noroeste
 Lagoa do Jacaré → Município Vazante – Noroeste
 Fazenda Jacaré → Município Icaraí de Minas – Norte
 Fazenda Jacaré → Município Juvenília – Norte
 Fazenda Jacaré Grande → Município Janaúba – Norte
 Córrego do Jacaré → Município Riacho dos Machados – Norte
 Fazenda Jacaré → Município Ninheira – Norte
 Córrego Jacaré → Município Ninheira – Norte
 Córrego Jacaré Velho → Município Rubelita – Norte
 Fazenda Jacaré → Município São João do Paraíso – Norte
 Córrego do Jacaré → Município São João do paraíso – Norte
 Localidade Jacaré → Município Patis – Norte
 Fazenda Jacaré → Município Grão Mongol – Norte
 Córrego do Jacaré → Município Grão Mongol – Norte
 Córrego Vereda do Jacaré → Município Grão Mongol – Norte
 Lagoa Jacaré → Município Grão Mongol – Norte
 Córrego Jacaré → Município Bociaúva – Norte
 Cidade Santana do Jacaré → Município Santana do Jacaré– Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município Santana do Jacaré – Oeste de Minas
 Fazenda Jacaré → Município São Gonçalo do Pará – Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município Campo Belo – Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município Cana-Verde – Oeste de Minas
 Fazenda Chapada do Jacaré → Município Oliveira – Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município Oliveira – Oeste de Minas
 Fazenda Jacaré da Lavrinha → Município Oliveira – Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município São Francisco de Paula – Oeste de Minas
 Fazenda Jacaré → Município São Francisco de Paula – Oeste de Minas
 Ribeirão Jacaré → Município São Francisco de Paula – Oeste de Minas
 Córrego Jacaré → Município Sabinópolis – Rio Doce
 Córrego Grande Jacaré → Município Senhora do Porto – Rio Doce
 Localidade Jacaré → Município Senhora do Porto – Oeste de Minas
 Lagoa Jacaré → Município Bom Jesus do Galho – Oeste de Minas
 Rio Jacaré → Município Baependi – Sul/Sudoeste de Minas
 Córrego Jacaré → Município Andrelândia – Sul/Sudoeste de Minas
 Córrego Jacaré → Município São Vicente de Minas – Sul/Sudoeste de Minas
 Fazenda Jacaré → Município São Vicente de Minas – Sul/Sudoeste de Minas
 Fazenda Jacaré → Município Monte Alegre de Minas – Triângulo/Alto Paranaíba
 Rio Jacaré → Município Patos de Minas – Triângulo/Alto Paranaíba
 Córrego Jacaré → Município Iturama – Triângulo/Alto Paranaíba
 Lagoa do Jacaré → Município Iturama – Triângulo/Alto Paranaíba
 Fazenda do Jacaré → Município Uberaba – Triângulo/Alto Paranaíba
 Córrego Jacaré → Município Uberaba – Triângulo/Alto Paranaíba
 Córrego Jacaré → Município Nova Ponte – Triângulo/Alto Paranaíba
 Fazenda Jacaré → Município Jequeri – Zona da Mata

Fazenda Ponte do Jacaré → Município Jequeri – Zona da Mata
 Córrego Jacaré → Município Rio Casca – Zona da Mata
 Fazenda Jacaré → Município Santo Antônio do Gramma – Zona da Mata
 Córrego Jacaré → Município Santo Antônio do Gramma – Zona da Mata
 Fazenda Jacaré → Município Barão do Monte Alto – Zona da Mata
 Fazenda Jacaré → Município Muriaé – Zona da Mata
 Córrego Jacaré → Município Muriaé – Zona da Mata
 Córrego Jacaré → Município Rosário de Limeira – Zona da Mata
 Córrego Jacaré → Município Astolfo Dutra – Zona da Mata
 Fazenda Jacaré → Município Lima Duarte – Zona da Mata
 Córrego Grota do Jacaré → Município Rio Preto – Zona da Mata
 Fazenda Jacaré → Município Santa Bárbara do Monte Verde – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego, rio, ribeirão, lagoa.

Acidentes Humanos: rua, empreendimento, fazenda, localidade, vila, povoado.

ABONAÇÕES:

- Jacaré, topônimo. Moimenta da Beira (*Quinta do Jacaré*); no Brasil, frequente. Do s. m. *jacaré*. Por que o caso português? Alcinha tornada topônimo? Figura existente no local? (Machado, 2003, p. 817).
- EMBRAPA FLORESTAS:
<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/313230/1/circotec91.pdf>
Pau-Jacaré - *Piptadenia gonoacantha*
 Família: Mimosaceae (Leguminosae Mimosoideae).
 Sinonímia botânica: *Acacia gonoacantha* Martius; *Piptadenia communis* Benth; *Piptadenia vulgaris* Benth.
 Nomes vulgares: angico, no Distrito Federal; angico-branco, camboeteiro, camoeteiro e serreiro, no Estado de São Paulo; caniveteiro e monjolo, em Minas Gerais; *casco-de-jacaré*, em Santa Catarina; *icarapé*, na Bahia; *jacaré*, em Minas Gerais, no Paraná, nos Estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, *jacarezeiro*, no Paraná; e monjoleiro.
 Casca: com espessura de até 5 mm. A casca externa, com cristas lineares longitudinais, interligadas por outras menores transversais, lembrando, às vezes, o couro do jacaré, motivo pelo qual leva o nome popular; estão presentes, também, acúleos em maior ou menor quantidade, de até 2 cm de comprimento. A casca externa é áspera nas árvores jovens, tornando-se rugosa ou fissurada como envelhecimento. A casca interna é amarelada.
- Jacaré – (...) Regionalismo: Brasil. Design. comum aos répteis crocódilianos da fam. dos aligatorídeos, de focinho largo e chato, encontrados esp. nos rios e pântanos das Américas do Norte e do Sul. Réptil (*Caiman crocodylus*) de até 3 m de comprimento e aparência de um pequeno crocodilo, encontrado desde o México até a Argentina, muito abundante em algumas regiões; caimão, jacaré-de-óculos, jacaretinga (...) (Pimentel, 2022, p. 339)

ORIGEM: *Ya-caré*, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, *y-echá-caré*, aquele que olha de banda (Sampaio, 1987, p. 263).

17 → *JEQUITAI* (RIO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Jequitai	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

9 ocorrências

Município Jequitai

Cidade Jequitai

Rua Rio Jequitai - Guarujá - Montes Claros, MG – CEP: 39404-804

Rua Rio Jequitai - Progresso - Sete Lagoas, MG – CEP: 35701-126

Rua Rio Jequitai - Planalto - Montes Claros, MG – CEP: 39404-676

Rua Jequitai - Santo André - Belo Horizonte, MG – CEP: 31230-590

Rua Jequitai - Monte Alegre - Montes Claros, MG – CEP: 39401-487

Empresa Jequitai Participações Ltda – CNPJ: 22.513.733/0002-43, Belo Horizonte (MG);

Deposito Jequitai Ltda – CNPJ: 71.241.095/0002-64, Jequitai (MG)

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 6 ocorrências

Rio Jequitai → Município Buenópolis – Central Mineira

Rio Jequitai → Município Joaquim Felício – Central Mineira

Cidade Jequitai → Município Jequitai – Norte

Fazenda Jequitai Velho → Município Jequitai – Norte

Rio Jequitai → Município Lagoa dos Patos – Norte

Rio Jequitai → Município Engenheiro Navarro – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio

Acidentes Humanos: município, cidade, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Jequitai – topônimo no Brasil, em Minas Gerais. Do tupi, mas de forma controversa, conforme Nascentes II (1952) (Machado, 2003, p. 825).

ORIGEM: Jiquitahy - *Yiquitái-y*, o rio das jiquitaias, ou formigas urentes. Minas Gerais (Sampaio, 1987, p. 269).

18 → *MILAGRES (dos)* (RIO)

HIEROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	dos Milagres	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Spl]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** 9 ocorrências

Pedra do Milagre → Município Diamantina – Jequitinhonha

Córrego Pedra do Milagre → Município Diamantina – Jequitinhonha

Fazenda dos Milagres → Município Caraí – Jequitinhonha

Fazenda dos Milagres → Município Catuji – Mucuri

Localidade Milagre → Município Belo Oriente – Rio Doce

Povoado Milagre → Município Monte Santo de Minas – Sul/Sudoeste de Minas

Córrego do Milagre → Município Rio Casca – Zona da Mata

Córrego dos Milagres → Município Paula Cândido – Zona da Mata

Córrego dos Milagres → Município Visconde do Rio Branco – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: pedra, córrego.

Acidentes Humanos: fazenda, povoado.

ABONAÇÕES:

- Milagres – topônimo em Portugal, na Galícia e no Brasil. Em Portugal: Leiria, Lisboa (antiga travessa, Travessa de Nossa Senhora dos Milagres), Monção, Pinhal (Quinta dos Milagres); ilha de S. Miguel. No Brasil: Ceará. Na Galícia, Milagros: Corunha, Orense; pelo menos em alguns casos, alude a Nossa Senhora dos Milagres, orago local; noutros aludirá a acontecimentos extraordinários, tidos como milagres, verificados nos sítios que receberam este nome (Machado, 2003, p. 990-991).

ORIGEM: derivado de ‘mirar’., ‘feito extraordinário que vai contra as leis da natureza, maravilha’ / XIV, miragre XIII, myragre XIV. Do latim (Cunha, 2017, p. 429).

19 → **MOXOTÓ** (RIO)

ETNOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Moxotó	Baixo	Pernambuco

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

14 ocorrências

Distrito do município de Ibimirim - Pernambuco

Microrregião do Moxotó, subdivisão geográfica do estado de Pernambuco que compreende os municípios de Sertânia (onde se localiza o distrito de Moxotó); Ibimirim; Inajá; Custódia; Betânia.

Panificadora Rio Moxotó, CNPJ: 35.066.305/0001-80, Recife (PE).

Rua Rio Moxotó - Ibura - Recife, PE, CEP: 51220-020;

Rua Rio Moxotó - Marcos Freire - Jaboatão dos Guararapes, PE, CEP: 54365-180;

Rua Moxotó - José e Maria - Petrolina, PE, CEP: 56320-620;

Avenida Moxotó - Oliveira Brito - Paulo Afonso, BA, CEP: 48604-500;

Rua Santa Moxotó - Cosme e Damião - Petrolina, PE, CEP: 56313-500.

Churrascaria Moxotó, CNPJ: 03.043.211/0001-08, Arcoverde (PE);

Auto Posto Moxotó Ltda, CNPJ: 03.997.899/0001-57, Jatobá (PE);

Moxotó Construtora e Serviços de Engenharia Ltda, CNPJ: 30.555.457/0001-23, Arcoverde (PE);

Covale Construtora Vale do Moxotó Ltda, CNPJ: 09.961.772/0001-64, Gravatá (PE);

Moxotó Produções Artísticas Ltda, CNPJ: 18.940.500/0001-79, Sertânia (PE);

Piscicultura Moxotó Ltda, CNPJ: 26.112.314/0001-70, Jatobá (PE)

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: distrito, microrregião, ruas, avenida, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Moxotó – topônimo no Brasil: rio de Pernambuco. Segundo depoimentos registrados por Nascentes, tomo II, do cariri (Machado, 2003, p. 1031).

ORIGEM: Nome de tribo tupi; nome de rio afluente da margem esquerda do São Francisco: no seu curso inferior serve de limite entre Pernambuco e Alagoas; nome de vila do município de Ibimirim, Pernambuco (Gregório, 1980, p. 952).

Segundo Nascentes, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, tomo II, nomes próprios*, a origem é do Cariri (*apud* Machado, 2003, p. 1031).

20 → PAJEÚ (RIO)

FITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Pajeú	Submédio	Pernambuco

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

17 de ocorrências

Município Cachoeira do Pajeú (MG)

Cidade Cachoeira do Pajeú

Município Flores do Pajeú (Pernambuco)

Cidade Flores do Pajeú

Serra Talhada (antigamente chamada Vila Bela do Pajeú), município de Pernambuco;

Santa Cruz da Baixa Verde (antiga Jatiúca do Pajeú) - município de Pernambuco.

Fazenda Pajeú, Carinhanha (BA);

Chácara Pajeú, Espinosa (MG);

Praça Barão do Pajeú - Nossa Senhora da Penha - Serra Talhada, PE - 56903-420.

Bairro Pajeú do Vento, Caetité, BA, 46402-970;

Rua Rio Pajeú - Brasília - Feira de Santana, BA, CEP: 44088-426;

Rua Rio Pajeú - Capuchinhos - Feira de Santana, BA, CEP: 44060-250;

Rua Rio Pajeú - José e Maria - Petrolina, PE, CEP: 56320-430;

Metalúrgica Industrial Pajeú Ltda, CNPJ: 19.148.188/0001-48, Contagem (MG);

Pajeú Nordeste Ltda, CNPJ 02.814.573/0001-84, Serra Talhada (PE).

Restaurante E Churrascaria Pajeú Ltda, CNPJ: 21.200.300/0001-94, Monte Azul, MG.

Fabricio da Silva Pajeú, CNPJ: 48.488.315/0001-56, Petrolina (PE).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 9 ocorrências

Cidade Cachoeira do Pajeú → Município de Cachoeira do Pajeú – Jequitinhonha

Riacho Pajeú → Município de São Francisco – Norte

Fazenda Pajeú → Município de Janaúba – Norte

Fazenda Pajeú → Município de Mato Verde – Norte

Rio Pajeú → Município de Mato Verde – Norte

Rio Pajeú → Município de Monte Azul – Norte

Vila Pajeú → Município de Monte Azul – Norte

Fazenda Pajeú → Município de Porteirinha – Norte

Localidade Pajeú → Município de Porteirinha – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: serra, rio

Acidentes Humanos: municípios, cidades, vila, fazenda, chácara, praça, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Pajeú – topônimo no Brasil, em Pernambuco. Do tupi pa'yé ü, “o pajé come” (citado por Nascentes II) (Machado, 2003, p. 1118).
- Pajeú (“pajé + u por y) = rio ou água de pajé, fluidificada; nome de árvore da família das Poligonáceas, de flores avermelhadas e frutos alados, com três pás de hélice, que caem com movimento giratório; grande faca larga e despona; nome de tribo tupi; nome de rio afluente da margem esquerda do São Francisco, Pernambuco; nome de vila do município de Araripe, Ceará (Gregório, 1981, p. 997-998).

ORIGEM: Pagehú – *Pagé-ú*, o feiticeiro come ou vive. É o nome de uma planta. (*Triplaris Pacháú*) Variantes Pajahú, Pacháú. Pernambuco (Sampaio, 1987, p. 255).

21 → *PARÁ* (RIO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Pará	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

13 ocorrências

Município Pará de Minas, da unidade federativa de Minas Gerais, localizado próximo à metrópole de Belo Horizonte e na região da bacia do rio Pará.

Cidade Pará de Minas.

Município *Conceição do Pará*, da unidade federativa de Minas Gerais, localizado na região da bacia do rio Pará.

Cidade Conceição do Pará.

Rua Rio Pará - Progresso - Sete Lagoas, MG, CEP: 35701-124;

Rua Rio Pará - Laranjeiras - Betim, MG, CEP: 32676-284;

Rua Rio Pará - Dona Guilhermina - Esmeraldas, MG, CEP: 32800-222;

Rua Rio Pará - Nova Baden - Betim, MG, CEP: 32662-020;

Rua Rio Pará - Nova Baden - Betim, MG, CEP: 32662-020 (inativo)

Rua Rio Pará - Bela Vista - Ibirité, MG, CEP: 32421-145;

Rua Rio Pará - Riacho das Pedras - Contagem, MG, CEP: 32280-180;

Rio Para Empreendimentos Ltda, CNPJ: 20.232.781/0001-57, Belo Horizonte (MG);

City Rio Para Incorporadora Ltda, CNPJ N°18.602.575/0001-40, Belo Horizonte (MG);

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n° de ocorrências

Cidade Conceição do Pará → Município de Conceição do Pará – Oeste

São Gonçalo do Pará → Município de São Gonçalo do Pará – Oeste

Rio Pará → Município de Carmo do Cajuru – Oeste

Córrego Pará → Município de Cláudio – Oeste

Rio Pará → Município de Divinópolis – Oeste

Fazenda Pará de Salvador Alves → Município de Divinópolis – Oeste

Rio Pará → Município de Nova Serrana – Oeste

Rio Pará → Município de São Gonçalo do Pará – Oeste

Rio Pará → Município de Carmópolis de Minas – Oeste

Localidade Pará → Município de Carmópolis de Minas – Oeste

Rio Pará → Município de Passatempo – Oeste

Rio Pará → Município de Piracema – Oeste

Córrego Pará → Município de Porteirinha – Norte

Fazenda Pará → Município de Porteirinha – Norte

Córrego do Pará → Município de Claro dos Poções – Norte

Córrego do Pará → Município de Francisco Dumont – Norte

Cidade Pará de Minas → Município de Pará de Minas – Metropolitana

Serra Conceição do Pará → Município de Pitangui – Metropolitana

Rio Pará → Município de Pitangui – Metropolitana

Córrego Pará → Município de Itabira – Metropolitana
 Rio Pará → Município de Itaguara – Metropolitana
 Fazenda Pará → Município de Itaguara – Metropolitana
 Vila Pará dos Vilelas → Município de Itaguara – Metropolitana
 Fazenda Grão Pará → Município de Itamarandiba – Jequitinhonha
 Córrego Grão Pará → Município de Itamarandiba – Jequitinhonha
 Fazenda Pará de Marambaia → Município de Carai – Jequitinhonha
 Córrego do Pará → Município de Jequitinhonha – Jequitinhonha
 Fazenda Pará → Município de Rio Pardo – Jequitinhonha
 Fazenda Bom Sucesso da Barra do Pará → Município de Abaeté – Central Mineira
 Rio Pará → Município de Pompéu – Central Mineira
 Fazenda Margem do Pará → Município de Pompéu – Central Mineira
 Ilha da Vargem do Pará → Município de Pompéu – Central Mineira
 Rio Pará → Município de Leandro Ferreira – Central Mineira
 Rio Pará → Município de Martinho Campos – Central Mineira

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, córrego, ilha, serra

Acidentes Humanos: municípios, cidades, vila, localidade, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1129)

Pará¹, *top.* Rio e estado do Brasil. Do tupi *pa'ra*, «mar»; segundo *Nasc.-II*, s.v., «é o nome que se dá ao braço direito do Amazonas, engrossado com as águas do Tocantins. Tão vasto que não parece um rio. De uma das margens não se vê a outra. Parece um mar!» Já ocorre no P. Antônio Vieira que também explica: «Vem-lhe curto o nome do rio, porque verdadeiramente é um mar doce, maior que o mar Mediterrâneo no comprimento e na boca. O mar Mediterrâneo no mais largo da boca tem sete léguas, e o rio Amazonas oitenta; o mar Mediterrâneo desde o estreito de Gibraltar até as praias da Síria, que é a maior longitude, tem mil léguas de comprido e o rio das Amazonas da cidade de Belém para cima, já se lhe têm contado mais de três mil e ainda se lhe não sabe o princípio. Por isso os naturais lhe chamam *Pará* e os portugueses Maranhão que tudo quer dizer mar e mar grande» (*Sermões*, V, p. 376).

ORIGEM: mbará = mar (antiquado – L. Barbosa – 3a) ou rio; em guarani, é mar (Montoya) ou Paraguaçu (Cappelle, 1980, p. 1004).

22→ *PARÁ-MIRIM~PARAMIRIM* (RIO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Pará-Mirim~Paramirim	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: NCm [Ssing + ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

9 ocorrências

Município Paramirim (BA)

Cidade Paramirim (BA)

Avenida Paramirim - Patagônia - Vitória da Conquista, BA, CEP: 45065-180;

Rua Paramirim - Milionários - Belo Horizonte, MG, CEP: 30620-700;

Rua Rio Paramirim – Irecê, BA, CEP: 44900-000

Consórcio Paramirim Sfc, CNPJ: 51.752.379/0001-27, Salvador (BA);

Construtora Paramirim Ltda, CNPJ: 36.693.235/0001-53, Paramirim (BA);

Paramirim Engenharia e Servicos Ltda, CNPJ: 01.181.120/0001-03, Paramirim (BA);

Vale do Paramirim Participações SA, CNPJ: 29.294.665/0002-18, Caitité (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 1 ocorrência

Córrego Paramirim → Município de Martinho Campos – Central Mineira

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego

Acidentes Humanos: município, cidade, avenida, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1131) – topônimo no Brasil: Baía: diocese no estado do Paraná. De *pará* ‘mar’ + *mirim* ‘pequeno’

ORIGEM: *mbará* + *mirim* = rio pequeno, braço de rio, canal, nome de rio da Bahia, afluente da margem direita do São Francisco; nome de cidade da Bahia, Zona da Serra Geral, antiga Água Quente (Gregório, 1980, p. 1007).

23 → *PARACATU* (RIO)

ZOOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Paracatu	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

15 ocorrências

Município Paracatu- MG

Cidade Paracatu – MG

Rua Rio Paracatu - Liberdade - Itabirito, MG, CEP: 35456-300

Rua Rio Paracatu - Dona Guilhermina - Esmeraldas, MG, CEP: 32800-228

Rua Rio Paracatu - Boa Esperança - Petrolina, PE, CEP: 56327-085

Rua Rio Paracatu - São José - Itabirito, MG, CEP: 35457-217

Rua Rio Paracatu - Novo Água Limpa - Lavras, MG, CEP: 37208-276

Rua Rio Paracatu - Riacho das Pedras - Contagem, MG, CEP: 32280-240

Rua Rio Paracatu - COHAB - Recife, PE, CEP: 51340-200

Rua Rio Paracatu - Guadalajara - Ribeirão das Neves, MG, CEP: 33900-170.

Paracatu Brasil Turismo Ltda – CNPJ: 02.488.501/0001-94, Paracatu (MG);

Supermercado Paracatu – CNPJ: 26166512000388, Paracatu (MG);

Hipermercado Paracatu – CNPJ: 21.169.426/0001-43, Paracatu (MG);

Posto Paracatu Ltda – CNPJ: 07.830.113/0001-63, Paracatu (MG);

Paracatu Plaza Hotel, Rua Gastão Lapesquer, Av. Alto Córrego, 352, Paracatu - MG, 38600-000.

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 43 ocorrências

Localidade Paracatuzinho → Município de Barra Longa – Zona da Mata

Fazenda Paracatu → Município de Guaraciaba – Zona da Mata

Localidade Paracatu → Município de Guaraciaba – Zona da Mata

Fazenda Paracatu → Município de Piranga – Zona da Mata

Fazenda Paracatu → Município de Patos de Minas – Triângulo/ Alto Paranaíba

Rio Paracatu → Município de Patos de Minas – Triângulo/ Alto Paranaíba

Fazenda Paracatu → Município Baependi – Sul/ Sudoeste de Minas

Fazenda Paracatu → Município Liberdade – Sul/ Sudoeste de Minas

Sítio Paracatu → Município Liberdade – Sul/ Sudoeste de Minas

Córrego Paracatu → Município Liberdade – Sul/ Sudoeste de Minas

Localidade Paracatu → Município Liberdade – Sul/ Sudoeste de Minas

Fazenda Paracatu → Município Virgínia – Sul/ Sudoeste de Minas

Localidade Alto Paracatu → Município Virgínia – Sul/ Sudoeste de Minas

Localidade Paracatu → Município Antônio Dias – Rio Doce

Fazenda Paracatu → Município Carmópolis de Minas – Oeste

Ribeirão Paracatu → Município Piracema - Oeste

Fazenda Paracatu → Município Piracema - Oeste

Rio Paracatu → Município Piracema – Oeste

Rio Paracatu → Município Santa Fé de Minas – Norte

Rio Paracatu → Município Luislândia – Norte
 Rio Paracatu → Município Mirabela – Norte
 Rio Paracatu → Município Ponto Chique – Norte
 Fazenda Paracatu → Município Ponto Chique – Norte
 Lagoa Paracatu → Município Ponto Chique – Norte
 Lagoa do Paracatu → Município Ubaí – Norte
 Rio Paracatu → Município Ubaí – Norte
 Cidade Paracatu → Município Paracatu – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Bonfinópolis de Minas – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Brasilândia de Minas – Noroeste
 Rio Paracatu → Município João Pinheiro – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Logamar – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Lagoa Grande – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Paracatu – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Presidente Olegário – Noroeste
 Fazenda Paracatu → Município Presidente Olegário – Noroeste
 Rio Paracatu → Município Vazante – Noroeste
 Córrego Paracatu → Município Belo Horizonte – Metropolitana
 Córrego Paracatu → Município Catas Altas – Metropolitana
 Córrego Paracatu → Município Santa Bárbara – Metropolitana
 Povoado Paracatu de Cima → Município Mariana – Metropolitana
 Povoado Paracatu de Baixo → Município Mariana – Metropolitana
 Povoado Paracatuzinho → Município Mariana – Metropolitana
 Fazenda Paracatu → Município Lagoa Dourada – Campo das Vertentes

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: ribeirão, rio, lagoa, córrego

Acidentes Humanos: município, cidade, ruas, empreendimentos, localidade, fazenda, sítio, povoado

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1129) – topônimo no Brasil: Minas Gerais. Do tupi *pi'ra*, 'peixe', *ka'tu* 'bom'. *Piracatu* é, realmente, forma antiga deste topônimo.

ORIGEM: de *piracatu* = *pirá*, peixe; ocorre mais de 40 vezes nas denominações geográficas do Brasil + *catu* (pirá+catu) = peixe bom; hoje Paracatu (Gregório, 1980, p. 1051).

24 → PARAOPEBA (RIO)**HIDROTOPÔNIMO**

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Paraopeba	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

22 ocorrências

Município Paraopeba, Região Metropolitana

Cidade Paraopeba, Região Metropolitana

Distrito Piedade do Paraopeba, localizado ao Sul de Belo Horizonte, no sopé da histórica Serra da Moeda, no município de Brumadinho.

Padaria e Confeitaria Paraopeba LTDA – CNPJ: 22.436.059/0001-60, Paraopeba (MG).

Fazenda Paraopeba, Conselheiro Lafaiete (MG);

Chácara Paraopeba, Esmeraldas (MG).

Rua Rio Paraopeba - Laranjeiras - Betim, MG – CEP:32676-276

Rua Rio Paraopeba - Novo Água Limpa - Lavras, MG – CEP: 37208-282

Rua Rio Paraopeba - Alvorada - Timóteo, MG – CEP: 35180-604

Rua Rio Paraopeba - Riacho das Pedras - Contagem, MG – CEP: 32265-000

Rua Rio Paraopeba - Santa Cruz - Betim, MG – CEP: 32667-420

Rua Rio Paraopeba - Charneca - Betim, MG – CEP: 32633-700

Rua Rio Paraopeba - Nova Baden - Betim, MG – CEP: 32662-220 (Inativo)

Rua Paraopeba - Novo Progresso, Contagem - MG – CEP: 32115040

Rua Paraopeba - Minaslândia, Belo Horizonte - MG, CEP: 31810-580

Rua Paraopeba - Centro - Sete Lagoas, MG, CEP: 35700-020

Construtora e Dragagem Paraopeba Ltda - CNPJ 18.322.925/0001-14.

Alto Paraopeba Empreendimentos Ltda – CNPJ: 01.312.810/0001-46

Portal do Paraopeba Empreendimentos Ltda – CNPJ: 55.501.782/0001-34

Clube de Pesca Barra do Paraopeba - 74.168.873/0001-44, Felixlândia, MG

Paraopeba Esporte Clube - CNPJ - 18.382.150/0001-72, Congonhas, MG

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 41 ocorrências

Rio Paraopeba → Município de Astolfo Dutra – Zona da Mata

Rio Paraopeba → Município de Tocantins – Zona da Mata

Rio Paraopeba → Município de Ubá – Zona da Mata

Fazenda Paraopeba → Município de Caratinga – Rio Doce

Córrego Paraopeba → Município de Caratinga – Rio Doce

Fazenda Paraopeba → Município de Entrefolhas – Rio Doce

Córrego Paraopeba → Município de Entrefolhas – Rio Doce

Paraopeba → Município de Entrefolhas – Rio Doce

Rio Paraopeba → Município de Fortuna de Minas – Metropolitana

Rio Paraopeba → Município de Maravilhas – Metropolitana

Rio Paraopeba → Município de Papagaios – Metropolitana

Rio Paraopeba → Município de Paraopeba – Metropolitana

Cidade Paraopeba → Município de Paraopeba – Metropolitana

Rio Paraopeba → Município de Florestal – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Pará de Minas – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de São José da Varginha – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Betim – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Brumadinho – Metropolitana
 Vila Piedade do Paraopeba → Município de Brumadinho – Metropolitana
 Vila São José do Paraopeba → Município de Brumadinho – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Esmeraldas – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Ibité – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Igarapé – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Juatuba – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Mateus Leme – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de São Joaquim de Bicas – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Belo Vale – Metropolitana
 Vila Santana do Paraopeba → Município de Belo Vale – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Bonfim – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Moeda – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Congonhas – Metropolitana
 Fazenda Paraopeba → Município de Congonhas – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Conselheiro Lafaiete – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Cristiano Ottoni – Metropolitana
 Vila São Caetano do Paraopeba → Município de Cristiano Ottoni – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Queluzita – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de São Braz do Suaçuí – Metropolitana
 Povoado Paraopeba → Município de São Braz do Suaçuí – Metropolitana
 Rio Paraopeba → Município de Pompéu – Central
 Rio Paraopeba → Município de Curvelo – Central
 Rio Paraopeba → Município de Felixlândia – Central

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, serra, córrego.

Acidentes Humanos: nomeia município, cidade, distrito, vilas, padaria e confeitaria, fazenda, ruas, construtora, empreendimentos, clubes.

ABONAÇÕES:

- Topônimo no Brasil: rio de Minas Gerais. De controversa origem tupi (Machado, 2003, p. 1134).
- Paraopeba ‘para-u-peba’ ou ‘pará-y-peba’, o rio de água rasa. Minas Gerais (Sampaio, 1985, p. 395).

ORIGEM: *mbará* + *ipi*, por *ypy* = fundo + *peba* = rio de fundo raso (Gregório, 1980, p. 1007).

25 → *PIMENTEIRA* (VEREDA)

ETNOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Vereda	Pimenteira	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

Atualmente, esparsos topônimos espalhados pelo extremo norte da Bahia e sudeste do Piauí são os resíduos desse sertão desintegrado pelo mesmo mecanismo que o gerou: o motor da história. No estado da Bahia, no município de Pilão Arcado, dispersos quase que na mesma latitude, temos um lugarejo denominado Pimenteiras, um riacho chamado Vereda Pimenteira – afluente do rio São Francisco - e a Serra da Pimenteira. No Estado do Piauí, temos um lugarejo denominado Pimenteira, pertencente ao município de Bom Jesus do Gurguéia. Esses locais são ecos tímidos do ultrapassado sertão homônimo. Pouco a pouco esses topônimos que representam para a nação brasileira um espaço e tempo mais conturbados, uma recordação dolorosa da presença antinômica do indígena, estão sendo esquecidos ou substituídos. Por exemplo, nos mapas mais recentes a Vereda Pimenteira é denominada como Vereda Pilão Arcado. Quando nessa região não restar nenhum local que responda por “Pimenteira”, mais uma etapa do projeto civilizatório estará concluída.

Negreiro (2012, p. 106)

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 14 ocorrências

Localidade Pimenteira → Município Visconde do rio Branco – Zona da Mata

Fazenda Pimenteira → Município Ponte Nova – Zona da Mata

Fazenda Pimenteiras → Município Chiador – Zona da Mata

Ribeirão das Pimenteira → Município Cachoeira de Minas – Sul/Sudoeste de Minas

Córrego Pimenteira → Município Itambacuri – Rio Doce

Fazenda Pimenteira → Município Itambacuri – Rio Doce

Localidade Pimenteira → Município Jaguarauçu – Rio Doce

Fazenda Pimenteira → Município Medeiros – Oeste de Minas

Ribeirão Pimenteira → Município Medeiros – Oeste de Minas

Vereda Pimenteiras → Município Buritis – Noroeste

Vereda Pimenteiras → Município Unáí – Noroeste

Fazenda Pimenteira → Município Novo Oriente de Minas – Mucuri

Povoado Pimenteira → Município Pavão – Mucuri

Fazenda Pimenteira → Município São Domingos do Prata - Metropolitana

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego, vereda, ribeirão.

Acidentes Humanos: localidade, fazenda, povoado.

ABONAÇÕES:

- Pimenteira, topônimo em Lisboa (fonte, estrada, quintas, ruas), Santarém, Vila Nova de Ourém. Do substantivo feminino *pimenteira*, nome de planta. *Pimenteiros*, Lisboa (largo); Torres Novas; no Brasil: Piauí (Machado, 2003, p. 1175).
- Negreiro (2012, p. 10):

Em 1769, Francisco da Cunha Carvalho, no relato sobre o desbravamento que efetuou no sudeste da Capitania do Piauí objetivando contatar o grupo indígena posteriormente conhecido por Pimenteira (OLIVEIRA, 2007), escreveu que, subindo pela Vereda Pimenteira, afluente esquerdo do médio rio São Francisco⁷, chegou ao Sertão das Pimenteiros. Segundo ele, seriam terras “monstruosas, e muito secas cujas ficam em meio da parte do nascente com o rio de São Francisco e pelo norte com o rio chamado Gurguéia, terras com distâncias e dificuldades⁸”.

O governador do Piauí Gonçalo Lourenço Botelho de Castro comunicou ao rei D. José, em 1770, a respeito do problema do indígena que então principiava a afetar o cotidiano do sudeste da Capitania.

Nos confins desta Capitania entre as Cabeceiras do [rio] Piauí, e o Rio de São Francisco, Sertão inculto, e que parece pela sua aspereza impraticável, existirão sempre algumas Aldeias de Índios Silvestres, a que vulgarmente chamam das Pimenteiros [...]⁹.

Em 1772, Antônio José de Moraes Durão na sua “Descrição da Capitania de São José do Piauí” assim dimensiona e situa o Sertão das Pimenteiros:

(...) [No distrito da] Vila de Parnaguá (...) à esquerda entre as cabeceiras do [rio] Piauí e do [rio] do Corimatá (...) [existe] um sítio chamado “As Pimenteiros”, que terá, segundo notícia, 30 ou 40 léguas¹⁰ de extensão; no centro do mesmo, é constante se acham aldeados numerosos índios a quem se dá o mesmo nome do lugar. Muitos anos se conservaram pacíficos, sem sair fora, nem causar dano algum. Porém, de tempos a esta parte se tem averiguado prática já ao contrário, matando e fazendo estragos nas fazendas mais próximas (*apud* MOTT, 1985: 117).

⁷ Na foz da Vereda Pimenteira (ou Vereda Pilão Arcado) estava situada a localidade de Pilão Arcado. Essa localidade foi fundada em meados do século XVIII na então Capitania de Pernambuco e era uma grande produtora de sal lacustre. Também foi um ponto de apoio na rota da distribuição do gado que vinha do Piauí. Chegou a ser alvo de ataque dos índios Pimenteira. Segundo um censo de 1788 (SILVA, 2010), a freguesia de Pilão Arcado contava com a população de 3,116 almas. Hoje Pilão Arcado é um município pertencente ao estado da Bahia. Por conta da construção da Represa de Sobradinho na década de 1970, Pilão Arcado teve a sede municipal transferida para outro local nas ribeiras do São Francisco.

⁸ CARTA do governador Gonçalo Lourenço Botelho de Castro ao rei D. José sobre a investigação realizada pelo tenente do Regimento de Cavalaria Auxiliar, Francisco Carvalho, datada de 20 de julho de 1770. Capitania do Piauí, Projeto Resgate, Conselho Ultramarino. Doc. 643. CD-ROM *apud* Oliveira, 2007: 85.

⁹ *Idem*.

¹⁰ Uma légua equivale a 6000 metros.

ORIGEM: Pimenta substantivo feminino ‘designação comum a diversas plantas piperáceas e solanáceas’ ‘o fruto de qualquer dessas plantas’ XIII. Do latim *pimenta*. Pimenteira 1813 (Cunha, 2010, p. 496).

26 → *PRATUDÃO* (RIO)

DIRREMATOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Pratudão	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: NC_m [Prep + Pron]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

3 ocorrências

Fazenda Agropecuária Pratudão em Jaborandi - BA. Imóvel Rural inscrito no Cadastro Ambiental Rural de nº BA-2917359-D346F9ED9C1F45759E477FB0C930EB18,

Fazenda Prata Agropecuária, Jaborandi, BA, CEP: 47655-000.

Rio Pratudão Agropecuária Ltda, CNPJ: 08.793.028/0002-16, Jaborandi (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 1 ocorrência

Vereda Pratudado → Município Bonito de Minas – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, vereda.

Acidentes Humanos: fazenda, empreendimentos

ABONAÇÕES:

- Em Portugal, antiga alcunha, talvez com origem no Brasil.
No Brasil, o substantivo masculino *paratudo* é nome vulgar de várias plantas (Machado, 2003, p.1132).
- Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas/CEPLAMT/MHNJB/UFMG
Ver em: [https://www.ufmg.br/mhnjb/ceplamt/bancodeamostras/casca-d-anta/#:~:text=Usos%20tradicionais%20\(Fonte%20Dataplamt\)%3A,a%20quina%20do%20Peru%2C%20T%C3%B4nico.](https://www.ufmg.br/mhnjb/ceplamt/bancodeamostras/casca-d-anta/#:~:text=Usos%20tradicionais%20(Fonte%20Dataplamt)%3A,a%20quina%20do%20Peru%2C%20T%C3%B4nico.)
> CASCA D'ANTA, MELAMBO, PARATUDO
Drimys brasiliensis Miers (WINTERACEAE)
Distribuição geográfica: (Flora do Brasil, 2020):
Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Distrito Federal), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina).
Usos tradicionais:
antiescorbútica, antiescrufulosa, aperiente, aromático, combate cólicas, diarreias, estimulante, estomáquico, febrífuga. Sabor apimentado, substitui a quina do Peru. Tônico.

- Freire (1957, p. 5818):

PARATUDO, s. m. De *para'* + *tudo*. Nome que se dá em S. Paulo a um pequeno arbusto da família das leguminosas, que em Minas se chama *boi-gordo* (*Cassia rugosa*). || 2. Árvore do Brasil, da família das caneláceas (*Cinnammodendron axillare*). || 3. O mesmo que *casca de anta*. || 4. Planta herbácea da família das amarantáceas, também chamada *perpétua* (*Gomphrena officinalis*, Mart.). || 5. Planta da família das orquidáceas, também chamada *erva de lagarto* (*Ophrys tuberculosa*). || 6. Árvore da família das caneláceas (*Canella alba*). || 7. Planta da família das resedáceas (*Datisca crassifolia*). || 8. A raiz destas plantas. || 9. O mesmo que *carobeira*. || 10. Bot. O mesmo que *candeia*. || 11. O mesmo que *coração da Índia*. || 12. O mesmo que *cheque-cheque*. || 13. Planta da família das rutáceas (*Hortia arborea*, Engl.). || 14. O mesmo que *falso paratudo*. || 15. O mesmo que *guaçatunga*.

PARATUDO AROMÁTICO, s. m. O mesmo que *canela branca*.

PARATUDO DA ESTRADA, s. m. O mesmo que *paratudo da praia*.

PARATUDO DA PRAIA, s. m. Planta da família das amarantáceas, também denominada *paratudo da estrada*, *paratudo do mato* e *perpétua* (*Telanthera polygonoides*, Moq.).

PARATUDO DO GRANDE, s. m. Bot. O mesmo que *cipó de carneiro*.

PARATUDO DO MATO, s. m. O mesmo que *paratudo da praia*.

ORIGEM: De para + tudo (Freire, 1957, p. 5818) + -ão (morfema derivacional)

27 → PRATUDINHO (RIO)

DIRREMATOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Pratudinho	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: NCm [Prep + Pron]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

2 ocorrências

Fazenda Pratudinho em Jaborandi - BA. Imóvel Rural inscrito no Cadastro Ambiental Rural de nº BA-2917359-9CD2BB7293F742AEBBF38DE7BFB53BD9;

Fazenda Prata Agropecuária, Jaborandi, BA, CEP: 47655-000.

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 1 ocorrência

Vereda Pratudino → Município Bonito de Minas – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, vereda

Acidentes Humanos: fazendas

ABONAÇÕES:

- Paratudal: terreno de uso em Mato Grosso e na Amazônia, ali peculiar à região do pantanal, aqui ao Norte da grande planície, para designar o térreo coberto pelas árvores chamadas *paratudo*, que touçam de ouro na florescência, formando extensas manchas de rara beleza. A. J. de Sampaio (*A flora do Rio Cuminá*) diz que, ao norte da Amazônia, são campos cerrados com dominância do paratudo (*Tecoma caraíba* Mart.) (Souza, 2004, p. 240).
- Projeto Paisagens do Brasil. Ver em:
<https://paisagensdobrasil.ibb.unesp.br/pantanal.php?id=5&sub=29>.
Paratudal: Dentre essas vegetações, o paratudal tem grande destaque. A floração do ipê-amarelo (*Tabebuia aurea*) é deslumbrante e forma uma bela paisagem durante os meses de agosto/setembro. Alguns paratudos, nome dado ao ipê-amarelo pela sua eficiência no tratamento de várias doenças, se estabelecem sobre montes de terra chamados de murundus. A origem dos murundus é ainda aberta, existe uma hipótese de que o surgimento desses montes de terra ocorreu devido a erosões diferenciais que rebaixaram o terreno de forma desigual fazendo com que esses montes se sobressaissem, a outra hipótese é a de que esses grandes montes de terra são cupinzeiros desativados que se mantiveram no local ao passar dos anos. Independente da sua origem, os murundus servem de substrato para o desenvolvimento dos paratudos, que são beneficiados durante o período da cheia por estarem em um local mais elevado.

ORIGEM: De para + tudo (Freire, 1957, p. 5818) + -inho (morfema derivacional).

28/29 → *PRETO* (RIO)

CROMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Preto	Alto / Médio	Distrito Federal Minas Gerais/ Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

26 ocorrências

Rua Rio Preto - Centro - Unaí, MG, CEP: 38610-084;

Rua Rio Preto - Cachoeira - Unaí, MG, CEP: 38610-256;

Rua Rio Preto - Esplanada - Janaúba, MG, CEP: 39445-177;

Rua Rio Preto - Senhora de Fátima - Betim, MG, CEP: 32672-214;

Rua Rio Preto - Vila Brasil - Barreiras, BA, CEP: 47801-072.

Transportadora Rio Preto Ltda, CNPJ: 19.568.328/0003-07, Brasília (DF);

Condomínio Rio Preto, CNPJ: 18.279.145/0001-39; Unaí (MG);

Ribeira do Rio Preto, CNPJ: 25.331.573/0001-29, Unaí (MG);

Comercial Rio Preto, CNPJ: 17.214.554/0001-94, Unaí (MG);

Rio Preto Construtora, CNPJ: 52.005.077/0001-58, Unaí (MG);

Restaurante Rio Preto, CNPJ: 54.894.034/0001-04, Unaí (MG);

Distribuidora de Bebidas Rio Preto, CNPJ: 46.994.685/0001-30, Unaí (MG);

Drogaria Rio Preto, CNPJ: 17.402.967/0001-00, Unaí (MG);

Hotel Fazenda Rio Preto Ltda, opera com o CNPJ 51.284.903/0001-82, Unaí (MG).

Formosa do Rio Preto, unidade federativa do estado da Bahia

Rua Rio Preto - Vila Brasil - Barreiras, BA, CEP: 47801-072;

Rua Rio Preto - Tropical Ville - Luís Eduardo Magalhães, BA, CEP: 47861-712;

Rua Rio Preto, s/n - Três Braços - Ubaíra, BA, CEP: 45310-971;

Rua Rio Preto - Monte Castelo - Teixeira de Freitas, BA, CEP: 45996-240;

Avenida Rio Preto - Dom Tomaz - Juazeiro, BA, CEP: 48905-521;

Construtora Rio Preto, CNPJ: 29.458.656/0001-34, Formosa do Rio Preto (BA);

Construtora e Mineradora Rio Preto, CNPJ: 03.247.486/0001-55, Teixeira de Freitas (BA);

Rio Preto Terraplenagem, CNPJ 04.017.246/0001-27, Formosa do Rio Preto (BA);

Rações Rio Preto Ltda, CNPJ: 28.088.464/0001-10, Formosa do Rio Preto (BA);

Rio Preto Modas, CNPJ: 32.230.809/0001-04; Santa Rita de Cássia (BA);

Rio Preto Agropecuária SA, CNPJ: 12.780.870/0004-52, Santa Rita de Cássia (BA);

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 77 ocorrências

Capão Preto → município de Biquinhas – Central Mineira

Rio Preto → município de Buenópolis – Central Mineira

Rio Preto → município de Japaraíba – Central Mineira

Rio Preto → município de São Gonçalo do Rio Preto – Jequitinhonha
Rio Preto → município de Senador Modestino Gonçalves – Jequitinhonha
Rio Preto → município de Jequitinhonha – Jequitinhonha
Rio Preto → município de Itaipé – Vale do Mucuri
Rio Preto → município de Arinos – Noroeste
Rio Preto → município de Cachoeira Grande – Noroeste
Rio Preto → município de Dom Bosco – Noroeste
Rio Preto → município de Formoso – Noroeste
Rio Preto → município de Unai – Noroeste
Rio Preto → município de Rio Pardo de Minas
Córrego Preto → município de Rio Pardo de Minas
Rio Preto → município de Juramento – Norte de Minas
Morro Preto → município de São João da Ponte – Norte de Minas
Rio Preto → município de Itacambira – Norte de Minas
Rio Preto → município de Bocaiúva – Norte de Minas
Rio Preto → município de Jaboticatubas – Metropolitana
Rio Preto → município de Papagaios – Metropolitana
Rio Preto → município de Santana do Pirapama – Metropolitana
Rio Preto → município de Conceição do Mato Dentro – Metropolitana
Rio Preto → município de Congonhas do Norte – Metropolitana
Rio Preto do Itambé → município de Itambé do Mato Dentro – Metropolitana
Rio Preto → município de Morro do Pilar – Metropolitana
Córrego Preto → município de Dionísio – Metropolitana
Rio Preto → município de Nova União – Metropolitana
Rio Preto → município de Ouro Preto – Metropolitna
Rio Preto → município de Congonhas – Metropolitana
Rio Preto → município de Arcos – Oeste de Minas
Córrego Preto → município de Bom Sucesso – Oeste de Minas
Córrego Preto → município de Alpercata – Rio Doce
Córrego Preto → município de Engenheiro Caldas – Rio Doce
Córrego Preto → município de Fernandes Tourinho – Rio Doce
Córrego Preto → município de Frei Inocência – Rio Doce
Córrego Preto → município de Galiléia – Rio Doce
Córrego Preto → município de Governador Valadares – Rio Doce
Córrego Preto → município de Itanhomi – Rio Doce
Córrego Preto → município de Mathias Lobato – Rio Doce
Córrego Preto → município de São Geraldo do Baixio – Rio Doce
Córrego Preto → município de São José da Safira – Rio Doce
Rio Preto → município de Mantena – Rio Doce
Rio Preto → município de Nova Belém – Rio Doce
Localidade Preto → município de Açucena – Rio Doce
Córrego Preto → município de Periquito – Rio Doce
Córrego Preto → município de Santana do Paraíso – Rio Doce
Córrego Preto → município de Bugre – Rio Doce
Córrego Preto → município de Caratinga – Rio Doce
Rio Preto → município de Caratinga – Rio Doce
Córrego Preto → município de Iapu – Rio Doce

Rio Preto → município de Imbé – Rio Doce
 Rio Preto → município de Piedade de Caratinga – Rio Doce
 Rio Preto → município de Santa Bárbara do Leste – Rio Doce
 Córrego Preto → município de Pocrane – Rio Doce
 Rio Preto → município de Passos – Sul/Sudoeste de Minas
 Morro Preto → município de Muzambinho – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Preto → município de Bocaina de Minas – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Preto → município de Passa Vinte – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Preto → município de Abadia dos Dourados – Triângulo Mineiro/ Alto do Paranaíba
 Rio Preto → município de Douradoquara – Triângulo Mineiro/ Alto do Paranaíba
 Córrego Preto → município de Frutal – Triângulo Mineiro/ Alto do Paranaíba
 Córrego Preto → município de Pirajuba – Triângulo Mineiro/ Alto do Paranaíba
 Rio Preto de São Simão → município de Simonésia – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Caiana – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Carangola – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Espera Feliz – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Faria Lemos – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Mirai – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Muriaé – Zona da Mata
 Rio Preto → município de São Sebastião da Vargem Alegre – Zona da Mata
 Córrego Preto → município de Tombos – Zona da Mata
 Córrego Preto → município de Guiricema – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Belmiro Braga – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Rio Preto – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Santa Bárbara do Monte Verde – Zona da Mata
 Rio Preto → município de Santa Rita do Jacutinga – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rios, córregos, capão, morro

Acidentes Humanos: municípios, ruas, localidade, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Preto, topônimo em Barcelos, Moita, Peniche, Porto; ilhéu na ilha da Madeira (Machado, 2003, p. 1213).
- De acordo com as definições das cores, pode-lhes delimitar alguns aspectos principais. A cor preta diz sobre referentes como a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão, cor escura, sombria; negro, sujo, encardido. Negro diz de referente que expressa uma cor cinzenta e escura. (...) A água aparenta ser escura, preta, límpida devido à cor das serras, rochas e das areias enegrecidas, bem como os chapadões fechados de - “terras montuosas” - que contribuem para escurecer o local e dar essa coloração negra. (...) A paisagem de matas fechadas enegrece, escurece o ambiente, assim, se neste há algum aquífero, ele se aparentaria preto. A constituição dos solos e das rochas influenciam na cor deles também (Pinheiro, 2024, p. 192).

ORIGEM: preto *adj.* ‘negro’ XIII. Do lat. *prettus (Cunha, 2017, p. 520).

30 → *das RÃS* (RIO)

ZOOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	das Rãs	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Spl]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

2 ocorrências

Comunidade Quilombola de Rio das Rãs, R. da igreja - Bom Jesus da Lapa, Rio das Rãs - BA, 47600-00.

Auto Posto Quilombo Rios das Rãs, CNPJ: 42.093.417/0001-96, Bom Jesus da Lapa (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: Quilombo, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- *Rãs* – topônimo em Fafe, Felgueiras, Guimarães, Paredes, Penafiel, Santo Tirso, Sátão, Setúbal, Viseu; na Galiza: Rans (Pontevedra). Do s.f. *rã*, no plural (Machado, 2003, p. 1241).

ORIGEM: *rãa* XIII/ Do latim *rãna* –*ae* (Cunha, 2017, p. 543).

31 → *RIACHÃO* (RIACHO)

HIDROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio pequeno	Riachão	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO: n/e

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 7 ocorrências

Córrego Riachão → Município Itcarembi – Norte

Fazenda Riachão → Município Itcarembi – Norte

Córrego Riachão → Município São João das Missões – Norte

Localidade Riachão → Município Montezuma – Norte

Córrego Riachão → Município São Romão – Norte

Rio Riachão → Município Coração de Jesus – Norte

Córrego Riachão → Município Francisco Dumont – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, rio.

Acidentes Humanos: fazenda, localidade.

ABONAÇÕES:

- Riachão, topônimo no Brasil: Bahia, Maranhão, Sergipe. De *riachão*, aumentativo de *riacho* (Machado, 2003, p. 1260).
- Riachão – riacho grande (Freire, 1957, p. 4465).
- Riacho – rio pequeno, ribeiro (Freire, 1957, p. 4465).

ORIGEM: derivado de rio, ‘curso de água natural’ XIII. Do latim *rivus* –i/ riacho XVI. Do castelhano *riacho* (Cunha, 2017).

32 → *RIO DE JANEIRO* (RIO)

COROTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
	Rio de Janeiro	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

10 ocorrências

Rancho Rio de Janeiro, Rodovia BA 827, Estrada Barreiras, Km 55 - Cachoeira do Redondo, Barreiras - BA, CEP: 47800-000.

Rua Rio de Janeiro, Barreiras, BA, CEP: 47810-032;

Rua Rio de Janeiro - Centro - Luís Eduardo Magalhães, BA, CEP: 47850-039;

Rua Rio de Janeiro - Pitanga - Candeias, BA, CEP: 43810-350;

Rua Rio de Janeiro - Morada Nobre - Barreiras, BA, CEP: 47810-032;

Rua Rio de Janeiro - Vila Amorim - Barreiras, BA, CEP: 47813-514;

Rua Rio de Janeiro - Santa Edwirges - Eunápolis, BA, CEP: 45831-120;

Rua Rio de Janeiro - João XXIII - Juazeiro, BA, CEP: 48900-330;

Rua Rio de Janeiro - Rodoviários - Paulo Afonso, BA, CEP: 48609-472.

Rio de Janeiro Agro Pecuária SA, CNPJ: 33.929.530/0001-78, Barreiras, BA, CEP: 47804-510

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 5 ocorrências

Fazenda Rio de Janeiro → Município Lassance - Norte

Rio Rio de Janeiro → Município Lassance - Norte

Serra Rio de Janeiro → Município Lassance – Norte

Fazenda Rio de Janeiro → Município Três Marias – Central

Vila Barra Rio de Janeiro → Município Três Marias – Central

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, serra.

Acidentes Humanos: fazenda, ruas, vila, empreendimento

ABONAÇÕES:

- *Rio de Janeiro* = topônimo. Cidade, estado e baía do Brasil. O nome provém, primeiro, de os descobridores julgarem que a baía local ser a foz de um rio; depois, o seu descobrimento deu-se no dia 1º de janeiro (Machado, 2003, p. 1264).

ORIGEM: *topônimo*. Cidade, estado e baía do Brasil. O nome provém, primeiro, de os descobridores julgarem que a baía local ser a foz de um rio; depois o seu descobrimento, verificou-se no 1 de janeiro de ano controverso (1502, 1531, 1532) (Machado, 2003, p. 1264).

33 → *RODA VELHA* (RIO)

ERGOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Roda Velha	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Ncf [Ssing + ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

13 ocorrências

Distrito de Roda Velha, município de São Desidério (BA), CEP: 47.827-000.

Fazenda Roda Velha I, Imóvel Rural inscrito no Cadastro Ambiental Rural de nº BA-2919553-E483CFE106F34C2193452B500124FC10.

Bairro Roda Velha - São Desidério, BA, CEP: 47827-970 à 47827-970;

Hidráulica Roda Velha Ltda, CNPJ: 36.893.379/0001-53, São Desidério (BA);

Roda Velha Agro Pastoril Ltda, CNPJ: 80.050.321/0002-10, São Desidério (BA);

Ioptica Roda Velha Ltda, CNPJ: 55.490.488/0001-74, São Desidério (BA);

Roda Velha Comércio de Aço e Ferro Ltda, CNPJ: 07.649.059/0001-54, São Desidério (BA);

Comercial Roda Velha de Combustível Ltda, CNPJ: 14.568.299/0001-90, São Desidério (BA);

Material de Construção Roda Velha Ltda, CNPJ: 37.140.205/0001-82, São Desidério (BA);

Metalúrgica e Serralheria Roda Velha, CNPJ: 10.777.305/0001-68, São Desidério (BA);

Churrascaria Roda Velha Ltda, CNPJ: 39.720.038/0001-74, São Desidério (BA);

TRANSPORTADORA RODA VELHA, CNPJ: 15.658.503/0001-26, São Desidério (BA);

Gropecuária Roda Velha, CNPJ: 50.940.946/0001-06, Sabará (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: distrito, fazenda, bairro, empreendimentos

ABONAÇÕES:

- Roda e Rodas = topônimos frequentes em Portugal e na Galiza. Velha = topônimo frequente no centro e no Sul de Portugal, em nomes simples e compostos, como Aldeia Velha, Vale da Velha, Vinha da Velha. Do substantivo velha, mas em alguns casos é o adjetivo feminino velha. No Brasil registra-se *Velhas*, em *Rio das Velhas* (Machado, 2003, p. 1269).

ORIGEM: Do latim *rota-ae* + *vetulus* (Cunha, 2010, p. 567-670).

34 → *do SALITRE* (RIO)

LITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio Vereda	do Salitre ~ Vereda da Tábua	Médio/Submédio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

8 ocorrências

Fazenda Salitre LTDA, CNPJ: 51.538.563/0001-79, Juazeiro (BA).

Rua Rio Salitre - Boa Esperança - Petrolina, PE, CEP: 56327-030;

Rua Rio Salitre - José e Maria - Petrolina, PE, CEP: 56320-110;

Rua Salitre, Antônio Conselheiro - Juazeiro, BA, CEP 48916709

Condomínio Residencial Morada do Salitre, CNPJ: 16.917.332/0001-75, Juazeiro (BA);

Rio Salitre Mineração, CNPJ: 14.199.418/0005-08, Jacobina (BA);

Salitre, CNPJ: 17.305.136/0001-02, Mata de São João (BA);

Restaurante Salitre, CNPJ: 15.007.458/0001-40, Juazeiro (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: nº de ocorrências

Cidade Serra do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Ribeirão do Salitre → Município Cruzeiro da Fortaleza – Triângulo/Alto Paranaíba

Serra do Salitre → Município Cruzeiro da Fortaleza – Triângulo/Alto Paranaíba

Ribeirão Salitre → Município Patrocínio – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Ribeirão do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Serra do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Ilha do Salitre → Município Serra do Salitre – Triângulo/Alto Paranaíba

Localidade Salitre → Município Açucena – Rio Doce

Fazenda do Salitre → Município Janaúba – Norte

Córrego do Salitre → Município Janaúba – Norte

Córrego Salitre → Município Capitão Enéias – Norte

Fazenda Salitre → Município Coração de Jesus – Norte

Fazenda Salitre → Município São João do Pacuí – Norte

Localidade Salitre → Município Bocaiúva – Norte

Córrego Salitre → Município – Noroeste

Serra Salitre → Município – Noroeste

Córrego Salitreiro → Município Morro do Pilar – Metropolitana

Serra do Salitre → Município Datas – Jequitinhonha

Córrego do Salitre → Município Diamantina – Jequitinhonha

Lagoa Salitre → Município Berilo – Jequitinhonha

Serra Salitre → Município Cedro do Abaeté – Central Mineira

Fazenda Salitre → Município Cedro do Abaeté – Central Mineira

Localidade Salitre → Município Bom Despacho – Central Mineira

Fazenda Salitre → Município Bom Despacho – Central Mineira

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: serra, rio, córrego, ribeirão, lagoa, ilha.

Acidentes Humanos: fazenda, cidade, localidade, ruas, empreendimentos

ABONAÇÕES:

- Salitre. Topônimo. Em Portugal, nomeia rua em Lisboa, “Calçada o Salitre, Rua Direita do Salitre”. “Provém o seu nome de uma célebre nitreira pertencente aos padres Brunos, que existia no fim da referida calçada. No Brasil, na Bahia, há um rio com este nome, “com certeza...pela existência desta substância na região (Nascentes II) (Machado, 2003, p. 1298).
- SALITRE – sm. 1. Quím. Substância (nitrato de potássio) us. em fertilizantes, explosivos etc. [F.: Do cat. salnitre, da loc. lat. sal nitrum.]. SAL salitre XV. Do cast. salitre, deriv. do cat. salnitre (Cordeiro, 2018, p. 333).

ORIGEM: derivado de sal, ‘substância que se forma na interação entre um ácido e uma base’. Do latim *sāl salis*// *Salitre* XV. Do castelhano, *salitre*, derivado do catalão *salnitre*. (Cunha, 2017, p. 576).

35 → *SAMBURÁ* (RIO)

ERGOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Samburá	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 7 ocorrências

Fazenda Samburá → Município de Esmeraldas – Região Metropolitana

Rio Samburá → Município de Bambuí – Oeste de Minas

Ribeirão Samburá → Município de Medeiros – Oeste de Minas

Rio Samburá → Município de Medeiros – Oeste de Minas

Rio Samburá → Município de São Roque de Minas – Oeste de Minas

Fazenda Samburá → Município de São Roque de Minas – Oeste de Minas

Ribeirão Samburá → Município de São Roque de Minas – Oeste de Minas

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO: 5 ocorrências

Fazenda Samburá, Zona Rural, São Roque de Minas, MG, CEP: 37.928-000.

Rua Samburá - Pontezinha - Cabo de Santo Agostinho, PE, CEP: 54589-343;

Empreendimentos Agropecuária Samburá, CNPJ: 19.315.931/0001-07, município de Medeiros (MG);

Pousada Samburá, CNPJ: 16.913.805/0001-66, Ipojuca (PE);

Samburá Investimentos Ltda, CNPJ: 07.161.536/0001-38, Belo Horizonte (MG).

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: nomeia rio, ribeirão

Acidentes Humanos: nomeia fazendas, pousada, empreendimento, investimento.

ABONAÇÕES:

- *SAMBURÁ* – 1) cesto de cipó ou taquara, para recolher peixes, camarões etc ou carregar os apetrechos de pesca; cofo, samurá, samorá e tamurá; 2) povoado no município de Xanxerê, SC; 3) rio entre os municípios de Medeiros e São Roque, MG; 4) arroio do município de Santiago e Jaguari, RS; 5) arroio afluente da margem esquerda do Jaguarzinho, município de Santiago, RS. Do tupi guarani *samba* = sama – corda, trançado; *rá* – marcado, manchado (Chiaradia, 2008, p. 573).
- *SAMBURÁ* – s.m. espécie de cesto de cipó, pequeno, de fundo largo e boca afunilada. Nele levam a isca os pescadores de miúdo e recolhem o que pescam. O pobre guarda nele a carne seca e o peixe de usa provisão (Moraes). // *Etim.* É termo tupi (G. Soares); mas este autor ora escreve *Samurá* e ora *Samburá*. // Este cesto é o mesmo ou quase o mesmo que o *Côfo*, pelo menos quanto à serventia. (Beaurepaire-Rohan, 2007, p. 213).

- Documentação histórica

samburá *s.m.* Var.: 5 *samurá*, 5-6, 8-9 *samburá*, 8 *samborá* [\langle T. sa η u'ra].

Espécie de cesto, cofo.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxviii. 218/219): [...] e não há índio destes [mariscadores] que não tome cada dia trezentos e quatrocentos caranguejos, que trazem vivos em um cêsto serrado feito de verga delgada, a que os índios chamam *samurá*; e recolherem em cada *samurá* destes um cento, pouco mais ou menos. IDEM *Ib.* II. CLIX. 260: | Os Tupinambás | fazem arcos e flechas e alguns empalhados e lavrados de branco e prêto, feitio de muito artificio: fazem cêstas de varas, a que chamam *samburá*, e outras vasilhas em lavôres, como as de rota da Índia; [...]. a1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, | um cofo de Sururus, | dous puças de Baiacus, | *Samburá* de Murici: |. 1842 MARTINS PENA *O Juiz de Paz* (ed. 1956, I. 32): Quando acabares de jantar, pega em um *samborá* e vai colhêr o café que está à roda da casa. 1845 IDEM *As Casadas Solteiras* (ed. 1956, I. 432): — [...] dá *samburá* a mim. Oh! homem, compraste o mercado inteiro? 1859 C. ABREU *As Primaveras* 48: Quando tu passas n'aldeia | Diz o povo á bocca cheia: | — Mulher mais linda não ha! | "Ai! vejão como é bonita | "Co'as tranças presas na fita, | "Co'as flores no *samburá*! —. 1866 J. ALENCAR *As Minas de Prata* V. vi. 168: A's cinco horas da manhã, a velha de *samburá* no braço ganhou a rua, [...]. 1874 IDEM *Ubirajara* 183: [Nota do Autor] *Samburá* era cesto com orelha, corrupção de *nambi* e *urú*, litteralmente cesto de orelha. 1888 V. MAGALHÃES *Horas Alegres* II. 136: De manhã, depois de retirados os homens da limpeza publica, com as suas carroças e vassouras, começa, como nos outros dias, o vai-vem dos cestos, das cestas, dos *samburás*, porém menos apressurados que nos dias uteis. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* vi. 82-83: Vinha acompanhada por um moleque, que trazia na cabeça um enorme *samburá* carregado de compras feitas no mercado; [...]. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* i. 22: Só appareciam á noitinha cançados, escalavrados, com enfiadas de caça e *samburás* de frutas. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iiiii. 223: Era de ver o terror que se estampava naquellas physionomias, a ancia e a angustia tambem. Levavam trouxas, *samburás*, pequenas malas; crianças de peito, a chorar, o papagaio querido, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...]; ou artefactos de taquara póca — peneiras, cestinhas, *samburás*, tipitis, pios de caçador; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 169: Ele me atira no *samburá*, você pede o peixe mais grande pra comer e sou eu. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* xvi. 145: Na praia, em frente da casa de Lula, já havia inúmeros *samburás* cheios de mariscos.

(Cunha, 1978, p. 257).

ORIGEM: *samburá sm.* 'cesto' / 1587, *samurá* 1587 / Do tupi *samu'ra*. (Cunha, 2017, p. 579).

36 → *SAPÃO* (RIO)

ZOOTOPÔNIMO/FITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Sapão	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** 1 ocorrência

Córrego Sapão → Município Januária – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego

Acidentes Humanos: n/e

ABONAÇÕES:

- Instituto Brasileiro de Florestas: Fonte: <https://www.ibflorestas.org.br/lista-de-especies-nativas/pau-brasil>
Sapão é um dos nomes populares da árvore Pau-Brasil (*Leguminosae* – *Caesalpinoideae*), conhecida nas diversas regiões do Brasil como: Arabutã, Brasilete, Árvore-do-Brasil, Ibirapitanga, Ibiripitinga, Imirá-Piranga, Muirapiranga, Orabutã, Pau-Pernambuco, Pau-Rosado, Pau-Vermelho e *Sapão*.
- Sapo[De or. incerta, poss. pré-romana.] S.m. Zool. Designação comum aos anfíbios anuros que, embora o início de sua evolução ocorra na água, têm na fase adulta hábitos terrestres e são peçonhentos. A pele dos sapos é rugosa, com verrugas e pequenos tubérculos. Há cerca de nove espécies, todas do gênero Bufo, conhecidas do Brasil. [Aum.: saparrão.] (Freitas, 2018, p. 351).

ORIGEM: Do malaio antigo *sapang*. O mesmo que pau-brasil.

37 → SASSAFRÁS (RIO)

FITOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Sassafrás	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

4 ocorrências

Rua dos Sassafrás - Jardim Esperança - Patos de Minas, MG, CEP: 38703-721.

Rua Sassafrás, 15 - Jardim Novo Horizonte, Boa Esperança, MG, CEP: 37.170-000.

Sassafrás Industria e Comercio Ltda, CNPJ: 41.712.134/0003-84, Divinópolis (MG).

Aguardente Sassafrás Ltda, CNPJ: 17.477.860/0001-13, Piranguçu (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 2 ocorrências

Córrego Sassafrás → Município Santa Vitória – Triângulo / Alto Paranaíba

Fazenda Sassafrás → Município Santa Vitória – Triângulo / Alto Paranaíba

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio

Acidentes Humanos: Sassafrás nomeia ruas, estabelecimento industrial e comercial, aguardente, fazenda.

ABONAÇÕES:

- <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPF-2009-09/41471/1/circ-tec110.pdf>

Nomes vulgares por Estado do Brasil:

Minas Gerais: canela, canela-sassafrás, sassafrás e sassafrasinho.

Estado do Rio de Janeiro: casca-preciosa.

Estado de São Paulo: canela-funcho, canela-sassafrás-folha-grande, casca-preciosa, sassafrasinho.

Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina: Louro-sassafrás, louro-tapinhoã, sassafrás-amarelo, sassafrás-preto, sassafrás-rajado, pau-funcho, sassafrás, sassafrás-do-paraná.



Locais identificados de ocorrência natural de canela-sassafrás (*Ocotea odorifera*), no Brasil.
<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/231685/1/Especies-Arboreas-Brasileiras-vol-1-Canela-Sassafras.pdf>

ORIGEM: *sassafrás* ‘designação comum a várias espécies de plantas da família das lauráceas’ XVII. Do castelhano *sassafrás* (Cunha, 2017, p. 583).

38 → *do SÍTIO* (RIO)

SOCIOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	do Sítio	Médio	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

3 ocorrências

Bairro Rio Do Sítio - Montes Claros (MG)

Agro Pecuária Rio do Sítio Limitada, CNPJ: 16.767.584/0001-65, Montes Claros (MG);

Assoc. Comunitária do Rio do Sítio, CNPJ: 25.207.572/0001-77, Montes Claros (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 71 ocorrências

Fazenda do Sítio → Município Acaiaca – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Barra Longa – Zona da Mata

Localidade Córrego Sítio → Município Jequeri – Zona da Mata

Fazenda Sítio da Limeira → Município Oratórios – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Alto do Rio Doce – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Amparo do Serra – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município Amparo do Serra – Zona da Mata

Córrego dos Sítios → Município Araponga – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município Porto Firme – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Paula Cândido – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Teixeira – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município Teixeira – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município Mirai – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Miricema – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Senador Firmino – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Aracitaba – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município Aracitaba – Zona da Mata

Fazenda do Sítio → Município São João Nepomuceno – Zona da Mata

Córrego do Sítio → Município Prata – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda do Sítio → Município Estrela do Sul – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda Sítio Velho → Município Rio Paranaíba – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda do Sítio → Município São Gotardo – Triângulo/Alto Paranaíba

Córrego do Sítio → Município São Gotardo – Triângulo/Alto Paranaíba

Fazenda do Sítio do Gamarra → Município Baependi – Sul/Sudoeste de Minas

Córrego do Sítio → Município Baependi – Sul/Sudoeste de Minas

Fazenda do Sítio → Município Baependi – Sul/Sudoeste de Minas

Córrego do Sítio → Município Andrelândia – Sul/Sudoeste de Minas

Fazenda do Sítio → Município São Vicente de Minas – Sul/Sudoeste de Minas

Fazenda Sítio Novo → Município Peçanha – Rio Doce

Córrego Sítio → Município São Sebastião do Maranhão – Rio Doce
 Localidade Sítio da Luz → Município São Sebastião do Maranhão – Rio Doce
 Fazenda Sítio Novo → Município São Francisco – Norte
 Ribeirão do Sítio → Município Espinosa – Norte
 Localidade Sítio Limoeiro → Município Espinosa – Norte
 Ribeirão Sítio Novo → Município Riacho dos Machados – Norte
 Ribeirão Sítio Novo → Município Serranópolis de Minas – Norte
 Fazenda Sítio Novo → Município Serranópolis de Minas – Norte
 Ribeirão do Sítio → Município Rubelita – Norte
 Fazenda do Sítio → Município Salinas – Norte
 Localidade Sítio Novo → Município Vargem Grande do Rio Pardo – Norte
 Córrego do Sítio → Município Juramento – Norte
 Rio do Sítio → Município Montes Claros – Norte
 Localidade Sítio → Município Grão Mongol – Norte
 Córrego do Sítio → Município Itacambira – Norte
 Fazenda Sítio → Município Bocaiúva – Norte
 Rio do Sítio → Município Bocaiúva – Norte
 Córrego Sítio Novo → Município Ataléia– Noroeste
 Fazenda Sítio Novo → Município Águas Formosas – Noroeste
 Povoado Sítio → Município Jaboticatubas – Metropolitana
 Fazenda Sítio do Curral → Município Santana do Riacho – Metropolitana
 Fazenda Sítio → Município Rio Vermelho – Metropolitana
 Córrego do Sítio → Município São José da Varginha– Metropolitana
 Fazenda do Sítio → Município São José da Varginha – Metropolitana
 Córrego Sítio → Município Mateus Leme– Metropolitana
 Localidade Sítio Novo → Município Mateus Leme – Metropolitana
 Córrego do Sítio → Município Itabira – Metropolitana
 Povoado Sítio → Município Itabira – Metropolitana
 Fazenda Sítio Largo → Município João Monlevade – Metropolitana
 Córrego do Sítio → Município Bonfim – Metropolitana
 Serra Sítio Velho → Município Couto de Magalhães de Minas– Jequitinhonha
 Fazenda do Sítio → Município Felício dos Santos – Jequitinhonha
 Córrego do Sítio → Município Gouveia – Jequitinhonha
 Fazenda do Sítio → Município Gouveia – Jequitinhonha
 Fazenda do Sítio → Município Chapada do Norte – Jequitinhonha
 Córrego do Sítio → Município Almenara – Jequitinhonha
 Córrego do Sítio → Município Jequitinhonha – Jequitinhonha
 Fazenda Sítio Novo → Município Lagoa Dourada – Campo das Vertentes
 Córrego do Sítio → Município Nazareno – Campo das Vertentes
 Ribeirão do Sítio → Município Ritópolis – Campo das Vertentes
 Fazenda do Sítio → Município Ritópolis – Campo das Vertentes
 Sítio → Município – Campo das Vertentes

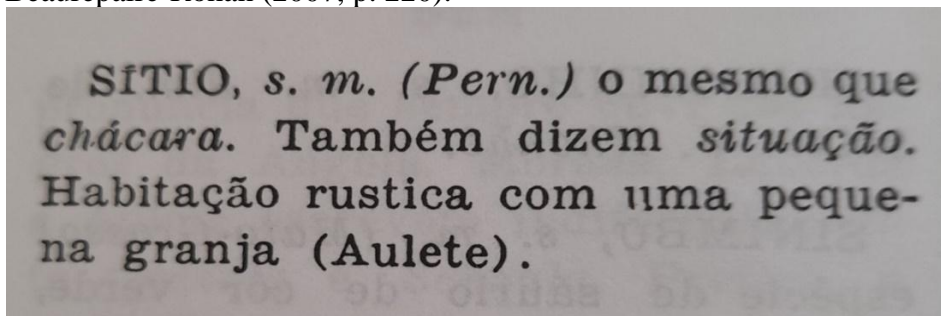
Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, rio, ribeirão, serra.

Acidentes Humanos: bairro, empreendimentos, fazendas, localidades, povoado.

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1357) Sítio – Em Portugal é raro como topônimo simples, muito frequente em topônimos compostos (*Bom Sítio, Sítio da Aldeia, Sítio da Azenha, Sítio das Éguas, etc.*) e no Brasil (*Sítio d'Abadia, Sítio dos Moreiras, Sítio Novo, etc.*). Do substantivo masculino sítio.
- Souza (2004, p. 300): Sítio: termo usado no Brasil para designar um estabelecimento agrícola destinado à pequena lavoura, nas vizinhanças das cidades e vilas (do Rio de Janeiro a Pernambuco) e, de um modo geral, casa rústica, com granja, roça, pequena lavoura. Amadeu Amaral, registrando-o, escreve: “propriedade rural menor que a fazenda; o campo, a roça por oposição à cidade: “Gosto mais do *sítio* do que da praça”. Em alguns estados do Brasil se diz *situação*.
- Beaufort-Rohan (2007, p. 220):



SÍTIO, s. m. (*Pern.*) o mesmo que *chácara*. Também dizem *situação*. Habitação rústica com uma pequena granja (Aulete).

ORIGEM: sítio *sm.* ‘lugar, local, ponto’ XVI. De origem incerta (Cunha, 2017, p. 600).

39 → da SÔLTA (RIACHO)

SOCIOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Riacho	da Sôlta	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO: n/e

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 3 ocorrências

Vereda Solta → Município Santa Fé de Minas – Norte

Localidade Vereda Solta → Município Bonfinópolis de Minas – Noroeste

Fazenda Solta → Município Cachoeira do Pajeú – Jequitinhonha

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: vereda

Acidentes Humanos: fazenda, localidade

ABONAÇÕES:

- Souza (2004, p. 301-302): Sôlta: termo usado nos Estados do Norte, para designar um terreno de pastagem ubertosa onde se deita o gado para engordar ou refazer-se. Observamos nos sertões da Bahia uma certa distinção entre *solta* e *sôlta*: *solta* se diz quando o pastio é cercado; *sôlta* quando a pastagem é aberta, sem cerca, às vezes muito afastada da moradia dos donos ou vaqueiros. A solta próxima da casa do encarregado da fazenda ou do proprietário recebe o nome peculiar de *logrador*.
- Freire (1957, p. 4731): Criação de gado à solta. / Pastagem onde se refaz o gado. / Manutenção do gado na engorda.

ORIGEM: do adjetivo *solto*, ‘livre, desatado’ ‘figurado sem peias’ XIII. Do latim **soltus*. (Cunha, 2017, p. 605).

40 → *URUCAIA* (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Urucaia	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** n/e**Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos**

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: n/e

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1448)
Urucaia – topônimo no Brasil. Do tupi “urú-caia, a queimada dos urus. Pode-se também traduzir – a galinha saborosa”.

ORIGEM: *Urú-caia*, a queimada dos *urus*. Pode-se também traduzir a galinha saborosa (Sampaio, 1987, p. 341).

41 → URUCUIA (RIO)

ANIMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Urucuia	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

10 ocorrências

Cidade Urucuia, Município Urucuia em Minas Gerais

Padaria e Confeitaria Urucuia LTDA - CNPJ: 13.697.346/0001-32, Mario Campos (MG).

Chácara Marinho Urucuia, Buritis (MG), CEP: 38660-000

Rua Rio Urucuia - Riacho das Pedras - Contagem, MG – CEP: 32280-110

Rua Rio Urucuia - Santo Antônio - Sete Lagoas, MG – CEP: 35701-229

Rua Rio Urucuia - Dona Guilhermina - Esmeraldas, MG – CEP: 32800-238

Rua Rio Urucuia - Novo Água Limpa - Lavras, MG – CEP: 37208-288

Rua Urucuia - Caiçaras - Barbacena, MG – CEP: 36205-402

Urucuia Consultoria em Mobilidade Urbana Ltda – CNPJ: 41.249.011/0001-97, Urucuia

Veredas do Urucuia Agropecuária Ltda – CNPJ: 15.340.539/0001-67, São Romão (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 11 ocorrências

Fazenda Cachoeirinha de Urucuia → Município Esmeraldas – Metropolitana

Fazenda Urucuia → Município Esmeraldas – Metropolitana

Ribeirão Urucuia → Município Esmeraldas – Metropolitana

Vila Urucuia → Município Esmeraldas – Metropolitana

Rio Urucuia → Município Arinos – Noroeste

Rio Urucuia → Município Buritis – Noroeste

Cidade Urucuia → Município Urucuia – Norte

Rio Urucuia → Município Pintópolis – Norte

Rio Urucuia → Município Riachinho – Norte

Rio Urucuia → Município Santa Rosa da Serra – Triângulo/ Alto Paranaíba

Córrego Urucuia → Município Santa Rosa da Serra – Triângulo/ Alto Paranaíba

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio, córrego, ribeirão.

Acidentes Humanos: município, cidade, padaria, fazenda, ruas, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- O Município de Urucuia - MG está situado numa grande bacia sedimentar, constitui uma transição da depressão do Rio São Francisco para o Planalto Central.
Fonte: <https://www.urucuia.mg.gov.br/index.php/historia>

ORIGEM: Do tupi-guarani *uru* – ave galinácea; vaso, recipiente; vaso de beber do *uru*, ave (Chiaradia, 2008, p. 684).

42 → *das VELHAS* (RIO)

ETNOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	das Velhas	Alto	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Spl]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:**

22 ocorrências

Fazenda Rio das Velhas, Sacramento, Minas Gerais - Cadastro Ambiental Rural (CAR), número: MG-3156908-7630240BA0A241DC88703CBF0AB4EA64.

Rua Rio das Velhas - Parque das Águas - Ipatinga, MG, CEP: 35164-426;

Rua Rio das Velhas - Laranjeiras - Betim, MG, CEP: 32676-272;

Rua Rio das Velhas - Dona Guilhermina - Esmeraldas, MG, CEP: 32800-225;

Rua Rio das Velhas - São João Batista - Santa Luzia, MG, CEP: 33030-030;

Rua Rio das Velhas - Parque Riacho das Pedras - Contagem, MG, CEP: 32280-370;

Rua Rio das Velhas - Minaslândia - Belo Horizonte, MG, CEP: 31812-060;

Avenida Rio das Velhas - Nossa Senhora de Fátima - Nova Lima, MG, CEP: 34012-409;

Rua Rio das Velhas - Tancredo Neves I - Paulo Afonso, BA, CEP: 48609-003;

Rua Rio das Velhas - Santo Antônio - Sete Lagoas, MG, CEP: 35701-246;

Rua Rio das Velhas - Quinta do Sumidouro - Pedro Leopoldo, MG, CEP: 33253-172;

Rua Rio das Velhas - Beatriz - Araguari, MG, CEP: 38446-282;

Rua Rio das Velhas - Brasiléia - Betim, MG, CEP: 32600-464;

Rua Rio das Velhas - Liberdade - Itabirito, MG, CEP: 35456-306;

Rua Rio das Velhas - Pedreira - Betim, MG, CEP: 32560-520;

Rua Rio das Velhas - Borges - Sabará, MG, CEP: 34720-060;

Rua Rio das Velhas - Monte Verde - Betim, MG, CEP: 32653-210;

Bosque Rio das Velhas Empreendimentos Imobiliários Ltda, CNPJ: 03.672.830/0001-53, Belo Horizonte (MG);

Condomínio Visconde do Rio das Velhas, CNPJ: 21.006.817/0001-47, Belo Horizonte (MG);

Escola Estadual Visconde do Rio das Velhas, Avenida Caio Martins, 87, SRE SETE LAGOAS, Centro, Matozinhos, CEP: 35720-000;

Rivel Britadora Rio Das Velhas Ltda, CNPJ: 21.695.606/0001-69, Sabará (MG).

Rio das Velhas Materiais de Construção Ltda, CNPJ: 01.965.879/0001-79, Sete Lagoas (MG)

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 40 ocorrências

Rio das Velhas → Município Augusto de Lima – Central Mineira

Riacho das Velhas → Município Buenópolis – Central Mineira

Rio das Velhas → Município Corinto – Central Mineira

Rio das Velhas → Município Curvelo – Central Mineira

Rio das Velhas → Município Inimutaba – Central Mineira
 Rio das Velhas → Município Presidente Juscelino – Central Mineira
 Rio das Velhas → Município Santo Hipólito – Central Mineira
 Córrego das Velhas → Município Leandro Ferreira – Central Mineira
 Córrego Fazenda das Velhas → Município Couto de Magalhães de Minas – Jequitinhonha
 Córrego das Velhas → Município Couto de Magalhães de Minas – Jequitinhonha
 Córrego das Velhas → Município Diamantina – Jequitinhonha
 Rio das Velhas → Município Baldim – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Cordisburgo – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Funilândia – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Jaboticatubas – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Jequitibá – Metropolitana
 Fazenda Rio das Velhas → Município Santana do Pirapama – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Santana do Pirapama – Metropolitana
 Fazenda das Velhas → Município Juatuba – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Lagoa Santa – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Pedro Leopoldo – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Raposos – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Rio Acima – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Sabará – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Santa Luzia – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Itabirito – Metropolitana
 Rio das Velhas → Município Ouro Preto – Metropolitana
 Córrego das Velhas → Município Riacho dos Machados – Norte
 Lagoa das Velhas → Município Riacho dos Machados – Norte
 Córrego das Velhas → Município Buritizeiro – Norte
 Rio das Velhas → Município Lassance – Norte
 Rio das Velhas → Município Pirapora – Norte
 Córrego das Velhas → Município Nova Serrana – Oeste de Minas
 Córrego das Velhas → Município Frei Lagronegro – Rio Doce
 Fazenda Rio das Velhas → Município Conquista – Triângulo/Alto Paranaíba
 Córrego das Velhas → Município Carangola – Zona da Mata
 Serra das Velhas → Município Carangola – Zona da Mata
 Serra das Velhas → Município Faria Lemos – Zona da Mata
 Ribeirão das Velhas → Município Bias Fortes – Zona da Mata
 Ribeirão das Velhas → Município Juiz de Fora – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córregos, ribeirão, serra, rio, lagoa

Acidentes Humanos: fazenda, ruas, empreendimentos

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1464): Velhas – topônimo frequente no Centro e no Sul de Portugal em nomes simples e compostos. No Brasil, nomeia rio em Minas Gerais. Segundo Nascentes II, o nome foi dado em 1711 pelo governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, segundo parece porque no local foram encontradas três *velhas* mulheres indígenas.

- Comitê da Bacia do Rio das Velhas <https://cbhvelhas.org.br/historia/#:~:text=Origem%20do%20nome,Rio%20das%20Velhas%20Tribos%20Descendentes>.
Origem do nome Rio das Velhas: O nome Rio das Velhas tem origem indígena (tupi-guarani). Antes de receber essa nomeação, era conhecido como rio *Uaimií* pelos indígenas. A antiga pronúncia foi traduzida na forma portuguesa Guaxim, da qual nasceu Guaicuy que significa Rio das Velhas Tribos Descendentes.

ORIGEM: velho *adj. sm.* ‘remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso’ XIII. Do lat. *vetulus*, dim. De *vetus* –*eris* (Cunha, 2017, p. 670).

43 → VERDE (RIO)

CROMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Verde	Médio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nm [ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

9 ocorrências

Fazenda Rio Verde, CNPJ 31.854.461/0001-55, Teixeira de Freitas (BA).

Rua Rio Verde - Conceição - Feira de Santana, BA, CEP: 44067-306;

Rua Rio Verde - Rio Grande - Barreiras, BA, CEP: 47800-521;

Bairro Rio Grande - Barreiras, BA, CEP: 47800-521;

Comercial Rio Verde 1, CNPJ: 17.226.639/0001-92, Itaguaçu (BA);

Comercial de Cereais Rio Verde Ltda, CNPJ: 33.878.000/0001-48, Santana (BA);

Posto Rio Verde, CNPJ: 05.892.767/0001-96, Itaguaçu (BA);

Bode Assado do Rio Verde Ltda, CNPJ 28.397.673/0001-46, Itaguaçu (BA);

Fazendas Reunidas do Rio Verde Ltda, CNPJ: 14.129.720/0001-66, Guanambi (BA).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 33 ocorrências

Córrego Verde → município de São João d’el Rei – Campo das Vertentes

Rio Verde → município de Curvelo – Central Mineira

Lagoa Verde → município de Bom Despacho – Central Mineira

Lagoa Verde → município de Lagoa da Prata – Central Mineira

Córrego Verde → município de Coronel Murta – Jequitinhonha

Córrego Verde → município de Ponto dos Volantes – Jequitinhonha

Ribeirão Verde → município de Guarda-Mor – Noroeste

Rio Verde → município de Guarda-Mor – Noroeste

Rio Verde → município de João Pinheiro – Noroeste

Lagoa Verde → município de Presidente Olegário - Noroeste
 Lagoa Verde → município de Pai Pedro – Norte
 Rio Verde → município de São João da Ponte – Norte
 Rio Verde → município de Paraopeba – Metropolitana de Belo Horizonte
 Fazenda Verde → município de Córrego Novo – Rio Doce
 Lagoa Verde → município de Resplendor – Rio Doce
 Rio Verde → município de Elói Mendes – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Três Corações - Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Varginha – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Caldas – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Carmo de Minas – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Itanhandu – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Passa Quatro – Sul/Sudoeste de Minas
 Serra Verde → município de Passa Quatro – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Pouso Alto – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de São Sebastião do Rio Verde – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Soledade de Minas – Sul/Sudoeste de Minas
 Serra Verde → município de Aiuruoca – Sul/Sudoeste de Minas
 Rio Verde → município de Prata – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Rio Verde → município de Campina Verde – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Rio Verde → município de Comendador Gomes – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Rio Verde → município de Itapegipe – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Rio Verde → município de Planura – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Fazenda Verde → município de Raul Soares – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego, lagoa, ribeirão, rio, serra.

Acidentes Humanos: fazendas, ruas, bairro, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Tendo em vista a produtividade e motivação da cor verde encontrada no ambiente físico, econômico e cultural, e considerando também a análise da construção linguística desta base lexical, pode-se dizer de sensações, emoções e sentimentos originados por tal cor. Dessa maneira, ao verde se associam afetivamente sentimentos, como bem-estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, tolerância, característicos das matas, campos, currais e sertões (Pinheiro, 2024, p. 219).

ORIGEM: Do lat. *viridis*, ‘da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores’, XIII (Cunha, 2017, p. 273).

44 → VERDE GRANDE (RIO)

CROMOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	Verde Grande	Médio	Minas Gerais

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: NCm [ADJsing + ADJsing]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:

6 ocorrências

Rua Rio Verde Grande - Boa Esperança - Petrolina, PE, CEP: 56327-055;
 Construtora Verde Grande Ltda, CNPJ: 22.158.240/0001-51, Belo Horizonte (MG);
 Agroindústria Rio Verde Grande, CNPJ: 32.517.352/0001-05, Jaíba (MG);
 Pedreira Verde Grande Ltda, CNPJ: 16.891.134/0001-80, JAÍBA (MG);
 Verde Grande Educação Ltda, CNPJ: 35.299.533/0001-09, Jaíba (MG);
 Rio Verde Grande Participações Ltda, CNPJ: 57.229.896/0001-00, Jaíba (MG).

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: 9 ocorrências

Rio Verde Grande → município de Manga – Norte
 Rio Verde Grande → município de Matias Cardoso – Norte
 Rio Verde Grande → município de Espinosa – Norte
 Rio Verde Grande → município de Jaíba – Norte
 Rio Verde Grande → município de Janaúba – Norte
 Rio Verde Grande → município de Monte Azul – Norte
 Rio Verde Grande → município de Capitão Enéias – Norte
 Rio Verde Grande → município de Verdelândia – Norte
 Rio Verde Grande → município de Bocaiúva – Norte

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: rio.

Acidentes Humanos: nomeia rua, empreendimentos.

ABONAÇÕES:

- Machado (2003, p. 1468)
 Verde – Do adjetivo *verde*. Topônimo em Portugal e na Galiza.
 Grande – Topônimo em Portugal e muito frequente no Brasil. Do adjetivo *grande* que entra em topônimos compostos nacionais e estrangeiros.

ORIGEM: verde *adj.* ‘da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores’ XIII. Do lat. *Viridis* (Cunha, 2017, p. 673).

Grande *adj.* 2g. ‘vasto, comprido, desmedido, numeroso’ XIII. Do lat. *Grandis* (Cunha, 2017, p. 322).

45 → VEREDA DA TÁBUA (RIO)

HODOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Rio	do Salitre/Vereda da Tábua	Médio/Submédio	Bahia

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Ncf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]

EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO: n/e

BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG: n/e

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: n/e

Acidentes Humanos: n/e

ABONAÇÕES:

- Souza (2004, p. 338): Vereda: termo usado nas regiões centrais do Brasil para designar agrupamento de matas cercadas de campo, com pindaíbas e buritis, em tiras pelos cerrados. No nordeste, o sentido é diferente: “regiões providas de maior abundância d’água na zona caatingal, entre as montanhas e os vales dos rios, nos quais a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga. As *veredas* estão localizadas num solo arenoso, aluvial, com relva dura, e gramináceas em touços: gozam de geral estima entre os sertanejos como pasto preciosos para o gado. São característicos das regiões limítrofes dos Estados da Bahia e do Piauí, especialmente ao sul das lagoas lendárias, entre S. Raimundo Nonato, Bom Jesus do rio Gurguéia e rio S. Francisco”. No oeste do estado da Bahia, entre os rios Preto, Grande e S. Francisco se estendem grandes *veredas*.
- Machado (2003, p. 1468): Vereda, em Portugal, remete a Vareda, antiga alcunha. Tábua, topônimo em Portugal. Nomeia Vila no distrito de Coimbra; Marco de Canavezes, ilha da Madeira. Do substantivo feminino tábua, alusão a ponte de tábuas sobre um curso de água local? Ou será alteração de nome antigo, possivelmente pré-romano?

ORIGEM: Vereda ‘caminho estreito, atalho’, figurado ‘rumo, direção’ XV. Do baixo latim *vereda*, do latim *veredus* (Cunha, 2017, p. 673).

Tabua ‘planta comestível da família das tifáceas’ XVI. De origem obscura.

Tábua ‘peça plana de madeira’. Do latim *tabula* (Cunha, 2017, p. 617).

46 → da *VOLTA* (RIACHO)

MORFOTOPÔNIMO

ACIDENTE	TOPÔNIMO	REGIÃO FISIOGRÁFICA	ESTADO
Riacho	da Volta	Submédio	Pernambuco/ Paraíba

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO TOPÔNIMO: Nf [Ssing]**EXPANSÃO DO TOPÔNIMO NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO:** n/e**BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG:** 55 ocorrências

Fazenda Volta Grande → Município de Nazareno – Campo das Vertentes

Fazenda Volta Grande → Município de Senhora dos Remédios – Campo das Vertentes

Fazenda da Volta → Município de Carbonita – Jequitinhonha

Córrego da Volta → Município de Carbonita – Jequitinhonha

Fazenda Volta Grande → Município de Caraí – Jequitinhonha

Lagoa Volta do Rio → Município de Itaobim – Jequitinhonha

Córrego da Volta → Município de Esmeraldas – Metropolitana

Córrego da Volta Grande → Município de Nova Lima – Metropolitana

Córrego Volta Grande → Município de Barão de Cocais – Metropolitana

Povoado Volta das Imbaúbas → Município de Santa Bárbara – Metropolitana

Córrego Volta Grande → Município de Belo Vale – Metropolitana

Fazenda Volta Grande → Município de Belo Vale – Metropolitana

Córrego Volta Quatro → Município de Teófilo Otoni – Mucuri

Córrego da Volta → Município de Bertópolis – Mucuri

Córrego das Voltas → Município de Nanuque – Mucuri

Córrego das Voltas → Município de Serra dos Aimorés - Mucuri

Córrego da Volta → Município de João Pinheiro – Noroeste

Fazenda Volta da Serra → Município de Manga – Norte

Fazenda Volta Grande → Município de Janaúba – Norte

Fazenda Volta do Morro → Município de Montezuma – Norte

Fazenda Volta da Panela → Município de Verdelândia – Norte

Fazenda Volta da Capoeira → Município de Bocaiúva – Norte

Córrego da Volta da Capoeira → Município de Bocaiúva – Norte

Localidade Volta da Capoeira → Município de Bocaiúva – Norte

Fazenda Volta Grande → Município de Bambuí – Oeste de Minas

Fazenda Volta do Poço → Município de Nova Serrana – Oeste de Minas

Fazenda Volta do Brejo → Município de Perdígão – Oeste de Minas

Córrego Volta do Brejo → Município de Oliveira – Oeste de Minas

Localidade Volta Grande → Município de Carmésia – Rio Doce

Retiro Volta da Sapucaia → Município de Governador Valadares – Rio Doce

Córrego Volta Grande → Município de Governador Valadares – Rio Doce

Córrego Volta Grande → Município de Itanhomim – Rio Doce

Povoado Volta Grande → Município de Itanhomim – Rio Doce

Córrego Volta Grande → Município de Tumiritinga – Rio Doce

Localidade Volta do Rio → Município de Antônio Dias – Rio Doce
 Córrego Volta Grande → Município de Caratinga – Rio Doce
 Fazenda Volta Grande → Município de Caratinga – Rio Doce
 Povoado Volta Grande → Município de Caratinga – Rio Doce
 Córrego Dom Cavati Grande → Município de Caratinga – Rio Doce
 Fazenda Volta do Brejo → Município de Alpinópolis – Sul/Sudoeste
 Córrego da Volta do Brejo → Município de Carmo do Rio Claro – Sul/Sudoeste
 Fazenda Volta Grande → Município de Guapé – Sul/Sudoeste
 Serra da Volta Grande → Município de Guapé – Sul/Sudoeste
 Fazenda Volta da Ferradura → Município de Silvianópolis – Sul/Sudoeste
 Fazenda Volta Grande → Município de Caxambu – Sul/Sudoeste
 Fazenda Volta Limpa → Município de Gurinhatã – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Morro da Volta Limpa → Município de Gurinhatã – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Fazenda Volta Grande → Município de Araguari – Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
 Cidade Volta Grande → Município de Volta Grande – Zona da Mata
 Córrego da Volta Grande → Município de Dom Silvério – Zona da Mata
 Localidade Volta do Rio → Município de Guaraciaba – Zona da Mata
 Córrego Volta Seca → Município de Mercês – Zona da Mata
 Córrego Volta da Ferradura → Município de Piraúba – Zona da Mata
 Fazenda Volta da Boa Vista → Município de Juiz de Fora – Zona da Mata
 Localidade Volta da Cobra → Município de Leopoldina – Zona da Mata

Distribuição dos topônimos entre acidentes físicos e humanos

Acidentes Físicos: córrego, morro.

Acidentes Humanos: retiro, fazenda, localidade, cidade.

ABONAÇÕES:

- Souza (2004, p. 341): Volta - termo usado principalmente na Amazônia, mas também ouvido em outros Estados da República, para indicar as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios.
- Machado (2003, 1486): Volta - topônimo frequente, em formas simples e compostas em Portugal, na Galiza, no Brasil. No estado do Rio de Janeiro, nome devido à curva que o rio Paraíba faz nos arredores da cidade. (...) *Volta* é nome de rio de África. Parece ter origem na denominação portuguesa Rio da *Volta*, por causa das sinuosidades do curso do rio.

ORIGEM: Derivado de voltar ‘regressar, retornar, XVI. Do latim **voltare* (Cunha, 2017, p. 682).

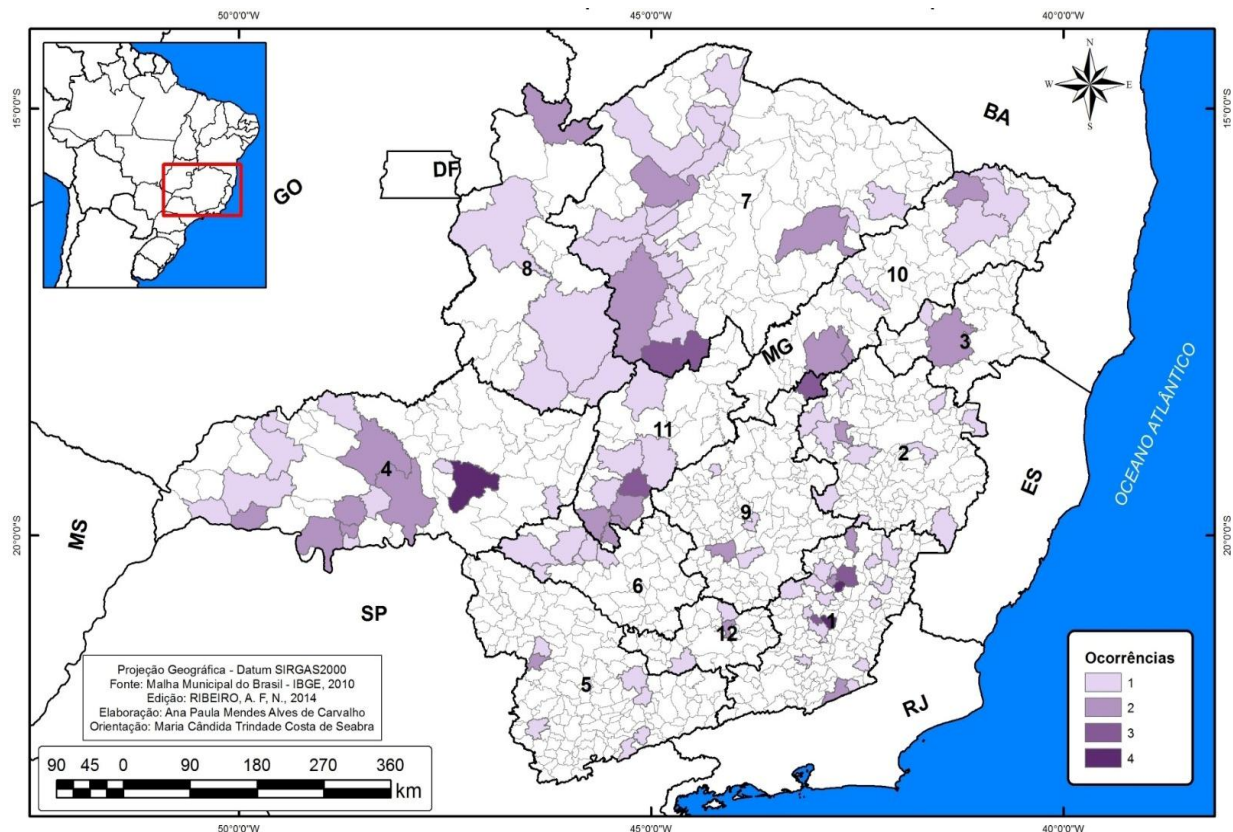
5. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Não se cogita na toponímia de origem religiosa, da busca do equilíbrio perfeito e da exata adequação entre “nome” e “objeto nomeado”, um dos máximos objetivos da disciplina. Tampouco se pode dizer que a motivação, extrínseca à natureza do acidente, não o define nem se ajusta à normatividade do sistema onomasiológico. Apenas o fenômeno associativo é de outra ordem, porque centralizado no doador; as circunstâncias locais pouco interferem na escolha, desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos fatos místicos, à sua crença e à sua fé. (Dick, 1990, p. 155)

Para Dick (op. cit), a toponímia religiosa inscreve-se não de forma isolada, mas como consequência de um “pensamento coletivo”, permitindo que se faça “da ciência toponomástica um verdadeiro ‘capítulo da psicologia social’”.

Um dos mais importantes cursos d’água do Brasil pode ser analisado sobre esse prisma – São Francisco é topônimo em todas as regiões do estado de Minas Gerais, podendo-se concluir que a religiosidade lusitana encontrou nesse estado um ambiente fértil para seu expansionismo, consoante a carta geográfica registrada por Carvalho (2014, p. 687), em destaque:

Mapa 3 - Presença do topônimo *São Francisco* em Minas Gerais



Fonte: Carvalho (2014, p. 687)

Padroeiro dos animais e do meio ambiente, símbolo de humildade e devoção ao próximo, “São Francisco” pregava o respeito e cuidado com todas as espécies “Sua espiritualidade também enfatizava a importância de cuidar da Terra e de todas as suas criaturas. Ele via a natureza como uma manifestação do amor de Deus e acreditava que a humanidade tinha a responsabilidade de protegê-la”¹⁴. A esse rio brasileiro, batizado pelos portugueses de São Francisco, juntam-se outras águas que encantam com seus nomes indígenas e nos mostram a variedade de nuances significativas, que dão forma ao nome de lugar, e as informações diversificadas delas extraídas.

5.1 Análise quantitativa dos dados

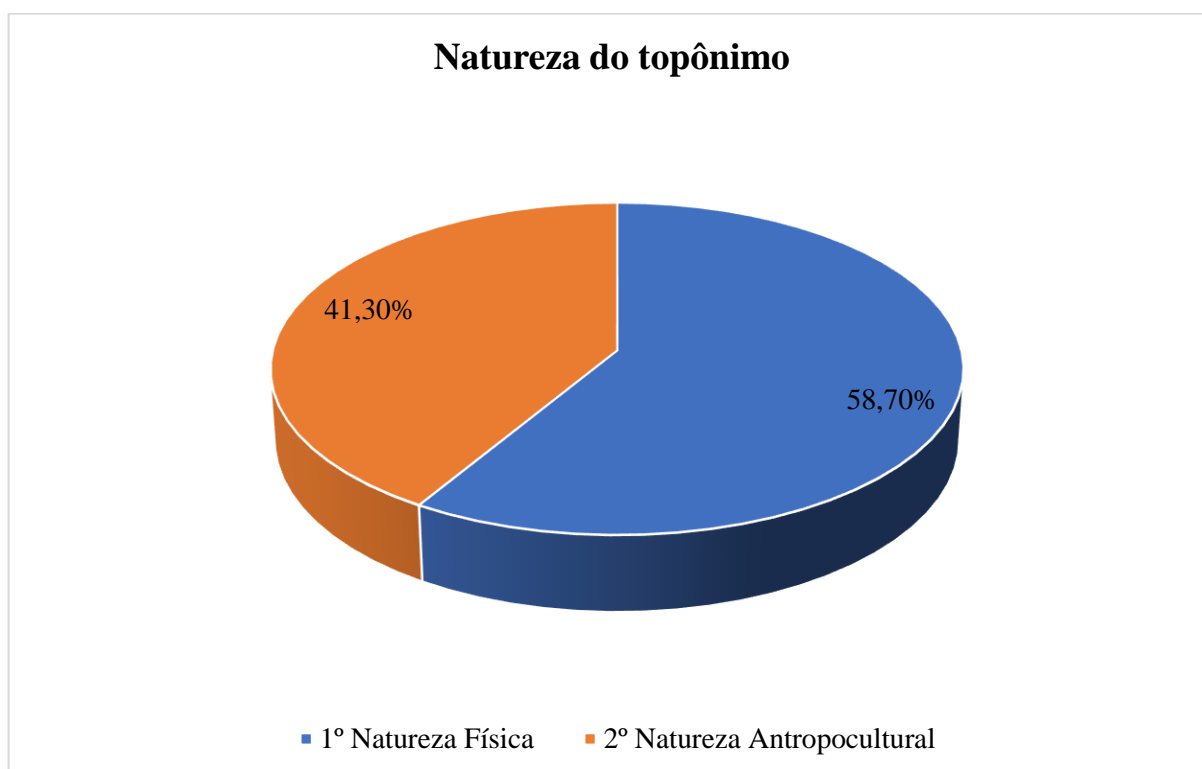
Os cursos hidrográficos são vias essenciais para descrever processos migratórios. O Rio São Francisco, importante rota de navegação, concilia o papel de facilitador de deslocamentos populacionais e de promotor de trocas culturais. No artigo sobre o povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco, Martin (1998) escreve que desde o fim do período pleistoceno, a bacia do Rio São Francisco funcionou como uma rota natural para grupos pré-históricos. Durante a colonização, missionários, aventureiros e exploradores registraram a presença de povos indígenas que habitavam o vale, resistindo à ocupação até serem exterminados ou deslocados para áreas isoladas nas serras. Para esse pesquisador, hoje, povos como os Pankararu, Atikum e Kambiwá, em Pernambuco, e os Truká, Kiriri, Tuxá e Pankaré, na Bahia, são descendentes dessas populações que ocuparam o médio e baixo vale do São Francisco por milênios.

Essas trocas culturais e migrações históricas estão refletidas nos topônimos que nomeiam os principais afluentes da região. A investigação toponímica vai além da simples identificação de características geográficas; ela revela as interações culturais e históricas que inspiraram a nomeação de acidentes naturais. A partir dessa compreensão, torna-se evidente a relevância de examinar os principais afluentes da bacia hidrográfica do Rio São Francisco. O ambiente natural de um local é crucial para sua identificação e influencia a maneira como as pessoas se conectam a ele. Por essa razão, acidentes geográficos como rios, riachos e córregos frequentemente carregam narrativas que relatam a história de um lugar e de sua comunidade. Assim, a forma como os lugares são nomeados segue um padrão específico que reflete a estrutura e a organização do território, ao mesmo tempo em que apresenta uma diversidade de abordagens, resultando em uma rica variedade de nomes que refletem a história e a cultura local (Deus, 2022).

¹⁴ <https://aesmartinho.pt/2024/10/08/4-de-outubro-dia-de-sao-francisco-dia-mundial-do-animais/>. Acesso em 10/10/2024.

Neste estudo, conforme já mencionado, foram coletados 46 topônimos a partir do mapa oficial “Principais Afluentes da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco”, disponibilizado pela Agência Nacional de Águas (ANA). Após organizá-los e interpretá-los em fichas toponímicas, conforme o modelo taxonômico de Dick (1990a), verificamos que, dos 46 topônimos analisados, 27 referem-se à natureza física (58,70%) e 19 à natureza antropocultural (41,30%).

Gráfico 1 - Percentual dos topônimos quanto à natureza.

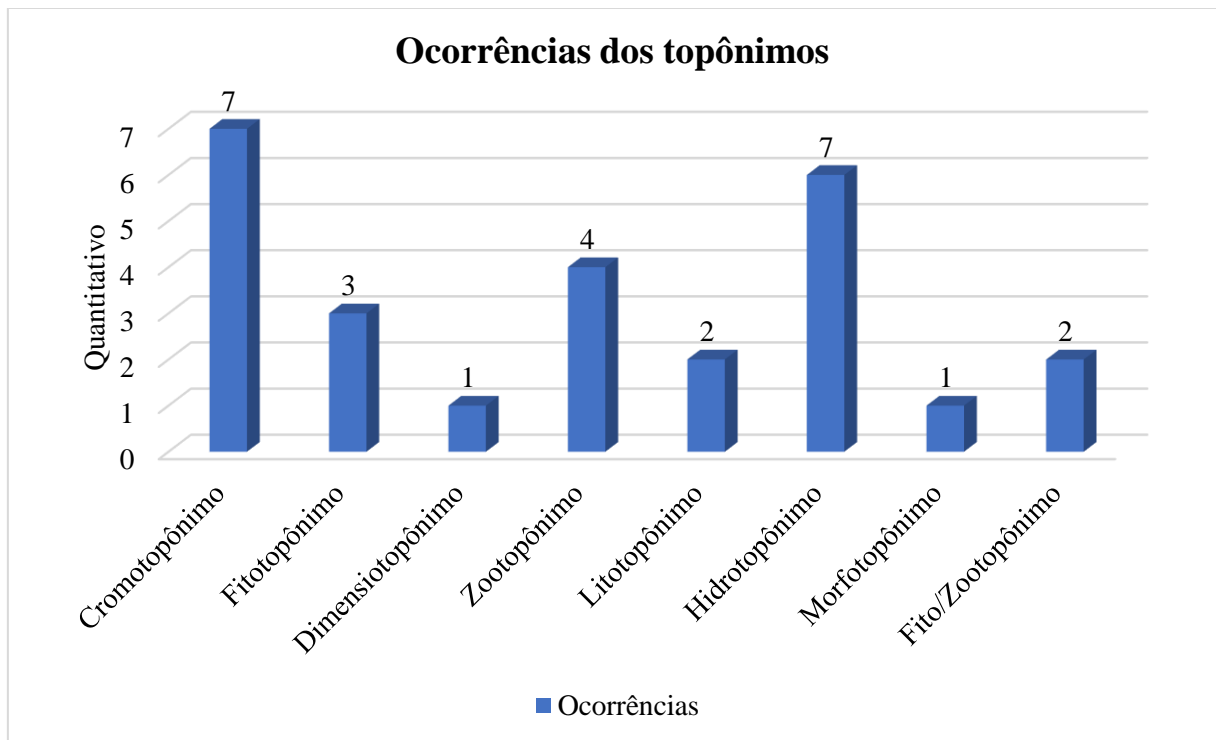


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Percebe-se que as categorias de natureza física predominam nesta amostra, indicando que os contatos do ser humano com o ambiente são registrados, em grande parte, por meio dos acidentes geográficos. Isso sugere que as características físicas de um lugar desempenham um papel essencial como pontos de referência no processo de nomeação. Em outras palavras, é comum que os nomes dos lugares tenham origem nos elementos naturais que se destacam na paisagem, como plantas, rios, serras, montanhas, vales e pedras. Essa tendência reflete como o homem busca pontos de referência no ambiente que o cerca, escolhendo características que facilitam a identificação do espaço. Assim, o relevo e a geografia acabam moldando os nomes, que passam de geração em geração, preservando na memória coletiva o que cada lugar tem de único e marcante.

Nomear lugares a partir de suas características físicas, além de ser uma forma de orientação, também reforça a ligação das pessoas com o território e mantém vivas as histórias e identidades daquele espaço. Assim, os topônimos de natureza física registrados foram *Cromotopônimo*: rios (Branco, Claro, Escuro, Preto, Preto, Verde, Verde Grande); *Fitotopônimo*: rios (Carnaíba de Dentro, Pajeú, Sassafrás); *Dimensiotopônimo*: rio (Grande); *Zootopônimo*: rios ((das) Fêmeas, Guará, Paracatu, (das) Rãs); *Litotopônimo*: rios (Gurutuba~Gurutuba, do Salitre); *Hidrotopônimo*: rios (Ipanema, Itaguarí, Jequitaiá, Pará, Pará-mirim~Paramirim, Paraopeba), riacho (Riachão); *Morfotopônimo*: riacho (Riacho da Volta); *Fito/Zootopônimo*: rios (Jacaré, Sapão). Dentre os dados desta pesquisa, quanto aos topônimos de natureza física, não ocorreram topônimos que pertencem as taxes: *Astrotopônimo*, *Geomorfotopônimo* e *Meteorotopônimo*.

Gráfico 2 - Quantitativo dos topônimos de natureza física

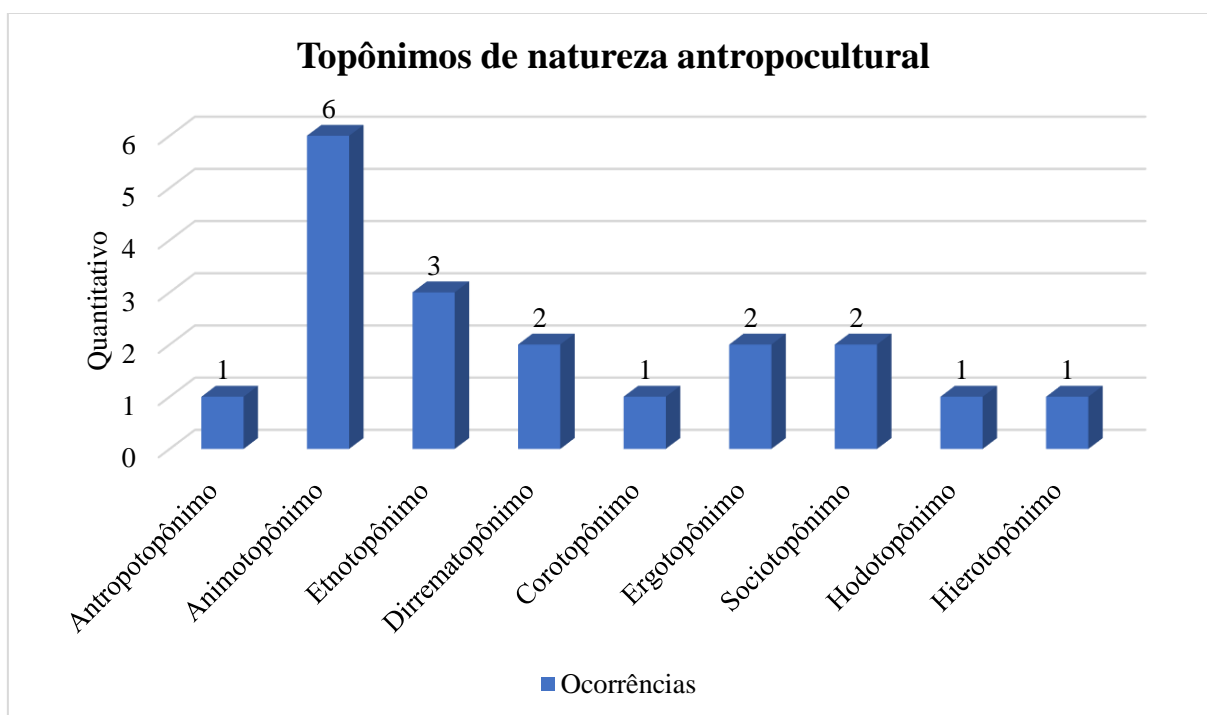


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O fato de as taxes *Cromotopônimo* e *Hidrotopônimo* serem mais frequentes comprova, por exemplo, a teoria de Dick (1990; 1990a), segundo a qual as características reais e simbólicas do meio ambiente fornecem uma base lógica para a identificação de lugares. Dessa forma, o denominador baseou-se na referência visual (a cor) e no ambiente (as águas) para nomear.

Para além do ato de denominação influenciado pela referência física, existem topônimos que emergem da memória coletiva do povo, refletindo aspectos socioculturais e históricos. Esses topônimos, de natureza antropocultural, registram-se em categorias taxonômicas como: *Antropotopônimo*: rio (Brígida); *Animotopônimo*: rios (Carinhanha, Corrente, Correntina, Formoso, Urucaia, Urucuia); *Etnotopônimo*: rios (Moxotó, (das) Velhas), vereda (Pimenteira); *Dirrematopônimo*: rios (Pratudão, Pratudinho); *Corotopônimo*: rio (Rio de Janeiro); *Ergotopônimo*: rios (Roda Velha, Samburá); *Sociotopônimo*: rio ((do) Sítio), riacho ((da) Sôlta); *Hodotopônimo*: vereda (Vereda da Tábua); *Hierotopônimo*: rio ((dos) Milagres). Dentre os dados desta pesquisa, quanto aos topônimos de natureza antropocultural, não ocorreram topônimos que pertencem as taxas: *Axiotopônimo*, *Ecotopônimo*, *Historiotopônimo*, *Politopônimo*, *Somatopônimo*, *Númerotopônimo* e *Cronotopônimo*.

Gráfico 3 - Quantitativo dos topônimos de natureza antropocultural



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

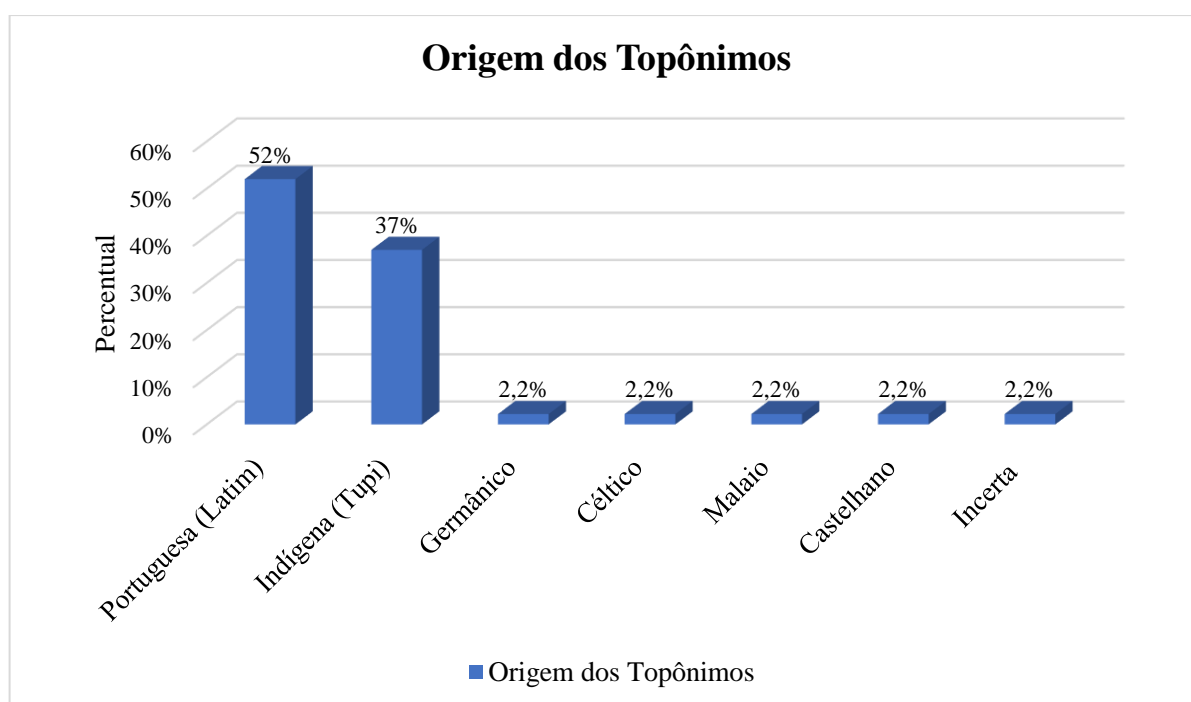
5.2 Quanto a origem dos topônimos

No dia quatro de outubro de 1501, dia de São Francisco, o italiano Américo Vespúcio descobriu a foz de um rio chamado Opara pelos indígenas, que recebeu então o nome do santo de Assis. O destino trágico das populações nativas que habitavam nas margens do grande rio nordestino desde há dez mil anos, foi selado nessa data, mesmo que a colonização europeia do vale san franciscano ainda demorasse algumas décadas (Martin, 1998, p. 9).

Quando nomeamos algo, reagimos ao ambiente ao nosso redor, e esses nomes podem se tornar referências no imaginário popular. Mesmo que não saibamos mais o motivo ou a origem exata, esses nomes podem sobreviver, passando de geração em geração e permanecendo vivos na sociedade. Nas palavras de Dick (1990), no contexto brasileiro, a permanência de topônimos carrega importância cultural, pois muitos deles continuam a ser usados como referências geográficas, mesmo que seus significados originais tenham se perdido com o tempo. Esse fenômeno é particularmente relevante ao se buscar compreender e preservar elementos de línguas indígenas extintas, como o Tupi, que foi uma língua amplamente utilizada na costa do país durante o século XVI.

Como reflexo dos fluxos migratórios e, principalmente, da colonização, comunidades dispersas se estabeleceram ao longo da bacia do rio São Francisco. Em cada área dessa bacia, ao longo dos principais afluentes que deságuam nesse grande rio, a hidronímia foi moldada pela influência de diferentes povos, resultando em uma diversidade de origens para os nomes desses cursos d'água. Nas observações sobre a origem etimológica dos 46 topônimos analisados neste estudo, identificamos que 24 (52%) têm origem portuguesa (com étimo no *latim*), 17 (37%) têm origem indígena (*tupi*), os demais se encontram no vocabulário da língua portuguesa, mas com étimos distintos 1 (2,2%) tem étimo germânico, 1 (2,2%) tem etimologia céltica, 1 (2,2%) tem étimo malaio, 1 (2,2%) tem étimo em língua castelhana e 1 (2,2%) é de étimo incerto.

Gráfico 4 - Origem etimológica



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os topônimos relacionados a essas origens estão organizados no Quadro 4 abaixo, facilitando a visualização e compreensão das influências linguísticas na formação dos nomes. O quadro também traz informações sobre as características das águas associadas a esses topônimos, como rios, córregos e veredas.

Quadro 4 - Relação dos topônimos quanto à origem

OCORRÊNCIAS	ORIGEM (ETIMOLOGIA)	NATUREZA DAS ÁGUAS (ACIDENTE)
24	Português (<i>Latim</i>)	<i>Rios</i> : Claro, Corrente, Correntina, Escuro, das Fêmeas, Formoso, Grande, dos Milagres, Vereda Pimenteira, Pratudão, Pratudinho, Preto, Preto, das Rãs, Rio de Janeiro, Roda Velha, Salitre, das Velhas, Verde, Verde Grande; <i>Riacho</i> : Riachão, Sôlta, Volta. <i>Vereda</i> : Vereda da Tábua.
17	Indígena (<i>Tupi</i>)	<i>Rios</i> : Carinhanha, Carnaíba de Dentro, Guará, Gorutuba~Gurutuba, Ipanema, Itaguari, Jacaré, Jequitai, Moxotó, Pajeú, Pará, Pará-mirim~paramirim, Paracatu, Paraopeba, Samburá, Urucaia, Uruçuia.
1	Germânico	<i>Rio</i> : Branco.
1	Céltico	<i>Rio</i> : Brígida.
1	Malaio	<i>Rio</i> : Sapão.
1	Castelhano	<i>Rio</i> : Sassafrás
1	Incerto	<i>Rio</i> : do Sítio.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

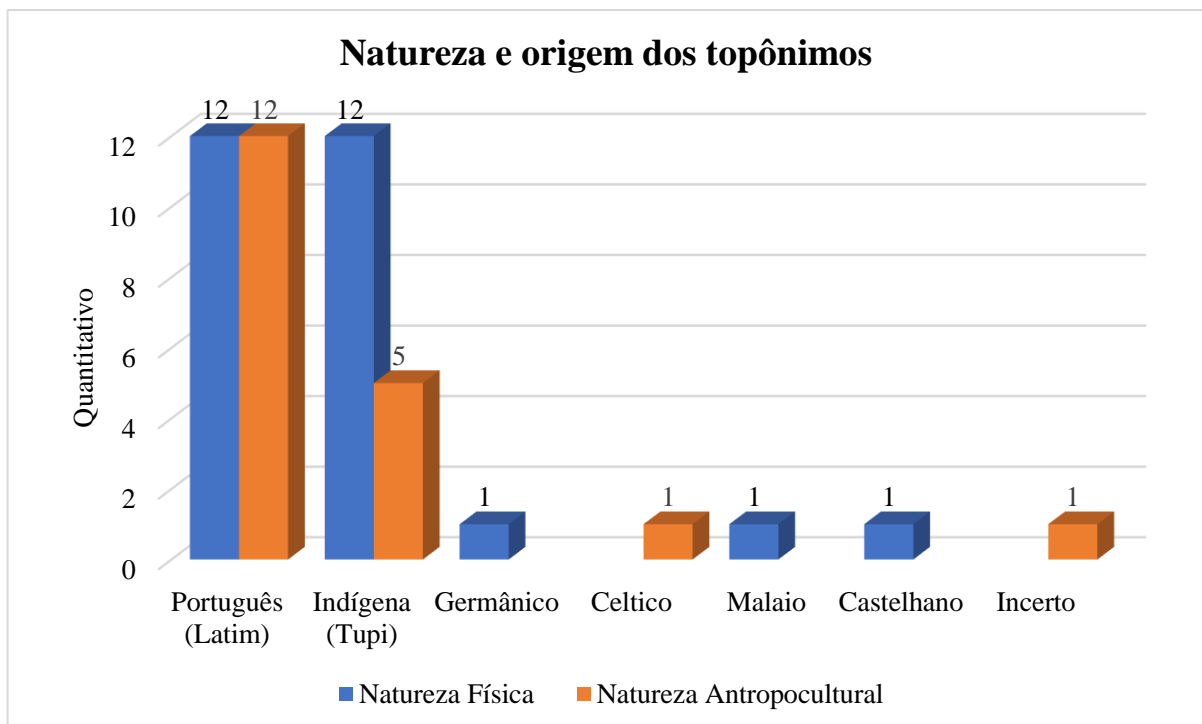
Em relação à natureza das águas, observamos que, dos 46 topônimos identificados, 42 são classificados como rios (91,3%), 3 como riachos (6,5%) e apenas 1 como vereda (2,2%). Embora o IBGE não estabeleça critérios específicos para classificar as dimensões dos cursos d'água — como córregos, ribeirões, ribeiras e riachos, devido às variações regionais no uso desses termos —, O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) propõe

uma hierarquia crescente baseada na extensão e no volume de água: riacho, córrego, ribeira (ou ribeiro), ribeirão e rio (Campestrini, 2014). Nesse sentido, o fato de o termo “Riacho” aparecer 3 (três) vezes e “Vereda” apenas 1 (uma) vez, especialmente em um estudo que aborda os principais afluentes selecionados com base em critérios de extensão e vazão, indica que esses termos refletem uma variação terminológica, sugerindo uma adaptação regional no uso dos conceitos, influenciada pelas características locais dos cursos d’água.

5.2.1 Quanto a origem dos topônimos e suas naturezas

Ainda conforme o Quadro 4, analisamos as origens dos topônimos em relação às suas naturezas, física ou antropocultural. Identificamos que, dos 24 topônimos de origem portuguesa (*latim*), 12 são de natureza física e 12, de natureza antropocultural. Já entre os 17 topônimos de origem indígena (*tupi*), 12 são de natureza física e apenas 5, de natureza antropocultural. Para as demais origens, cada uma com um único topônimo registrado (germânica, malaia e castelhana), todos foram classificados como de natureza física. Por outro lado, os únicos topônimos de origem céltica e de origem incerta, também com apenas um registro cada, foram classificados como de natureza antropocultural.

Gráfico 5 - Classificação dos topônimos por natureza e origem



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Observam-se uma divisão equilibrada nos topônimos portugueses: 12 estão relacionados a aspectos da natureza, e os outros 12 refletem elementos culturais, já entre os topônimos de origem indígena, a predominância está nos nomes ligados à natureza física, com 12 topônimos, enquanto apenas 5 são de natureza antropocultural. Isso reflete a forte conexão dos povos indígenas com o ambiente natural, que era fundamental para a organização de seu espaço e vida cotidiana. Por outro lado, entendemos que a menor quantidade de nomes relacionados a aspectos culturais pode ser resultado do apagamento histórico causado pelo processo de colonização.

Os topônimos de outras origens, como germânica, malaia e castelhana, embora representados por apenas um nome cada, seguem um padrão curioso: todos são de natureza física.

5.3 Quanto as predominâncias das taxes nas regiões fisiográficas

Observar as regiões fisiográficas da bacia do São Francisco sob a perspectiva dos nomes de seus afluentes é essencial para compreender as interações entre cultura, ambiente e modos de vida ao longo de sua extensão. Em cada trecho do rio e de seus afluentes, como Paracatu, das Velhas, Urucuaia e Jequitaiá, sobrepõem-se camadas de significados que retratam, de forma duradoura, a percepção ambiental, social e histórica das comunidades locais. Esses nomes — muitos de origem indígena, outros herdados da tradição colonial — carregam marcas que revelam a maneira como essas sociedades interpretavam e nomeavam a paisagem, projetando em cada topônimo uma simbologia ligada aos cursos d'água.

Tal estudo, portanto, permite mapear a diversidade ecológica e cultural dessas regiões, como indica Mendes (2009), ao acompanhar a evolução da sociedade, seus costumes e comportamentos. A análise dos topônimos desses afluentes ao longo dessas regiões não apenas expõe suas características físicas — relevo, solo, navegabilidade, entre outros —, mas também mostra como o ambiente e o clima moldaram as vivências e, ao longo do tempo, o imaginário social, perpetuando identidades locais dos povos ribeirinhos. No quadro apresentado a seguir, organizamos os topônimos em suas regiões fisiográficas, além de indicar suas taxes e o tipo de acidente.¹⁵

¹⁵ No quadro, as taxes indicam (NF) para aquelas de natureza física; e (NA), para as de natureza antropocultural.

Quadro 5 - Predominâncias taxionômicas nas Regiões Fisiográficas

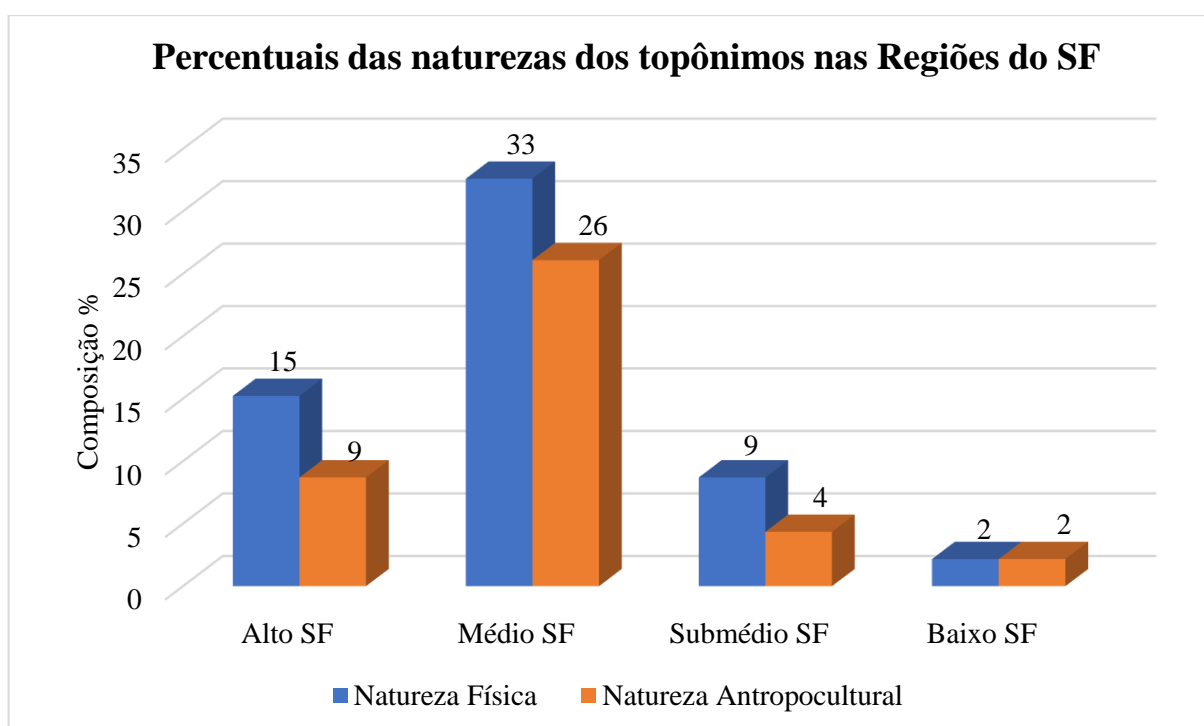
REGIÃO	TOPÔNIMO	TAXIONOMIA
ALTO SÃO FRANCISCO (MG/DF)	Samburá Pará das Velhas Paraopeba Jequitaiá Urucuia Urucaia Claro Escuro Preto Paracatu	Ergotopônimo (NA) Hidrotopônimo (NF) Etnotopônimo (NA) Hidrotopônimo (NF) Hidrotopônimo (NF) Animotopônimo (NA) Animotopônimo (NA) Cromotopônimo (NF) Cromotopônimo (NF) Cromotopônimo (NF) Zootopônimo (NF)
MÉDIO SÃO FRANCISCO (BA)	do Sítio Verde Grande Gorutuba ~ Gurotuba Carinhanha Itaguari Formoso Correntina Pratudinho Pratudão Guará Carnaíba de Dentro Corrente das Rãs Riachão Pará-Mirim ~ Paramirim Roda Velha das Fêmeas Rio de Janeiro Branco Sassafrás Sapão Preto da Sôlta Grande Verde dos Milagres Pimenteira	Sociotopônimo (NA) Cromotopônimo (NF) Litotopônimo (NF) Animotopônimo (NA) Hidrotopônimo (NF) Animotopônimo (NA) Animotopônimo (NA) Dirrematopônimo (NA) Dirrematopônimo (NA) Zootopônimo (NF) Fitotopônimo (NF) Animotopônimo (NA) Zootopônimo (NF) Hidrotopônimo (NF) Hidrotopônimo (NF) Ergotopônimo (NA) Zootopônimo (NF) Corotopônimo (NA) Cromotopônimo (NF) Fitotopônimo (NF) Fito/Zootopônimo (NF) Cromotopônimo (NF) Sociotopônimo (NA) Dimensiotopônimo (NF) Cromotopônimo (NF) Hierotopônimo (NA) Etnotopônimo (NA)
FRANCISCO (BA/PE/PA) SUBMÉDIO SÃO	Jacaré do Salitre Vereda da Tábua Pajeú Brígida da Volta	Fito/Zootopônimo (NF) Litotopônimo (NF) Hodotopônimo (NA) Fitotopônimo (NF) Antropotopônimo (NA) Morfotopônimo (NF)
(PE/AL) BAIXO SÃO FRANCISCO	Moxotó Ipanema	Etnotopônimo (NA) Hidrotopônimo (NF)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Conforme o quadro apresentado, dos 46 topônimos analisados nesta bacia, a distribuição por regiões é a seguinte:

- Na região do Alto São Francisco, 11 topônimos, sendo 7 de natureza física (15%) e 4 de natureza antropocultural (9%).
- Na região do Médio São Francisco, 27 topônimos, com 15 de natureza física (32,61%) e 12 de natureza antropocultural (26,09%).
- Na região do Submédio São Francisco, 6 topônimos, sendo 4 de natureza física (8,70%) e 2 de natureza antropocultural (4,35%).
- No Baixo São Francisco, 2 topônimos, sendo 1 de natureza física (2,17%) e 1 de natureza antropocultural (2,17%).

Gráfico 6 - Natureza e Região fisiográfica do topônimo



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

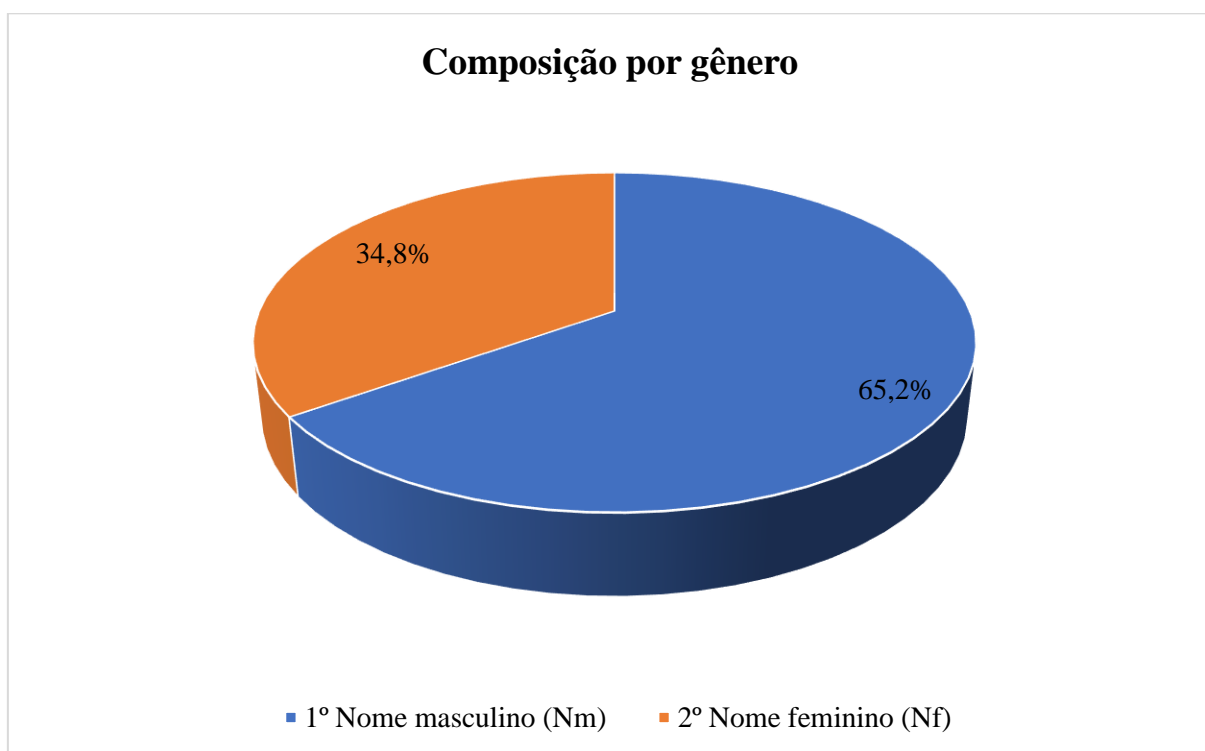
Retomando a influência do ambiente físico no ato denominativo ao longo das regiões fisiográficas da Bacia São Franciscana, observa-se que o ambiente e a geografia local, predominam como referências na escolha dos nomes. No entanto, é importante destacar que os topônimos de natureza antropocultural também possuem um papel significativo, apresentando uma composição percentual muito próxima à dos nomes inspirados pela natureza física. Esse

aspecto sugere que história, personalidades locais e tradições culturais também influenciam o processo de nomeação, funcionando como uma forma de preservar a memória coletiva e as tradições das comunidades, estabelecendo uma conexão simbólica entre o espaço físico e o legado cultural de seus habitantes.

5.4 Quanto ao gênero do topônimo

A análise dos gêneros dos topônimos revela que, dos 46 analisados, 30 (65,2%) são do gênero masculino e 16 (34,8%) do gênero feminino, conforme ilustrado:

Gráfico 7 - Gênero do topônimo



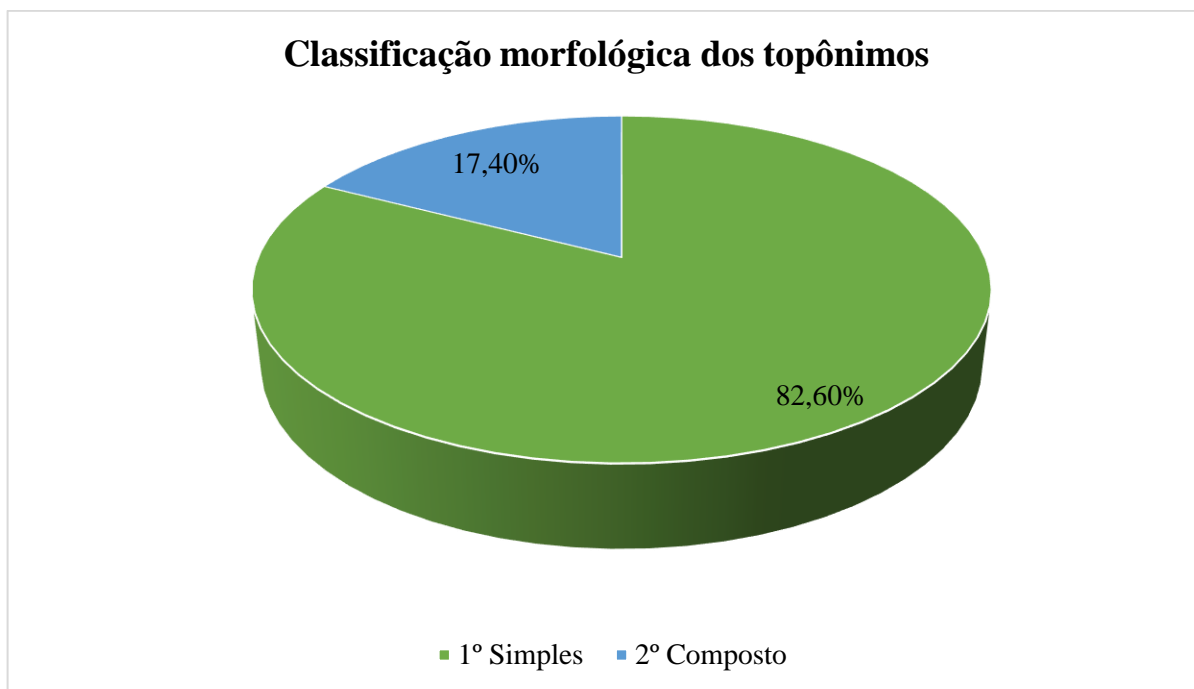
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A predominância de topônimos masculinos (65,2%) em relação aos femininos (34,8%) evidencia dinâmicas culturais e históricas relacionadas às figuras masculinas que influenciaram a nomeação desses lugares. Além disso, a estrutura da língua, que frequentemente adota o gênero masculino como padrão gramatical, pode ter contribuído para essa disparidade. Esses dados, portanto, refletem não apenas escolhas linguísticas, mas também relações sociais e valores culturais que moldaram a toponímia ao longo da história.

5.5 Quanto a morfologia do topônimo

Quanto à classificação morfológica (simples ou composta), observamos que, dos 46 topônimos analisados, 38 (82,6%) são simples e 8 (17,4%) são compostos.

Gráfico 8 - Classificação morfológica



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em relação à forma (singular ou plural), dos 30 topônimos masculinos, 24 estão no singular (Ssing), correspondendo a 52,2% do total de topônimos, e 6 no plural (Spl), correspondendo a 13% do total. Já entre os 16 topônimos femininos, 10 estão no singular (Ssing) correspondendo a 21,7% do total e 6 no plural (Spl), correspondendo a 13% do total.

Quadro 6 - Estrutura morfológica do topônimo (Simples)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TÔPÔNIMO
Nm [Ssing]	16	Carinhanha, Guará, Gorutuba~Gurutuba, Itaguari, Jacaré, Moxotó, Pajeú, Pará, Paracatu, Paraopeba, Riachão, do Salitre, Samburá, Sapão, Sassafrás, do Sítio,
Nm [Spl]	1	dos Milagres.
Nm [ADJsing]	8	Branco, Claro, Escuro, Formoso, Grande, Preto, Preto, Verde.
Nf [Ssing]	10	Brígida, Corrente, Correntina, Ipanema, Jequitai, Pimenteira, da Sôlta, Urucaia, Urucaia, da Volta.
Nf [Spl]	3	das Fêmeas, das Rãs, das Velhas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Esses dados revelam padrões interessantes na formação dos topônimos, considerando o gênero e o número gramatical. Entre os 30 topônimos masculinos analisados, há uma predominância da forma singular, com 24 ocorrências, o que corresponde a 52,2% do total. Em contrapartida, apenas 6 topônimos masculinos aparecem no plural, representando 13%. Esse comportamento pode refletir uma tendência histórica ou cultural de privilegiar o singular ao nomear localidades masculinas.

Quando se observa os topônimos femininos, a distribuição apresenta algumas diferenças. Dos 16 casos analisados, 10 estão no singular, correspondendo a 21,7% do total, enquanto 6 aparecem no plural, também equivalendo a 13%. Apesar de o número total de topônimos femininos ser menor, é interessante notar que a proporção de plural é a mesma encontrada nos masculinos, sugerindo certa uniformidade no uso dessa forma, independentemente do gênero. No entanto, o singular feminino ocorre com menor frequência em relação ao masculino, o que pode indicar uma distinção no tratamento dos gêneros na toponímia.

Em relação à estrutura morfológica dos topônimos compostos, observamos que, no gênero masculino (NCm), 1 topônimo é composto por (Ssing + ADJsing), correspondendo a 2,2% do total de 46 topônimos; 1 topônimo é composto por (Ssing + {Prep + Ssing}), também correspondendo a 2,2% do total; 2 topônimos são compostos por (Prep + Pron), correspondendo a 4,3% do total; e 1 topônimo é composto por (ADJsing + ADJsing), representando 2,2% do total. Já no gênero feminino (NCf), 1 topônimo é composto por (Ssing + ADJsing) (2,2% do total), 1 topônimo é composto por (Ssing + {Prep + Adv}) (2,2% do total) e 1 topônimo é composto por (Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}) (2,2% do total).

Quadro 7 - Estrutura morfológica do topônimo (Composto)

ESTRUTURA MORFOLÓGICA	OCORRÊNCIAS	TÔPÔNIMO
NCm [Ssing + ADJsing]	1	Pará ~ paramirim
NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]	1	Rio de Janeiro
NCm [Prep + Pron]	2	Pratudão, Pratudinho
NCm [ADJsing + ADJsing]	1	Verde Grande
NCf [Ssing + ADJsing]	1	Roda Velha
NCf [Ssing + {Prep + Adv}]	1	Carnaíba de Dentro
NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]	1	Vereda da Tábua

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Observam-se que as ocorrências dos topônimos compostos são menores tanto no gênero masculino quanto no feminino. Essa ocorrência reduzida de estruturas mais complexas pode ser atribuída à preferência por uma concisão. Em outras palavras, ao escolher nomes, é comum optarmos por formas simples e diretas, que facilitam o uso e a memorização, mantendo, contudo, sua relevância cultural ou geográfica. Isto posto, entendemos que as decisões linguísticas na criação de nomes geográficos equilibram praticidade e significado. Embora os nomes simples sejam predominantes, os compostos tendem a emergir quando há necessidade de destacar características históricas, culturais ou geográficas importantes.

Em termos gerais, ao analisar a estrutura dos topônimos, percebe-se que os masculinos e os simples são os mais frequentes, superando os femininos e compostos. Esse padrão sugere uma inclinação histórica e cultural para nomes que transmitam singularidade e autoridade. Nos topônimos relacionados a elementos naturais, essa preferência pode refletir uma visão de posse ou domínio sobre o ambiente, como se a natureza fosse algo a ser identificado e apropriado pelo ser humano.

Nos casos em que os topônimos estão ligados a aspectos culturais, essa tendência pode ser vista como um reflexo de períodos históricos em que figuras masculinas, como exploradores, líderes e outras personalidades, eram amplamente homenageadas, deixando seus nomes associados a territórios. Esse padrão reforça a construção de um imaginário coletivo que valoriza essas figuras na formação simbólica dos espaços, moldando uma memória compartilhada que destaca seu papel na identidade e história dos lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta dissertação foi realizar um estudo linguístico e descritivo do léxico toponímico dos principais afluentes da bacia hidrográfica do rio São Francisco, partindo da hipótese de que esses cursos d'água, por meio de seus nomes, revelariam tanto características naturais do ambiente quanto aspectos das formas de vida e dos povos que primeiro ocuparam suas margens. Na Introdução, descrevemos que os cursos d'água sempre foram percorridos pelo homem que, movido por necessidades e influências do ambiente, demarcou sua permanência através da nomeação.

No Capítulo 1, abordamos a inter-relação entre língua, cultura e sociedade, discutindo as implicações teóricas que entendem a nomeação como uma atividade essencialmente social e cultural. Discutimos as postulações relacionadas a cultura, língua e léxico a partir das contribuições de Sapir (1969), Saussure (2006), Biderman (1987; 2006; 2014), Isquierdo (1997; 2014) e outros. Ao discutir a toponímia e os estudos realizados no contexto brasileiro, aprofundamos nas contribuições teóricas do precursor Dauzat (1926), pioneiro dos estudos toponomásticos; Dick (1990; 1990a), referência nos estudos toponímicos no Brasil, principalmente pelos princípios e modelos taxonômicos; e Seabra (2004), que trata da vertente diacrônica dos nomes de lugares.

No Capítulo 2, descrevemos os fundamentos que sustentaram o interesse pelo corpus desta pesquisa, centrado nos principais afluentes da bacia hidrográfica do rio São Francisco. Este capítulo contextualizou a história e a geografia da região, destacando as peculiaridades que influenciam a nomeação dos afluentes. Além disso, foram explicados os critérios de seleção dos dados. Ressaltamos a importância de estudar essa bacia, uma vez que suas rotas contextualizam a história de ocupação e descoberta de regiões ricas em aspectos naturais e econômicos.

No Capítulo 3, apresentamos a metodologia utilizada para estudar os 46 topônimos selecionados para este estudo, enfatizando que esses afluentes são considerados principais na bacia. Enfatizamos que a estrutura da pesquisa foi descritiva, abordando as características e formas de organização, assim como as fichas lexicográfico-toponímicas utilizadas para o registro sistemático das informações toponímicas deste estudo.

No Capítulo 4, organizamos os dados toponímicos dos 46 afluentes analisados. Cada afluente foi descrito com base em sua estrutura morfológica, expansão toponímica, abonações e ocorrências no banco de dados do Projeto Atlas Toponímico de Minas Gerais (ATEMIG), além de sua origem. A pesquisa realizada mostrou-se satisfatória, revelando registros

interessantes que sugerem diferentes interações desses nomes com espaços histórico-geográficos significativos.

No Capítulo 5, analisamos e discutimos os dados deste estudo, quantificados e apresentados em gráficos, quadros e tabelas. A análise revelou que os topônimos atuam como verdadeiras marcas históricas que a consciência humana projeta no ambiente, permanecendo e se expandindo ao longo do tempo. Essa observação reforça a afirmação de Dick (1990) de que um topônimo pode ser preservado mesmo após o desaparecimento das razões que o originaram, transformando-se em um “fóssil linguístico”. Esse fenômeno ocorre devido à persistência do nome, independentemente da ausência de seu motivo original, refletindo características da geografia humana que perduram na linguagem, mesmo em meio às transformações do espaço físico.

Neste estudo, destacamos a importância da porcentagem de 37% dos topônimos indígenas, em relação à sua origem. Esse percentual, comparado a dados de outras pesquisas na área, apresenta índices relevantes que sugerem a necessidade de um olhar mais atento e o potencial para novos desdobramentos no campo da toponímia. Além disso, esse resultado reforça a importância de estudos voltados para a preservação e compreensão das contribuições culturais indígenas.

A constatação de que a toponímia é, como destacado por Seabra (2004), uma disciplina que se dedica a estudar a língua como expressão fundamental da experiência humana, servindo para transmitir informações e refletir a história das comunidades que nomeiam os lugares, deixa claro, a partir dos resultados deste estudo, que os topônimos são registros carregados de significados culturais, históricos e sociais, funcionando como uma memória coletiva que preserva as vivências e identidades humanas ao longo do tempo, mesmo com as transformações no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil). Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil: Regiões hidrográficas brasileiras. In: **Região Hidrográfica do São Francisco: Diagnóstico e Proposição de Medidas**. Edição Especial. - Brasília: ANA, 2015. Disponível em: <http://www.snirh.gov.br/portal/snirh/centrais-de-conteudos/conjuntura-dos-recursos-hidricos/regioeshidrograficas2014.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2024.

Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (Brasil). **Atlas águas: segurança hídrica do abastecimento urbano**. – Brasília: ANA, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ana.gov.br/sophia_web/asp/download.asp?codigo=151307&tipo_midia=2&IndexSrv=1&iUsuario=0&obra=90683&tipo=1&iBanner=0&iIdioma=0. Acesso em: 06 ago. 2014.

AQUINO, R. F., NASCIMENTO, K. R. F., RODRIGUES, Z. R., VIEIRA, C., MAIA, P. H. P., & COSTA, A.B. (2003). Caracterização hidrogeoquímica e isotópica das águas superficiais e subterrâneas do oeste baiano, Bacia do rio das Fêmeas - Bahia. **Anais do 15º Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos da ABRH**. ABRH Curitiba

BEUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. **Dicionário de vocábulos brasileiros** (edição fac-similar). Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, 81-96, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência. Culto**. São Paulo, v. 2, pág. 35-37, junho de 2006. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00096725200600020001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de set. de 2023.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 22, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 35-37. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 de julho de 2024.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BYNON, Theodora. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, p.261-265.

CAMARA JR. M. J. Língua e Cultura. **Revista Letras**, [S.l.], v. 4, dez. 1955. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046/13227>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CAMPESTRINI, Hildebrando *et al.* **Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: IHGMS, 2014.

CANEDO, D. “**Cultura é o quê?**”. **Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. V ENECULT, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2009.

CARVALHO, A. P. M. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. **Glossário de Topônimos do Bolsão Sul-Mato-Grossense**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. São Paulo: Limiar, 2008, 1ª edição.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. **Litotoponímia Mineira**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. FALE/UFMG. Belo Horizonte, MG, 2018. In: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-B8AFPE>.

CORREIA, Iara Toscano. **(Res)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) – 1961/2013**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013, p. 27.

COSTA, Raquel Pires. **Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010

DEUS, Rebeca Lorena Carrilho Magalhães de. **Os segredos das águas: Um estudo toponímico do território da bacia do Rio Corrente**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus 1, Salvador, 2022.

DICK, M. Vicentina de P. do A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos**. 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: Acta Semiótica et Linguística - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Caminho das Águas, Povos dos Rios, uma visão etnolinguística da toponímia brasileira. In: **Estudos Filológicos e Linguísticos da Língua Portuguesa**. Cadernos do CNLF, vol. V, nº 06 (Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia). Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, UNESP, 2005.

FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno; DAL PIZZOL, Elis Viviana. Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 10-30, ago./dez. 2013

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FREITAS, Cassiane Josefina. **Café com Quebra Torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó-MG**. 2012. Dissertação (de mestrado). Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FREITAS, Cassiane Josefina de. **A Zootoponímia em Minas Gerais**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. FALE/UFMG. Belo Horizonte, MG, 2018. In: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-B46JL5>

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª edição. Livraria José Olympio Editora, 1957.

FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho *et al.* Língua - Sociedade - Cultura: uma relação indissociável. **Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, João Pessoa, n. 14, p. 92-96, dez. 2006. ISSN 2447-9187. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/282>. Acesso em: 26 Nov. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.18265/1517-03062015v1n14p92-96>.

GOMES, Marianna de Franco. **Geomorfotopônimos Históricos**. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf> Acesso em: 20 de fev. 2023.

GREGÓRIO, José (Irmão). **Contribuição indígena ao Brasil**. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980, 3vol.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Nomes & Sobrenomes: Dicionário Etimológico**. São Paulo: AM edições, 1994.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. VII. Campo Grande: Editora UFMS, 2014. p. 63-80.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. Fronteiras – **Revista História UFMS**, Campo Grande, MS, v.1, n. 2, p. 27-46, jul-dez. 1997.

LIMA, Emanuela Cristina. **A toponímia africana em Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LIMA, GERALDA DE OLIVEIRA SANTOS; FREITAG, RAQUEL MEISTER KO. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

MACHADO, JOSÉ PEDRO. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Confluência, 2003.

MARTIN, GABRIELA. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). **Clio-Série arqueológica-UFPE**, v. 1, n. 13, p. 09-41, 1998.

MENDES, LETÍCIA RODRIGUES GUIMARÃES. **Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro**. 2009. 260f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOREIRA, THAMI AMARÍLIS STRAIOTTO. O ato de nomear - da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Anais do XIV CNLF**. Cadernos do CNLF Vol. XIV, Nº 04, TOMO 4. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/2914-2926.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2021.

NEGREIROS, RÔMULO MACEDO BARRETO DE. **As trilhas da morte no Sertão das Pimenteiras-PI (1769-1815): caracterização e reconhecimento arqueológico de um território**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – UFPE. Recife, 2012.

NEMUS. **RP2 – DIAGNÓSTICO CONSOLIDADO DA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO / Volume 1 – Relatório de diagnóstico**. PLANO DE RECURSOS HÍDRICOS DA BACIA HIDROGRÁFICAS DO RIO SÃO FRANCISCO 2016-2025. [S.I]. 2015.

OLIVEIRA, ANA MARIA PINTO PIRES; ISQUERDO, APARECIDA NEGRI. **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA-SILVA, MAIUNE DE; DE PAULA, MARIA HELENA. LÉXICO, MEMÓRIA E HISTÓRIA E SENTIDOS ATRAVÉS DO TEMPO. In.: Murakawa, C. A. A; Nadim, A. L; Ferreira, A. G. D. (Orgs.). **LÉXICO EM CENA: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LEXICAIS**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2016.

PEREIRA, EDSON LEMOS. **Contribuição indígena à hidronímia maranhense**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PEREIRA, RENATO RODRIGUES. **A Toponímia de Goiás: Em busca da descrição de nomes de lugares de Municípios do Sul Goiano**. (Dissertação de Mestrado) Campo Grande: UFMS, 2008.

PIMENTEL, PATRÍCIA DE CÁSSIA GOMES. **A Presença Indígena na Toponímia Mineira**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. In: <http://hdl.handle.net/1843/46507>

PINHEIRO, Ludmila Reis. **Cromotopônimos de Minas Gerais**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. FALE/UFMG. Belo Horizonte, MG, 2024. In: <http://hdl.handle.net/1843/75888>.

RAMOS, R. T. *et al.* Onomástica e possibilidades de releitura da história. In: **Revista Augustus**, ano 15, n. 30. Rio de Janeiro: UNISUAM, agosto de 2010.

RIBEIRO, G. A. O vocabulário de Passos: um recorte lexical no Sul de Minas Gerais. In: **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**, v. I, p. 1654-1660, 2009. http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Gisele%20Aparecida%20Ribeiro%20-%20ok.pdf. Acesso em: 16 jul. 2024.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. 5ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C. . MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS: ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA DE NATUREZA FÍSICA DA COMARCA DE VILA RICA EM REGISTROS CARTOGRÁFICOS HISTÓRICOS. **Revista Brasileira de Cartografia**, [S. l.], v. 67, n. 4, p. 787–803, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/49121>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência: Ensaio**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. p. 16.

SEABRA, M. C. T. C. Referência e Onomástica. In: Magalhães, J. S. de; Travaglia, L. C. (Orgs.). **Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006, 1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo**. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas / Onomastics in different perspectives: research results. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13700/pdf> Acesso em: 11 ago. 2023.

SEABRA, M. C. T. C. (2024). A Onomástica em destaque: da sincronia à diacronia. **Caligrama: Revista De Estudos Românicos**, 27(1), 57–80. <https://doi.org/10.17851/2238-3824.27.1.57-80>

SEABRA, M. C. T. C.; SANTOS, M. M. D. dos. Atlas toponímico de Minas Gerais: a caminho de duas décadas de história. **REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**, v. 67, p. 149-161, 2022

SILVA, P. C. G.; SOUSA, A. P. S. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 260–285, 2017.
Disponível em:
<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7726>.
Acesso em: 26 nov. 2023.

SILVA, Paulo Afonso *et al.* Determinação da Extensão do rio São Francisco. In: Simpósio Brasileiro de SENSORIAMENTO REMOTO, 11., 2003, Belo Horizonte. Anais... São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2004, INPE, p. 393-400.

SILVA, Maiune de Oliveira; PAULA, Maria Helena de. **LÉXICO, MEMÓRIA E HISTÓRIA E SENTIDOS ATRAVÉS DOS TEMPOS**. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange. (org). **LÉXICO EM CENA: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LEXICAIS**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2016.

SIQUEIRA, Gisele Martins; AGUIAR, Maria Suelí de. Linguística histórica comparativa e formação do léxico da língua portuguesa. **II Simpósio Nacional de Letras e Linguística I Simpósio Internacional de Letras e Linguística: Linguagens, História e Memória (25 anos do curso de Letras, Campus Catalão)**. Catalão-GO, p. 381-394, 2011.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 6–19, 2021. DOI: 10.14393/Lex11-v6n1a2020-1.
Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/60925>. Acesso em: 21 set. 2023.

SOUSA, A. M. de; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SOUZA, V. L. **Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Vander Lúcio de. **Caminho do boi, caminho do homem: O Léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2008.

STEWART, George Rippey. **A classification of place names**. Names. Beckerley. v. II. n. 1. Março, 1954, p. 01-13. (Tradução: Prof. Erasmo d'Almeida Magalhães).

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.